

Mayara Matsu Marinho

**TRADUÇÕES COMENTADAS
DE TRÊS CONTOS ORAIS AFRICANOS
COLETADOS POR AMADOU HAMPÂTÉ BÂ**

Florianópolis
2015

Mayara Matsu Marinho

**TRADUÇÕES COMENTADAS
DE TRÊS CONTOS ORAIS AFRICANOS
COLETADOS POR AMADOU HAMPÂTÉ BÂ**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Lima

Florianópolis
2015

Marinho, Mayara Matsu.

Traduções comentadas de três contos orais africanos coletados por Amadou Hampâté Bâ/ Mayara Matsu Marinho. – Florianópolis, 2015.

143 f. : il. ; 14,81cm 21cm.

Dissertação (Mestrado Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

Bibliografia: f. 137-143.

1. Tradução e paratradução. 2. Literatura africana. 3. Contos.
I. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Marcelo Cavaglieri CRB 14/1094

Mayara Matsu Marinho

**TRADUÇÕES COMENTADAS
DE TRÊS CONTOS ORAIS AFRICANOS
COLETADOS POR AMADOU HAMPÂTÉ BÂ**

Esta Dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de “Mestre em Estudos da Tradução”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Florianópolis, 27 de fevereiro de 2015.

Profa. Dra. Andréia Guerini
Coordenadora do Curso

Banca examinadora:

Prof. Dr. Ronaldo Lima
Orientador
UFSC

Profa. Dra. Clarissa Laus Pereira Oliveira
UFSC

Profa. Dra. Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão
UFSC

Prof. Dr. Gilles Jean Abes
UFSC

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento e finalização desta dissertação.

RESUMO

A presente dissertação se desenvolve a partir do trabalho de tradução e paratradução de três contos da coletânea intitulada *Il n'y a pas de petite querelle*, publicada na França, pela primeira vez, em 1999, e recolhidos por Amadou Hampâté Bâ (1900-1991), escritor, historiador, etnólogo, poeta e contador, nascido na cidade de Bandiagara, Mali. Trata-se de uma reunião de treze contos, em língua francesa, da tradição oral da região oeste da África, dos quais três foram selecionados para traduzirmos para o português brasileiro neste trabalho: *La querelle des deux lézards ou Il n'y a pas de petite querelle*, *La fille au masque de bois ou Le piège des apparences* e *Le berger bossu-bossu ou Le cavalier solitaire*. O objetivo desta pesquisa consiste em discutir a tradução como mecanismo de mediação cultural, assim como analisar algumas diferentes estratégias tradutórias que permitam que o leitor, externo à cultura do texto fonte, perceba o estrangeiro africano, malinês, fula, nesses três textos fixados a partir da tradição oral. Para conduzir cientificamente a presente investigação, adotam-se as perspectivas teórico-metodológicas propostas por três teóricos da tradução: o primeiro, Antoine Berman, trata do conceito de ética em tradução; o segundo, Gérard Genette, discute aspectos paratextuais; e o terceiro, José Yuste Frías, desenvolve a noção de paratradução. Finalmente, destacamos a motivação pessoal desta mestranda em buscar sublinhar uma área ainda pouco estudada no universo literário brasileiro, que é a literatura malinesa.

Palavras-chave: tradução e paratradução, literatura africana, contos.

RÉSUMÉ

La présente dissertation se développe à partir du travail de traduction et de paratraduction de trois contes de l'anthologie intitulée *Il n'y a pas de petite querelle*, publiée en France, pour la première fois, en 1999, et recueillis par Amadou Hampâté Bâ (1900-1991), écrivain, historien, ethnologue, poète et conteur, né dans la ville de Bandiagara, Mali. Il s'agit d'une réunion de treize contes, en langue française, de la tradition orale de la région ouest de l'Afrique, dont trois ont été sélectionnés pour que nous traduisions dans ce travail : *La querelle des deux lézards ou Il n'y a pas de petite querelle*, *La fille au masque de bois ou Le piège des apparences* et *Le berger bossu-bossu ou Le cavalier solitaire*. L'objectif de cette recherche est de discuter la traduction comme mécanisme de médiation culturelle, ainsi qu'analyser quelques différentes stratégies traductives qui permettent au lecteur, extérieur à la culture du texte source, de percevoir l'étranger africain, malien, peul, dans ces trois textes fixés à partir de la tradition orale. Pour conduire scientifiquement cette investigation, nous adoptons trois perspectives théorique-méthodologiques proposées par trois théoriciens de la traduction : le premier, Antoine Berman, traite du concept de l'éthique en traduction ; le deuxième, Gérard Genette, discute des aspects paratextuels ; et le troisième, José Yuste Frías, développe la notion de paratraduction. Finalement, nous précisons la motivation personnelle de cette étudiante à essayer de souligner un domaine encore peu étudié dans l'univers littéraire brésilien, qui est la littérature malienne.

Mots-clés : traduction et paratraduction, littérature africaine, contes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Distribuição dos fulas na África	33
Figura 2 – Mapa do Mali e suas oito regiões.....	45
Figura 3 – Mapa da África do Oeste	45
Figura 4 – Capa do livro <i>Il n'y a pas de petite querelle</i>	50
Figura 5 – Cidade de Bandiagara	109
Figura 6 – Cidade de Bandiagara	109
Figura 7 – Senhora sacudindo odre	112
Figura 8 – “ <i>Barattes</i> ” feitas de barro.....	113
Figura 9 – Mulher africana trançando um cesto	114
Figura 10 – Vilarejo malinke na “brousse”, África.....	115
Figura 11 – Morro do Chapéu, Mato Grosso do Sul, Brasil.....	115
Figura 12 – Árvore <i>Diospyros mespiliformis</i>	117
Figura 13 – Fruto da árvore <i>Diospyros mespiliformis</i>	117
Figura 14 – Árvore <i>Commiphora africana</i>	132
Figura 15 – Fruto da árvore <i>Commiphora africana</i>	132

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I – TRADUÇÃO: ASPECTOS TEÓRICOS, CULTURAIS, POLÍTICOS E CONCEITUAIS	23
1.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	23
1.2 ASPECTOS CULTURAIS E POLÍTICOS DA TRADUÇÃO	28
1.3 TRADUZIR LITERATURA ORAL AFRICANA NO BRASIL: PROPOSTA E METODOLOGIA	34
CAPÍTULO II – AMADOU HAMPÂTÉ BÂ: PANORAMA BIOGRÁFICO E LITERÁRIO	37
2.1 LITERATURA AFRICANA EM LÍNGUA FRANCESA	37
2.2 AMADOU HAMPÂTÉ BÂ: VIDA E OBRA	43
2.3 <i>IL N'YA PAS DE PETITE QUERELLE</i> : TEXTO E CONTEXTO ..	47
CAPÍTULO III – TRÊS CONTOS AFRICANOS COLETADOS POR AMADOU HAMPÂTÉ BÂ E SUAS TRADUÇÕES	53
3.1 A BRIGA DAS DUAS LAGARTIXAS <i>OU NÃO EXISTE PEQUENA BRIGA</i>	54
3.2 A MENINA DA MÁSCARA DE MADEIRA <i>OU A ARMADILHA DAS APARÊNCIAS</i>	64
3.3 O PASTOR CORCUNDA-CORCUNDA <i>OU O CAVALEIRO SOLITÁRIO</i>	81
CAPÍTULO IV – TEXTO, CONTEXTO, TRADUÇÃO, PARATRADUÇÃO	107
4.1 AFRICANISMOS, REGIONALISMOS E REFERÊNCIAS CULTURAIS LOCAIS	107
4.2 COLOQUIALISMOS, EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS E PROVÉRBIOS	121
4.3 QUESTÕES MORFOSSINTÁTICAS, ASPECTOS FONOLÓGICOS E NOMES PRÓPRIOS	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	137

INTRODUÇÃO

O presente estudo centra-se em contos africanos veiculados oralmente em língua autóctone ao longo de vários séculos, até serem coletados no século XX pelo etnólogo e poeta malinês Amadou Hampâté Bâ (Bandiagara, 1900 - Abidjan, 1991), que os transcreveu em francês, língua franca em território malinês e em outros países africanos durante o período colonial. Selecionamos três dos treze contos do livro para traduzi-los à variante brasileira da língua portuguesa, vislumbrando sua futura publicação. Essa escolha deve-se ao fato de que dois dos contos apresentam temáticas parecidas, e assim podemos escolher estratégias tradutórias similares, enquanto o terceiro conto diverge em sua temática, para que possamos explorar outros tipos de estratégias tradutórias. Desde já, percebe-se que os contos aqui analisados possivelmente passaram pelo filtro de três traduções: a compilação seletiva de diferentes versões de um mesmo conto em língua africana; o registro e a publicação em língua francesa; a versão que apresentamos aos leitores brasileiros.

Por conseguinte, os objetivos desta pesquisa são: (1) contribuir para a divulgação da literatura do Mali no Brasil, a partir da tradução de três contos coletados por Hampâté Bâ e sua posterior publicação, considerando que no Brasil há poucas traduções da literatura africana de língua francesa, o que inclui o Mali; (2) analisar o processo tradutório, considerando que a tradução é um diálogo entre culturas que promove o conhecimento do Outro, e observando quais estratégias são mais adequadas para evitar o apagamento ou a exotização desse Outro.

Tendo em conta que, no Brasil, a disciplina dos estudos de tradução se desenvolveu com suporte em trabalhos realizados em áreas como a linguística, a filologia, a filosofia e a antropologia, entre outras, os postulados científicos aqui articulados provêm de teóricos europeus. Sublinhamos que os contos aqui analisados apresentam-se em forma de tradução indireta, já que estamos lidando com literatura interpretada e traduzida primeiramente por Hampâté Bâ. Como consta em algumas das notas de rodapé do livro em questão, o autor afirma que existem outras fixações de certos contos, outras versões, outras interpretações (BÂ, 2005).

Realizar uma pesquisa pontual na área dos Estudos de Tradução implica aceitar a coexistência de diferentes métodos e bases epistemológicas para uma antiga ciência. Dessa coexistência de modelos teóricos e metodológicos decorre a dificuldade em se propor modelo único para a resolução de problemas gerais em tradução, já que se trata

de um campo de estudos de natureza interdisciplinar. O espaço de trabalho e de reflexão do tradutor é o texto cujo estudo demanda o diálogo entre vários ramos científicos, focados nas relações entre língua/linguagem e cultura, entre indivíduos e sociedade, entre os humanos e seus entornos naturais e urbanos, entre literatura e leitores etc. Logo, o tradutor deve traduzir o texto com igual atenção a seus paratextos, tarefa em que assumem grande importância os conceitos de “paratexto”, de Gérard Genette (1982, 2009), e de “paratradução”, tal como propõe José Yuste Frías (2010).

Se, para melhor estudar um objeto, conforme sugere Pedro Demo (2006), é preciso delimitá-lo, recortá-lo e definir um ângulo específico para sua abordagem, percebe-se o quão complexa é a tarefa do tradutor que, por sua vez, deve abordar um objeto cuja natureza é dialógica, polissêmica, conotativa e flutuante: o texto, seja ele literário ou não literário. Nesse sentido, as modernas teorias da tradução, em sua natureza exegética e hermenêutica, adotam categorias de análise que se abrem sobre um amplo espectro de perspectivas linguísticas, antropológicas, sociológicas, históricas, políticas e editoriais, reciprocamente articuladas no texto e com o texto, tal como propõe, por exemplo, Gérard Genette (1982, 2009) em suas noções de hipertexto, hipotexto, paratexto, peritexto e epitexto cujos prolongamentos conduzem à noção de “paratradução” desenvolvida por José Yuste Frías (2010).

Demo (2006), ao tratar da crise do conhecimento decorrente das divergentes perspectivas científicas pós-modernas, afirma que somente podem ser considerados científicos os estudos que, paradoxalmente, sejam passíveis de contestação e crítica. Demo sustenta a ideia de que o máximo que se pode alcançar em ciência, sobretudo no que se refere a pesquisas realizadas no âmbito das humanidades, são aproximações a partir de determinados pontos de vista. Por tal razão, a ciência atual está pautada em métodos que buscam resultados válidos e verificáveis, mas provisórios e abertos à contestação. Logo, no presente estudo de tradução, adota-se como premissa a proposta de Roland Barthes (1987: 11) que se inscreve no espaço entre uma “margem sensata” e uma “margem móvel”: justamente na fenda, ou seja, no espaço de fricção entre dois polos em pressuposta oposição, ponto no qual emerge o prazer do texto, ou, como observa Álvaro Faleiros em palestra citada por Ronaldo Lima (2012, p. 30), agrega-se “sangue novo” ao texto fenecido. As fendas, onde ocorrem as fricções, tornam a tradução uma matriz fecunda para a manutenção da obra literária ao longo dos séculos e para sua projeção para além do espaço cultural em que foi produzida.

A tradução, como no presente estudo em que o objeto parte do registro da literatura oral africana para o texto escrito, poderia ser considerada como instrumento de fixação de lembranças, assim como um mecanismo para a preservação e difusão das literaturas ditas “minoritárias”. Toda e qualquer tradução abre-se sobre a “margem móvel” mencionada por Barthes (1987) e, por esse viés, reveste-se de traços de transgressividade, no sentido de que a tradução, intralinguística ou intersemiótica, implica alterações de ordem diversa. Se a tradução é inerentemente transgressora, falar de fidelidade ou infidelidade tradutivas levaria às seguintes perguntas: (in)fidelidade a quem ou a quê? À significação lexical? Às estruturas frasais? Ao sentido do texto (em detrimento da forma)? À forma do texto (em detrimento do sentido)? À métrica, rima, ritmo, sonoridade (em detrimento do conteúdo semântico)? Ao caráter estrangeiro do texto? Aos traços antropológicos, políticos, culturais? Logo, certifica-se que a questão é complexa e a simplificação científica só pode ser minimizada a partir de processos metodológicos que remetem à delimitação.

Como se deduz das ideias de Barthes (1987) sobre o texto literário e suas fendas transgressoras, a tradução implica confronto, fricção, indecidibilidade. Uma das características mais salientes da tríade (teoria, crítica e prática) sobre a qual se estrutura a atividade do tradutor, encontra-se na própria etimologia do termo “tradução”, derivado do latim “traducere”: conduzir (“ducere”) através (“trans”). Em outros termos, trata-se de transferência, passagem, transporte, transformação, transgressão, transitoriedade.

Como decorrência das reflexões acima, infere-se que posicionamentos binaristas podem ser considerados improdutivos no que se refere às análises realizadas nos estudos da tradução. Contudo, muito se discute ainda sobre binarismos antitéticos tais como “literal” e “não literal”, “domesticação” e “estrangeirização”, “respeito” e “transgressão”. Todos os processos de interpretação e retextualização implicam mudanças e alterações que, por sua vez, podem ser consideradas como meio para a manutenção e a expansão do texto. Esse processo se manifesta na fórmula lançada por Paul Valéry, poeta francês, e retomada pelo comparatista Daniel-Henri Pageaux para tratar, sob forma de metáfora, das relações entre determinada obra e suas sucessivas leituras e retextualizações, entre as quais se encontra a tradução: “crescimento natural de uma flor artificial” (PAGEAUX, 2001, p. 27, tradução nossa¹). Em direção convergente, para se

¹ “La croissance naturelle d’une fleur artificielle”.

retomarem as ideias propostas por Álvaro Faleiros e ampliadas por Ronaldo Lima (2012), trata-se, por meio da tradução, de agregar “sangue novo” à obra que, em certo sentido, se esvanece se não for atualizada sociológica, antropológica e politicamente.

No caso do presente estudo sobre a tradução de três contos orais africanos, coletados por Amadou Hampâté Bâ, consideram-se alguns dos processos que a literatura malinesa de língua francesa experimentou, assim como leva-se em conta o contexto histórico-social vivenciado pelo escritor. Tais aspectos condizem com os conceitos de paratradução de José Yuste Frías (2010) e de paratexto de Gérard Genette (1982, 2009). Adotamos também como quadro referencial a questão da ética de Antoine Berman (2013), para traduzirmos os contos e analisarmos nossas estratégias tradutórias que, em certo sentido, buscam promover um diálogo indireto entre as culturas brasileira e malinesa, africana. Essa aproximação, através da tradução, busca contornar eventuais esterótipos que exotizam demasiadamente – ou contrariamente ofuscando – o estrangeiro na adaptação do texto fonte para o contexto do leitor brasileiro. Dessa forma, questionamos os momentos e passagens em que alguns desses desafios tradutórios surgem como obstáculos aparentemente intransponíveis, assim como as diferentes alternativas que apresentamos e escolhemos. Relembramos que vislumbramos as traduções aqui apresentadas como material para publicação, já que, no Brasil, ainda são poucas as traduções de literatura de língua francesa da África, particularmente no que se refere à obra de Amadou Hampâté Bâ, escritor já falecido. Com relação às traduções de suas obras literárias, há apenas traduzido no Brasil seu livro de memórias, *Amkoullel, o menino fula*, publicado em 2003 pela Palas Athena, Casa das Áfricas, além de alguns de seus textos teóricos também.

Finalmente, cabe sublinhar que tentamos nos afastar de abstrações generalizantes em relação à complexidade de povos e nações africanas. Inicialmente, pensamos que trataríamos de literatura africana, para depois sermos conduzidos à literatura do Mali e à questão da oralidade. Observamos na sequência que trataríamos também de alguns traços próprios à etnia e à língua fula. Para tanto, consideramos especificidades salientadas nas próprias anotações oferecidas por Amadou Hampâté Bâ com respeito às diversidades étnicas, antropológicas e culturais daquele continente: “não há *uma* África, não há *um* homem africano, não há *uma* tradição africana válida para todas as regiões e todas as etnias” (BÂ, 2008, p. 14).

Enfatizamos, uma vez mais, que traduzimos da língua francesa para a língua portuguesa brasileira, mas a base cultural a que se referem

os contos desemboca em resquícios, traços e fragmentos de uma parcela específica da cultura oral africana, razão do título desta dissertação de mestrado. Nessa perspectiva, vale notar que os nomes referentes às diferentes etnias, línguas e aspectos da(s) cultura(s) africana(s) apresentam diferentes grafias na língua portuguesa brasileira e, por isso, optamos por uniformizá-las, para melhor compreensão do texto por nosso leitor. As grafias foram escolhidas de acordo com o maior número de suas ocorrências encontradas em textos brasileiros.

Nas páginas a seguir, o leitor encontrará um estudo que se estrutura segundo quatro eixos: 1) aspectos teóricos e conceituais da tradução; 2) aspectos biobibliográficos de Amadou Hampâté Bâ e sua obra; 3) a versão em francês e em português brasileiro de três contos africanos; 4) a análise paratradutiva da versão em português.

CAPÍTULO I – TRADUÇÃO: ASPECTOS TEÓRICOS, CULTURAIS, POLÍTICOS E CONCEITUAIS

Neste primeiro capítulo, buscamos explicar os fundamentos linguísticos e literários do presente trabalho, seus objetivos, a metodologia utilizada para a execução das tarefas e os resultados esperados. Para tanto, num primeiro momento, discorreremos sobre os pressupostos teóricos que orientam nossa pesquisa e seu componente dedicado à prática tradutória, em seguida tratamos dos aspectos culturais e políticos decorrentes da nossa hipótese de trabalho, para finalizarmos com reflexões sobre a tradução de literatura oral africana no âmbito do sistema literário brasileiro.

1.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O trabalho de tradução e sua respectiva análise, objetos do presente estudo, partem de uma das premissas da linguística de Ferdinand de Saussure (2006), que converge com parte dos postulados de Charles Darwin (1809-1882), ao adotar a seguinte afirmação:

Se pudéssemos abarcar a totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos, atingiríamos o liame social que constitui a língua. Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo (SAUSSURE, 2006, p. 21).

Se, como diz Saussure, a língua é um fato social e representa a capacidade humana de simbolizar, pode-se deduzir que a língua é um reflexo de traços das sociedades incitados por suas relações com seus entornos social e natural. Para Darwin, os indivíduos se adaptam ao meio em que vivem, inclusive em termos de especializações físico-morfológicas. Portanto, no caso dos humanos, as línguas espelham essas relações e moldam-se a partir do contato dos seres vivos com o meio natural, antropológico, social e político que os circundam. As leis naturais, sob forma de conhecimento empírico ou de saberes tradicionais, definem grande parte das referências linguísticas e culturais

desenvolvidas por um povo ao longo de sua existência. A cultura, nessa perspectiva, pode ser definida como um amplo leque de soluções que grupos humanos criam, adaptam ou adotam como respostas aos problemas trazidos pelo entorno natural ou social (CLAXTON, 1994). Entre as manifestações da cultura que interessam ao trabalho do tradutor, encontram-se a língua e suas manifestações textuais, como a literatura no caso presente.

Nesse sentido, Mervyn Claxton (1994), em documento publicado pela UNESCO, define “cultura” como um conjunto de traços distintivos, de natureza espiritual e material, intelectual e afetiva, que distinguem uma sociedade, um povo ou um grupo social, conjunto que abarca as diferentes artes e a literatura, assim como os modos de vida, sistemas de valores, tradições e crenças, direitos individuais e coletivos fundamentais. Nesse quadro, mais uma vez, sublinhamos a presença da literatura. Por outro lado, é preciso observar que, no embate simbólico por posições de prestígio e força que ocorre entre segmentos sociais, povos, nações ou continentes, a literatura e a língua (entre outras formas de manifestação cultural) servem como instrumento de conquista ou resistência, podendo conceder à tradução essa mesma função.

Em *A Tradução e a Letra ou O Albergue do Longínquo*, Berman (2013) estabelece as seguintes distinções para as traduções normativas mais praticadas: a etnocêntrica é a tradução naturalizante, que traz tudo à própria cultura, apagando o Estrangeiro, o Outro; a hipertextual é a tradução que remete a textos anteriores, seja por imitação, pastiche, paródia, dentre outras formas; a última é a platônica, que separa a letra e o sentido, traduzindo este último (espírito) em detrimento do primeiro (matéria). A separação platônica é o “famoso corte entre o ‘sensível’ e o ‘inteligível’, o ‘corpo’ e a ‘alma’; corte que se encontra em São Paulo com a oposição entre o ‘espírito’ que ‘vivifica’ e a ‘letra’ que ‘mata’” (BERMAN, 2013, p. 43). Em respectiva contraposição a esses três tipos de tradução, o teórico francês distingue: a tradução ética, que respeita a letra do texto; a poética, que é criativa e considera a materialidade da palavra; e a pensante, que reflete sobre o texto como letra (BERMAN, 2013).

Berman busca investigar as fronteiras para além das teorias dominantes citadas, percurso intelectual em que identifica e analisa treze tendências deformadoras da letra, a que ele chama de “analítica da tradução” (BERMAN, 2013, p. 35), com foco sobretudo nas traduções denominadas “etnocêntrica” e “hipertextual”, já que o próprio pensador francês afirma que a platônica pediria mais longas discussões. Antes de explanarmos sobre essas tendências, veremos qual é a tradução

considerada ideal por Berman (2013). Ele diz que toda tradução etnocêntrica é hipertextual e vice-versa, já que o objetivo da primeira é que o leitor leia o texto traduzido como se fosse um texto em sua própria língua, e para que esse objetivo seja alcançado, o tradutor recorre então a recursos literários, lugar onde a tradução etnocêntrica se torna hipertextual, pois é preciso usar exemplos, textos anteriores em que se basear para se atingir esse “texto ideal”. Um exemplo desse tipo de tradução são as *Belas Infieis* dos séculos XVII e XVIII, em que o tradutor introduzia muitas mudanças na forma e no conteúdo da obra estrangeira para que esta parecesse ser parte da literatura francesa e fosse aceita pelo público francês daquela época (BERMAN, 2013).

Berman distingue ainda a tradução livre da tradução literal, afirmando que o ideal é buscar o equilíbrio entre as duas (BERMAN, 2013). A tradução livre traduz a forma, ritmos, rimas, alterando alguns elementos do original quando necessário, e a tradução literal não é a tradução palavra por palavra, como muitos acreditam (tradução servil), mas sim a tradução da letra, que é o significante. Traduzir dessa forma seria diferente de simplesmente encontrar um equivalente que alteraria tanto o conteúdo quanto a forma, mesmo que mantivesse o sentido. Um exemplo citado pelo autor concerne à tradução de provérbios, em que se pode traduzir de maneira servil (palavra por palavra), pode-se encontrar um equivalente na língua alvo (tradução etnocêntrica e hipertextual), ou traduzir a letra (entre literal e livre), que leva em conta tanto a forma quanto o conteúdo/significante. Pelo mesmo viés, Friedrich Schleiermacher (2010) afirma que “ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro” (SCHLEIERMACHER, 2010, p. 57). Na opção da tradução da letra em consonância com as ideias de Berman, acrescenta-se um toque de estranheza ao texto traduzido, trazendo o Outro, o Estrangeiro à cultura alvo e fazendo “da língua para a qual se traduz ‘o albergue do longínquo’” (BERMAN, 2013, p. 22), induzindo-se o leitor ao contato e ao conhecimento de aspectos alheios à sua cultura e ao seu cotidiano.

Com relação às equivalências buscadas na língua alvo pelo tradutor quando da tradução de um provérbio, Berman critica essa postura por ela ser claramente etnocêntrica, dizendo que “traduzir não é buscar equivalências” (BERMAN, 2013, p. 84). Contudo, a equivalência pode eventualmente apresentar-se como um fato tradutório positivo, pois cada tradução tem uma função específica e um leitor ideal: crianças, adolescentes, adultos, estudantes, técnicos, leitores assíduos ou ocasionais etc. Por exemplo, se uma editora quer lançar uma edição de

um livro em formato adaptado para crianças, o tradutor deverá optar por diversas das tendências ditas deformadoras, para atender a essa demanda. A equivalência também consiste em uma estratégia tradutória pertinente, em casos específicos. Tal é o que se infere igualmente das ideias de Christiane Nord (2006), em sua teoria funcionalista da tradução:

É suposto que toda tradução atinja um propósito comunicativo particular na audiência alvo, e se analisarmos quem será a audiência alvo e o que ela espera e necessita, podemos ficar mais aptos a entregarmos um produto que caiba em suas necessidades e expectativas (NORD, 2006, p. 133, tradução nossa²)

Mas, ao mesmo tempo, segundo Berman (2013), o texto busca a ligação da letra e do sentido, fato que torna a tradução uma traição e uma impossibilidade: a poesia, nesse caso, seria intraduzível, já que a relação entre som e sentido é incognoscível e infinitamente variada, jamais inteiramente pressentida e muito menos traduzida ou reproduzida. Por tal razão, considera-se como um valor positivo a intraduzibilidade de um texto, pois essa característica implica o julgamento de que há ali um verdadeiro texto (BERMAN, 2013). Desse contexto decorrem as crenças de que traduzir é trair e de que traduções raramente poderão ser boas o suficiente, como afirma Berman:

Traduzir é suspeito, porque desdenha um valor essencial do texto. Se este *quer* unir em si a letra e o sentido indissociavelmente, a tradução só pode ser traição, mesmo se essa traição é necessária à própria existência dos intercâmbios e da comunicação. (...) É o que expressam as *metáforas* sobre a tradução em toda a história ocidental, e também o fato de que a tradução só consegue ser “definida” por metáforas (BERMAN, 2013, p. 56)

² “Every translation is intended to achieve a particular communicative purpose in the target audience, and if we analyse who the target audience will be and what they may need and expect, we might be better able to deliver a product that suits their needs and expectations”.

Há diversas metáforas que descrevem a atividade de traduzir como prática artificial que deixa o texto original encoberto, uma tarefa que está sempre incompleta e inacabada: “Uma música composta para um instrumento não é executada com sucesso num instrumento de outro gênero” (STAËL apud BERMAN, 2013, p. 58) e “Eu o comparo ao estribeiro que pretende fazer executar ao seu cavalo movimentos que não lhe são naturais” (GIDE apud BERMAN, 2013, p. 58). Para conseguirmos ver mais claramente os aspectos positivos da tradução, é preciso então perscrutar para além dos conceitos tradicionais e das teorias em voga, procedendo-se à análise positiva das tendências deformadoras que emergem de toda tradução (BERMAN, 2013). Essas tendências, quando aplicadas automaticamente pelo tradutor em razão de uma forte tradição de culturas etnocêntricas, podem ser analisadas e explicadas, induzindo o tradutor ao exercício mais consciente de sua tarefa (BERMAN, 2013), já que as tendências levam ao apagamento da letra, sobretudo quando priorizam somente o sentido e a estética do texto.

Por sua vez, Gérard Genette, em *Palimpsestes* (1982) e *Paratextos editoriais* (2009), propõe categorizações para o estudo do texto. Ao mesmo tempo em que estratifica aspectos ligados ao texto, abrindo-o a análises sistemáticas, o teórico lança os germens para considerações que ultrapassam o âmbito dos textos enquanto forma. O que poderia ser imaginado como uma proposta pontual, com itens circunscritos por fronteiras estanques, logo se transforma em posicionamento de natureza dialógica e intertextual. Ao propor, em *Palimpsestes*, a consideração de componentes peritextuais e epitextuais, sua proposta remete aos trabalhos de teóricos como Schleiermacher (2010), em que se examinam, para além das informações que emanam dos textos, certos fatos e agentes indiretamente articulados com o texto, mas que incidem de forma decisiva sobre as possibilidades que se oferecem ao tradutor.

Segundo José Yuste Frías (2010), tradutores traduzem textos, para muito além das meras línguas trabalhadas. Por sua vez, os textos são entidades que existem a partir de situações de leitura que se iniciam no momento em que são editados, sempre acompanhados por seus paratextos. A contribuição de Frías para os estudos da tradução centra-se na noção de “paratradução” que, em grandes linhas, sustenta a ideia de que os tradutores traduzem os textos e paratraduzem os paratextos.

Frías (2010) estrutura seus postulados teóricos a partir das contribuições de Genette (1982, 2009) e afirma que toda e qualquer atividade de tradução se reveste da necessidade em se fazer convergir

para o cerne textual o máximo de informações peritextuais e epitextuais que se possam acessar. No caso do presente estudo sobre a obra de Amadou Hampâté Bâ, foram analisados diversos peritextos e epitextos para podermos compreender o contexto histórico-social em que o escritor viveu e os contos que transcreveu, com o objetivo de praticar a tradução em consonância com a ética de Berman (2013). Trata-se então de considerar, nesta investigação, aspectos peritextuais e epitextuais que envolvem o processo tradutológico de três contos selecionados por esta pesquisadora, dentre os treze contos reunidos pelo malinês Hampâté Bâ, em seu livro intitulado *Il n'y a pas de petite querelle*.

Uma das grandes contribuições de Genette (1982, 2009), que converge com as propostas teóricas de Berman (2013), diz respeito à importância dos elementos paratextuais. O uso de paratextos, enquanto procedimento de auxílio à tradução, consiste em uma prática realizada há séculos. Segundo Frías (2010), as situações de leitura concedem existência aos textos, razão pela qual acreditamos que a proposta de Genette (1982, 2009), referente aos elementos peritextuais e epitextuais, complementa-se com a perspectiva de Berman (2013), sobretudo no que concerne ao paratexto e às práticas éticas de tradução comentada.

No caso de Hampâté Bâ, com o auxílio de notas de rodapé, epígrafes, introduções, o livro em questão propõe ao leitor uma série de informações sobre aspectos que poderiam ser opacos ou pouco transparentes no que se refere à cultura retratada no texto. Portanto, para tentarmos alcançar os objetivos desta pesquisa, utilizaremos as perspectivas teóricas de Berman (2013) e seu conceito de ética na tradução, os aspectos peritextuais e epitextuais de Genette (1982, 2009) e a paratradução de Frías (2010).

1.2 ASPECTOS CULTURAIS E POLÍTICOS DA TRADUÇÃO

No Ocidente, os processos de urbanização e industrialização aceleradas, acompanhados do intenso êxodo rural e da universalização do ensino escolar, conduziram à progressiva redução dos vínculos diretos dos seres humanos com os ambientes naturais, como os espaços rurais, florestais, fluviais, lacustres e marítimos, montanhosos ou desérticos, entre outros; fato que resultou no apagamento das experiências humanas com as leis e as entidades “naturais”. Esse processo parece tornar-se um fenômeno global, pois é atualmente intensificado com o advento das redes de comunicação informatizadas que, direta ou indiretamente, alcançam grande parte da população mundial. Por outro lado, em todas as regiões em que ainda havia um

número expressivo de sociedades isoladas, a instauração de Estados independentes e centralizados terminou por atrair os indivíduos para o modo de vida urbano, apresentado como modelo ideal pelos meios de comunicação e pelo ensino escolar.

Ao longo dos últimos séculos, no embate entre Estado mercantil-desenvolvimentista e sociedades tradicionais, as tradições das sociedades ditas “primitivas”, suas crenças, seu modo de vida, sua arte e sua cultura, mas também sua língua ou dialeto, foram vistas como obsoletas. Tal é o que acontece após as independências nacionais nas Américas, com os povos autóctones, as comunidades quilombolas ou ribeirinhas, as comunidades de pescadores ou pequenos produtores rurais, por exemplo: o célebre Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, representa a simbolização desse processo de exclusão social, desse embate entre centro e periferia, entre espaço urbano e espaço rural. No caso específico da África, os processos de independência nacional se processaram em grande parte na segunda metade do século XX, marcando também a instauração de línguas oficiais, capitais federais e sistemas centralizados de governo. Tais condições acentuaram os movimentos de êxodo rural e de urbanização, com profundas consequências na cultura, na língua e na literatura.

No interesse do presente estudo, cabe sublinhar o fato de que os povos que convivem mais estreitamente com os elementos da natureza se referem, de forma recorrente, às repetições cíclicas naturais como formas de sabedoria em relação à preservação das espécies (como a noção desenvolvida também por Darwin). Eis, na possível confluência de Saussure e de Darwin, justamente um dos princípios das fábulas, em sua estreita ligação com o espaço rural: o desenvolvimento de narrativas com ensinamentos que terminam em lições de moral de caráter universalizante, visões que, por vezes, perduram por gerações, com fins preservacionistas da concatenação social. O sucesso das fábulas, tanto orais quanto escritas, assim como em suas versões adaptadas para o teatro, o cinema ou as histórias em quadrinhos, é um fenômeno persistente na história da literatura, como se observa em exemplos que se estendem do *Panchatantra* (c. séc. III) a *Kalila e Dimna* (c. séc. VIII), do *Livro do Tigre e do Raposo* (c. séc. IX) às fábulas de La Fontaine (séc. XVII). Nos contos africanos coletados por Hampâté Bâ, tal como também ocorre nas fábulas indianas, persas, árabes, europeias e ameríndias, os animais percebem, concebem e se exprimem, exatamente como fazem os humanos. Essas referências remetem a entidades mitológicas ou fantásticas, condicionadas por motivações provindas de experiências sensíveis e empíricas, provavelmente atestadas e estocadas

como sabedoria a ser repassada às novas gerações, sob forma de narrativas orais.

A transmissão oral de contos, lendas e fábulas parece estar ligada, em primeira instância, a processos interpretativos que, segundo Seleskovitch e Lederer (1984) se relacionam com uma etapa cognitiva de desverbalização, que posteriormente se articula com uma atividade tradutória propriamente dita, uma vez que se realiza a transposição ou a recodificação das referências linguísticas quando da elaboração da versão escrita dessas narrativas orais. Portanto, a fixação escrita de textos orais seria resultado de processos de representação que implicam agente interpretante e registro indireto. A literatura oral é recorrente no continente africano, em razão da tradição da oralidade como forma de transmissão cultural e de relacionamento social, como se observa no significativo exemplo da “árvore das palavras”, prática ancestral africana que consiste em reuniões de discussão ou criação coletiva, às vezes ao pé de um baobá, para se resolverem conflitos ou se buscarem soluções para problemas coletivos ou individuais, tal como discorre Jacques Chevrier, em seu livro intitulado *L'Arbre à palabres* (2005). A oralidade é, nesse contexto, o “laço de continuidade e de solidariedade sem o qual não existe nem história nem civilização” (CHEVRIER, 2005, p. 9, tradução nossa³). Vale ressaltar a forte referencialidade da natureza nessas manifestações literárias, reflexo das condições de vida das comunidades apartadas dos núcleos urbanos.

Em algumas regiões do ocidente, pelo viés oposto, a urbanização e a industrialização modernas parecem ter sido um dos principais fatores que levariam à substituição da natureza como modelo a ser imitado ou considerado para a vida cotidiana – os ciclos naturais da terra, do desenvolvimento das plantas e dos comportamentos animais como exemplos para estratégias comportamentais humanas. Em seu lugar, tomaram assento o sucesso individual, o êxito financeiro, o culto da aparência física, o hedonismo imediato, o consumo desenfreado, os paraísos artificiais. Esse rompimento com os fatos da natureza também ficou marcado nas literaturas ocidentais modernas. Quando se trata de traduzir, para o leitor urbano, uma literatura fortemente fundamentada em relações profundas e permanentes com a natureza, a busca pela fixação de sentidos pode tornar opacas certas metáforas cristalizadas na cultura rural, certos símbolos calcados nos ciclos da fauna e da flora, como ocorre na literatura oral africana. Em tais casos, também se revela

³ “(...) lien de continuité et de solidarité sans lequel il n'existe ni histoire ni civilisation”.

um pertinente recurso tradutório a “paratradução” proposta por Frías (2010).

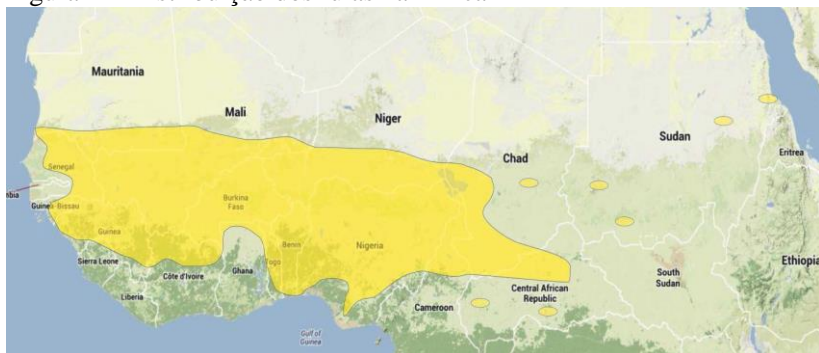
Pelo fato de o Brasil e o Mali terem experimentado processos de colonização parcialmente similares, mesmo que com muitas diferenças, seria possível observar traços de processos históricos e ideológicos significativamente compartilhados por essas duas formações culturais. Vale igualmente lembrar que, segundo as estatísticas demográficas de 2010, o Brasil tem a segunda maior população de origem negra do planeta (aproximadamente 100 milhões de habitantes), ficando apenas atrás da Nigéria (170 milhões). Nesse sentido, é preciso observar que as expressões literárias, em sua dimensão cultural, exercem papel preponderante para a compreensão de aspectos pontuais da vida e da história desses povos. Por tal viés, a tradução e a veiculação de literatura africana, no Brasil, podem promover a aproximação identitária e a construção de novas realidades locais, transregionais e internacionais. No caso em análise, pode igualmente contribuir para ampliar a autoestima dos grupos afrodescendentes brasileiros, por meio da valorização da literatura oral de origem africana. Em âmbito histórico geral, os povos africanos fazem parte da formação étnica, histórica e cultural do Brasil, e a miscigenação resultou aqui em forte impacto sobre os traços linguísticos, culturais, artísticos e econômicos desse país. Apesar das extensas relações históricas entre Brasil e África, temos comparativamente poucas traduções ou poucos estudos sobre escritores africanos, sobretudo francófonos.

Tal contexto se inscreve no processo de apagamento e de silenciamento que, ao longo dos séculos de colonização, circunscreveu e isolou autóctones e afrodescendentes, com suas respectivas culturas e manifestações artísticas, às margens das novas nações. Lembre-se, por exemplo, que a prática da capoeira apenas foi descriminalizada no Brasil em 1941, e oficialmente reconhecida como patrimônio cultural brasileiro em 2008. Esse é apenas um entre os diversos exemplos sobre o embate físico e simbólico que, nas Américas, resultou na extinção de centenas de línguas e na dizimação de vários povos autóctones, ou na assimilação forçada à cultura do colonizador. Essa situação ainda ocorre em regiões da África, espaços em que as bruscas mudanças de paradigma e de modelos de organização social vêm gerando, ao longo dos anos, conflitos tribais, étnicos, religiosos e sociopolíticos de grande envergadura, com reiterados episódios de etnocídios e exterminações massivas de importantes parcelas de povos, tal como ocorre no presente, início de 2015, com o Boko Haram, na Nigéria.

Para retornarmos ao caso americano, lembremos que foi no século XX, mais precisamente em 1970, que Dee Alexander Brown publicou *Enterrem meu coração na curva do rio*, livro no qual denuncia ao grande público o extermínio das comunidades indígenas no território norte-americano, publicação logo traduzida para duas dezenas de idiomas e adaptada para o cinema. Como consequência do aniquilamento da maior parte das nações autóctones, desapareceram igualmente suas respectivas línguas e culturas, sublinha Dee Brown. Sensibilizados pelos horrores da Guerra do Vietnã e pelas conquistas do movimento feminista e do movimento negro norte-americano, mas também pela cultura hippie, alguns pesquisadores norte-americanos iniciaram projetos para tentar registrar o que restou das línguas, das tradições e dos conhecimentos dos povos ameríndios, ou povos originários das Américas. Os anos 1960 e 1970 marcaram, no Ocidente, o início de ações em favor da valorização e consideração das diversidades, fenômeno ainda hoje em expansão, como pode testemunhar a recente assinatura da Convenção Internacional sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (UNESCO, 2005), ou a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas (ONU, 2008). Percebe-se aqui o poder político da literatura e da tradução de obras literárias. Na esteira aberta pelo reconhecimento da diversidade cultural, a cultura dita “primitiva” passou da qualidade de “exótica” à categoria de “diferente”, sobretudo do ponto de vista da tradução, da difusão de literaturas estrangeiras ou da arte de grupos até então qualificados como “minoria”.

Cabe sublinhar que a noção de “minoria” é irrelevante e contraproducente, pois afirmar que mulheres, negros ou autóctones fazem parte de “minorias” implica juízos de valor definidos em bases tendenciosas: a língua é mesmo um “fato social” (SAUSSURE, 2006). Portanto, pouco procede, no caso do Mali, falar-se de “minoria” no que se refere a qualquer uma das aproximadamente 35 línguas autóctones distintas que sobrevivem nos dias de hoje, supondo-se a existência de igual número de etnias, cada qual com suas tradições milenares, com sua longa história de antigas alianças e também de eventuais conflitos. Nessa perspectiva, Hampâté Bâ viveu e coletou os contos num período marcado por grandes comoções e tensões decorrentes de um processo de colonização e descolonização de extrema complexidade. Esses contos evocam e perpetuam valores humanos compartilhados por um numeroso grupo; Hampâté Bâ recolhe uma produção literária que representa o que há de mais enraizado no imaginário desse grupo étnico transnacional, materializado em narrativas de cunho místico e fantástico.

Figura 1 – Distribuição dos fulas na África



Fonte: https://www.academia.edu/4793634/FulBe_Fulani_Pulari_Peul_distribucion_in_Africa.

No processo de colonização da África, a visão hegemônica e colonialista europeia determinou profundas mudanças nos costumes dos povos das terras anexadas ou ocupadas, introjetando-se a etnocêntrica noção de “progresso” no imaginário e na ideologia locais, com auxílio de um método de escrita e de um sistema alfabético ocidental. Os colonizadores, confortavelmente assentados nas instâncias de poder, atribuíram a esses povos adjetivos como “atrasados”, “primitivos” ou “sem cultura”. Qualquer povo alheio ou avesso às aceleradas metamorfoses que aconteciam na Europa via suas expressões culturais qualificadas como obsoletas, limitadas e estereis, sobretudo no que se refere à tradição da oralidade. Nesse contexto de imposição e introjeção de valores sociais, manifestações artísticas e religiosas emergiram sob a forma de sincretismos, devido às tentativas dos povos autóctones em assimilar experiências novas decorrentes dos contatos, mesmo que quase sempre tenham ocorrido de forma vertical e por meio de imposições.

Cabe lembrar, com Barthes (1987), que a apropriação de uma língua implica a introjeção de ideologias subjacentes, uma vez que a língua é um fato social, “um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade” (SAUSSURE, 2006, p. 21). Ao adotar a língua francesa para fixar contos africanos, é possível que o etnógrafo malinês tenha agregado ao texto africano traços da ideologia impressa na língua europeia que servia como língua franca (agora língua oficial) em seu país plurilíngue.

1.3 TRADUZIR LITERATURA ORAL AFRICANA NO BRASIL: PROPOSTA E METODOLOGIA

Como sustenta Antonio Candido (2000), a tradição literária brasileira tem suas raízes no continente europeu. Em razão, sobretudo, do processo de formação do cânone literário nacional, e apesar da constituição étnica brasileira e de sua diversidade linguística e cultural, pouco se registrou da tradição oriental, africana ou autóctone que se manifesta na produção literária brasileira, tal como se comprova na leitura dos principais autores de compêndios de história da literatura brasileira, como Afrânio Coutinho (1911-2000), Alfredo Bosi (1936-) ou Luciana Stegagno Picchio (1920-2008). Tal condição se reflete, sobretudo, no que se refere aos contos orais provindos da África, estocados na memória dos povos aqui desembarcados dos porões dos navios negreiros para o trabalho escravo nos engenhos e nas plantações, literatura que poderia interessar ao confronto com os textos coletados por Hampâté Bâ.

Em termos comparativos, poucos autores do continente africano são objetos de estudos acadêmicos em solo brasileiro, tal como se comprova pela escassa bibliografia sobre autores canônicos como John Maxwell Coetzee (1940- ; ganhador do prêmio Nobel de literatura de 2003), Nadine Gordimer (1923-2014; Nobel em 1991), Wole Soyinka (1934- ; Nobel em 1986), dentro de uma longa lista de nomes em que se poderia incluir Abdellatif Laâbi (1942-), Albert Chinualumogu Achebe (1930-2013), Ondjaki (1977-), entre outros exemplos. Nesse sentido, evocar o trabalho do malinês Hampâté Bâ corresponde a recortar uma amostra simbólica da literatura oral africana que se encontra para além das margens do sistema literário brasileiro, apesar das múltiplas relações recíprocas que se podem observar na própria superfície dos textos. Deduz-se que, para além de “fato social”, como postula Saussure (2006), a língua e suas manifestações literárias são um fato político, sobretudo no que se refere às opções e possibilidades de tradução.

Hampâté Bâ é um importante personagem para a história de seu país e para a história universal da literatura, fato que lhe confere a condição de ser internacionalmente estudado, em sua qualidade de escritor e etnógrafo. O *Worldcat*, ferramenta de busca bibliográfica, indica 173 trabalhos com publicações em oito línguas e presença em 4616 bibliotecas em torno do mundo, mesmo que ele seja muito pouco conhecido no Brasil. A coletânea desses contos, registrados no período compreendido entre 1938 e 1960, foi organizada por Héléne Heckmann, antiga executora testamentária de Hampâté Bâ. Dentre os registros de

diferentes versões, aqueles que constam neste livro foram selecionados e publicados apenas após seu falecimento. Esse livro apresenta treze contos, dentre os quais três foram selecionados para realizarmos suas traduções, e na presente investigação, o tipo de transposição que oferecemos concerne à tradução interlinguística, isto é, da língua francesa para o português brasileiro. Considerando que a literatura é uma forma de consolidar e de reforçar identidades, a tradução também pode ser considerada como um agente de preservação e perpetuação de pertencimentos, de sentimentos de pertença. Pode-se considerar que um dos objetivos da tradução é promover a conexão e o conhecimento mútuos entre comunidades e suas respectivas culturas. A cultura revela-se um fenômeno capaz de transcender margens, fronteiras, espaços. Portanto, parece-nos ser possível promover culturas estrangeiras por meio de uma tradução ética e engajada.

Neste estudo, buscamos elucidar alguns elementos textuais denotativos e conotativos, mas também fatores paratextuais associativos, definidos em função das condições de produção, leitura e tradução das obras trabalhadas. As reflexões baseiam-se em traços culturais e poéticos marcados por considerável elasticidade semântica e pragmática. Logo, este estudo concentra-se em transitoriedades, para além de conclusões definitivas: em seus resultados e respostas contestáveis, o estudo almeja encontrar sua natureza científica, para retomarmos os conceitos desenvolvidos por Demo (2006). Uma das motivações centrais da presente pesquisa e prática tradutológica consiste em sublinhar a forte carga expressiva de uma manifestação literária relegada ao esquecimento diante de literaturas que se apresentam como canônicas no Brasil. Esse conjunto de reflexões nos conduz à questão essencial desta pesquisa, que tentaremos responder a partir da análise do processo tradutório dos contos: quais eventuais estratégias devem ser prioritariamente utilizadas por um tradutor, para que se estabeleça um mais simétrico diálogo entre as diferentes culturas?

Com relação à metodologia do trabalho, primeiramente procedemos à interpretação e à tradução contextualizada dos três textos selecionados, para posterior análise crítica e paratradutiva. As traduções, apresentadas no terceiro capítulo, são precedidas de uma revisão bibliográfica sobre fatos bibliográficos de Hampâté Bâ e sobre a literatura africana de língua francesa, questões discutidas no segundo capítulo. Por fim, no quarto e último capítulo, analisamos as estratégias tradutórias utilizadas na prática da tradução, considerando a relação das diferentes línguas envolvidas na fricção entre as culturas de partida e de chegada.

CAPÍTULO II – AMADOU HAMPÂTÉ BÂ: PANORAMA BIOGRÁFICO E LITERÁRIO

Neste capítulo, abordaremos primeiramente a questão da literatura africana em língua francesa, tratando da colonização francesa, do cruzamento e do hibridismo de culturas. Em seguida, vamos explorar a vida e obra de Hampâté Bâ, objeto de nosso estudo, para depois contextualizarmos os treze contos do livro *Il n'y a pas de petite querelle* (2005), no âmbito da tradição oral na África.

2.1 LITERATURA AFRICANA EM LÍNGUA FRANCESA

Terry Eagleton (1994) afirma que a literatura se define de acordo com cada contexto em que se encontra, pois, dependendo dos interesses e valores de uma sociedade em uma determinada época, algumas obras são consideradas literatura, enquanto outras são qualificadas como sublitteratura ou paralitteratura (EAGLETON, 1994). Mesmo um Shakespeare, por exemplo, que hoje faz parte da literatura canônica, era possivelmente lido de forma diferente em sua época: um dia será ofuscado e excluído do cânone? O cânone literário era definido, até o último quarto do séc. XX, pelas potências europeias e suas instituições: universidades, editoras, imprensas, organismos de fomento e premiação literária, críticos literários, indústria cinematográfica e audiovisual. Na atual conjuntura, essa centralidade encontra-se deslocada ou redistribuída geograficamente. É nesse contexto que se encontra a obra de Hampâté Bâ e outros escritores africanos, hoje traduzidos em diversos países.

A literatura, além de nos apresentar diferentes culturas e formas de pensar, também constrói e desconstrói ideologias, assim como influencia fortemente a formação de identidades. Ela tem um papel ambíguo, pois, além de representar certas regras das potências dominadoras, como o cânone literário, ela também serve para questionar esse cânone, a partir de literaturas ditas marginalizadas (dentre as quais se destaca a literatura dos colonizados). Por esse viés, Jean-Marc Moura afirma:

Mais do que um corpus textual, um 'cânon' é um conjunto de práticas de leituras (com várias asserções coletivas sobre os gêneros, sobre a escrita, sobre o que devem ser a literatura e a leitura...), práticas consagradas pelas instituições,

principalmente através dos programas educativos e das redes de publicações (MOURA, 2013, p. 158, tradução nossa⁴).

Dessa forma, a literatura está bastante ligada à história, pois nela aparecem os costumes, tradições e valores do contexto em que está inserida, como afirma Fedra Hinojosa, quando diz que “a textualidade representa, nesse sentido, uma fonte de expressão ideológica, a exteriorização verbal de um sujeito político inserido em um contexto engendrado pela história” (HINOJOSA, 2012, p. 34).

A impressão de textos literários, no Mali, surgiu como uma das consequências da colonização africana, já que a literatura malinesa era, até então, forte expressão da tradicional oralidade. Esse país, situado no oeste africano, tornou-se colônia francesa em 1855, proclamou sua independência em 22 de setembro de 1960 e é constituído, hoje, por aproximadamente 15 milhões de habitantes. O CEFAN (*Chaire pour le développement de la recherche sur la culture d'expression française en Amérique du Nord*) da *Université de Laval* no Canadá, conta mais de 35 línguas no território malinês e cerca de 60 etnias, dentre as quais se destacam, em termos numéricos, os bambara, seguidos dos senufos, soninkes e fulas, sendo o francês o idioma oficial (CEFAN, s.d.).

A pluralidade de etnias e idiomas resulta em culturas híbridas e na busca constante de identidade, também por meio da literatura oral, já que “o texto literário, naturalmente polifônico, traz consigo manifestações sociais e ideológicas moldadas pelo tempo e pelas relações entre sujeitos e o coletivo” (HINOJOSA, 2012, p. 55). Da mesma maneira que aconteceu nos países africanos colonizados pela Inglaterra e Portugal, o Mali e outros países colonizados pela França tiveram como herança primeira a língua do colonizador, língua francesa, e a forma como deveriam usar essa língua, a produção e a organização editorial, assim como as formas de representar a realidade cotidiana (MOURA, 2013). Essas línguas europeias, impostas aos povos autóctones da África, trouxeram contradições, pois, ao mesmo tempo em que criavam unidades entre as diversas comunidades de línguas diferentes, eram também depreciadas pelo fato de terem sido impostas.

⁴ “Plus qu'un corpus textuel, un 'canon' est un ensemble de pratiques de lectures (avec nombre d'assertions collectives sur les genres, sur l'écriture, sur ce que doivent être la littérature et la lecture...), pratiques consacrées par les institutions, notamment à travers les programmes éducatifs et les réseaux de publications”.

Segundo Pascale Casanova (2002), desenha-se uma fronteira entre os escritores que se propunham a escrever na língua do colonizador e aqueles que escreviam em idiomas autóctones. Os primeiros já se sentiam familiarizados com a língua do colonizador e buscavam uma forma de divulgar sua cultura e de questionar a própria colonização; os segundos buscavam escrever em sua língua de origem, pois assim escreveriam para o povo do próprio país. Aqueles que se encaixam no primeiro caso, como forma de subverter a língua do colonizador, criam neologismos, inserem expressões próprias de seu país, dando origem assim a uma nova língua. Esses escritores são qualificados como “traduzidos”, já que utilizam uma língua que não a sua materna para escreverem, e tinham duas opções contraditórias: optar por uma língua literária para que pudessem ser lidos internacionalmente, mas não seriam lidos então em seu país; ou escrever para seu próprio povo, o que reduziria a difusão de sua produção literária. Muitos então escolhiam por meio termo “a dupla tradução ou a autotranscrição”, que “é assim um modo de conciliar os imperativos literários e os ‘deveres’ nacionais” (CASANOVA, 2002, p. 312).

Hampâté Bâ escolheu esse meio termo muitas vezes, mas em sua obra, não há tantos neologismos. Vemos em sua escrita a aparição de palavras em fula (às vezes sem explicação ou tradução), que também servem como forma de marcar o aspecto local em um texto estrangeiro, mostrando que, mesmo que ele estivesse utilizando a língua francesa, aquela escrita ou aquele conto não pertenciam à cultura francesa, e sim à cultura fula, malinesa, africana. Temos aí o que Fedra Hinojosa define como uma característica da tradução composicional:

o bilinguismo literário que, em um primeiro instante, dá a impressão de estarmos diante de um texto monolíngue, mas quando analisamos e dissecamos os pormenores que o envolvem, passamos à etapa seguinte que é a percepção de termos em nossas mãos uma obra que traz um histórico multicultural (HINOJOSA, 2012, p. 54, 55).

No entanto, o francês culto utilizado na escrita de Hampâté Bâ sugere a ideia de que ele busca escrever principalmente para um público francófono letrado, elitizado, talvez sem querer excluir seus próprios conterrâneos, mas buscando divulgar sua cultura ao colonizador. Ele diz que por mais que o objetivo principal da escola francesa naquela época

fosse dominar os africanos e passar-lhes seus valores, culturas, hábitos, através do apagamento ou silenciamento das crenças dos aborígenes, o uso do idioma francês serviu como “instrumento precioso de comunicação entre etnias que não falavam a mesma língua e também como porta de acesso ao mundo exterior. Isto, com a condição de manter vivas as línguas locais, veículos de nossa cultura e nossa identidade” (BÂ, 2008, p. 327). Registrando os contos em papel impresso, Hampâté Bâ também contribuiu para a construção de uma memória coletiva, pois, como muitos africanos não conseguiam se comunicar entre si, devido ao uso de diferentes línguas, por meio da imprensa, ferramenta europeia, eles puderam começar a se conhecer e se entender, e assim, “esses coletores, a que estavam ligados pela imprensa, formavam, em sua visível invisibilidade secular e peculiar, o embrião da comunidade nacionalmente imaginada” (ANDERSON, 1989, p. 54). Para Benedict Anderson, a nação é “uma comunidade política imaginada” (ANDERSON, 1989, p. 14), pois, mesmo que as pessoas conheçam apenas alguns membros de sua comunidade, todos se imaginam em uma comunidade.

Já a utilização da imprensa por autores africanos vai de encontro ao que Néstor García Canclini (2008) diz com relação à situação latino-americana do fim do século XX, pois ambos americanos e africanos tiveram que adaptar suas tradições com o que vinha de fora – no caso dos africanos, a escrita, a literatura – para poderem se expressar; caso contrário, se veriam apagados. Mesmo que a tradição dos africanos fosse oral,

(...) em geral todos reformulam seus capitais simbólicos em meio a cruzamentos e intercâmbios. A sociabilidade híbrida que as cidades contemporâneas induzem nos leva a participar de forma intermitente de grupos cultos e populares, tradicionais e modernos. A afirmação do regional ou do nacional não tem sentido nem eficácia como condenação geral do exógeno: deve ser concebida agora como a capacidade de interagir com as múltiplas ofertas simbólicas internacionais a partir de posições próprias (CANCLINI, 2008, p. 354).

Fernanda Alencar Pereira desenvolve essa ideia ao afirmar que os escritores africanos “empenhados” deram início então a uma tradição literária para além da tradição oral, divulgando assim suas culturas aos

demais povos (PEREIRA, 2012, p. 25). Da mesma forma que se pode constatar nas “culturas híbridas” referenciadas por Canclini (2008), Pereira (2012) utiliza a noção de transculturação de Fernando Ortiz, para explicar que na África o processo foi diferente, pois na América Latina já existia literatura impressa em países independentes, ao contrário do outro continente, onde havia a presença de literatura oral nas colônias. Dessa forma, os escritores africanos usaram suas tradições orais, populares para inventarem uma nova literatura africana, escrita e impressa na língua do colonizador, pois, “para sobreviver, é preciso transculturar, isto é, a cultura local encontra na possibilidade de transculturação uma maneira de não morrer. A partir de uma nova forma, a cultura local pode sobreviver à presença da cultura externa” (PEREIRA, 2012, p. 59-60).

Hampâté Bâ diz que sua tradição, a tradição africana, é oral; inclusive, o próprio poeta etnólogo insere em seus textos teóricos diversos provérbios, característica própria da oralidade. Para Hampâté Bâ, o ocidente acredita que a escrita é mais importante que a fala, quando, na verdade, a escrita vem da fala, razão pela qual ele pensa ser estranho que assinaturas valham mais do que a palavra do homem, já que na África, “a própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra” (BÂ, 1982, p. 182). Nesse continente, os tradicionalistas, profundos conhecedores e praticantes das tradições, foram perseguidos durante a época colonial, pois os colonizadores queriam apagar as tradições africanas e impor as suas próprias (BÂ, 1982). No entanto, mesmo que a tradição oral seja “a grande escola da vida” (BÂ, 1982, p. 183), Hampâté Bâ se adaptou à escrita vinda do ocidente e se transculturou para poder transmitir seus conhecimentos. Assim, escrevendo em francês, o poeta e escritor pôde ser reconhecido fora de seu país, na esteira aberta pela publicação em uma língua de grande prestígio literário, tal como Casanova propõe: “é a tradução para uma grande língua literária que vai fazer seu texto entrar para o universo literário” (CASANOVA, 2002, p. 171-172).

Em *A tradição viva* (1982), Hampâté Bâ fornece um exemplo pessoal de como a oralidade pode contribuir para a ciência: para escrever o livro *História do Império Peul de Macina no Século XVIII*, ele coletou informações durante quinze anos de aproximadamente mil informantes de diferentes etnias. Sua preocupação era agrupar todas as informações, memorizando-as, para depois compará-las, e terminou por concluir que apenas pequenos detalhes sem importância divergiam às vezes. Dessa forma, comprovou que a oralidade é uma forma de conhecimento pertinente, e sublinhou que a memória dos povos que não

desenvolveram a cultura escrita é melhor do que a dos outros povos, pois precisam registrar os fatos na mente, para poderem transmitir coerentemente depois, haja vista a forte carga negativa que a sociedade africana atribui a informações equivocadas ou falaciosas. Tal aspecto converge com as seguintes afirmações de Tiphaine Samoyault:

A re-escritura do mito não é pois simplesmente repetição de sua história; ela conta também a história de sua história, o que é também uma função da intertextualidade: levar, para além da atualização de uma referência, o movimento de sua continuação na memória humana (SAMOYAULT, 2008, p. 117).

A memória individual nas sociedades orais é mais eficaz, pois, por falta da escrita, fatos e dados precisam ser conservados na mente. Mais do que registrar os conhecimentos tradicionais e a cultura africana, Hampâté Bâ também buscou registrar a espiritualidade e a religiosidade, traços culturais fortes para ele e seu povo.

Como se viu na primeira parte deste estudo, nos dias de hoje busca-se valorizar as literaturas africanas, mas também as de outras ex-colônias, em íntima articulação com os estudos pós-coloniais e com a noção de “francofonia”, que se tornou também uma instituição política, linguística e literária. Essa instituição, por sua força política, se esforça para que a língua francesa continue sendo considerada uma língua internacional, instrumento para discussões acadêmicas, fóruns, colóquios e outros eventos científicos. Em 2011, uma pesquisa revelou que o francês é a terceira língua para a qual mais se traduz, depois do alemão e espanhol, e a segunda da qual mais se traduz, depois do inglês (MOURA, 2013). No entanto, mesmo que congregue os falantes da língua francesa e incite debates, aparentemente igualitários, a francofonia centraliza esse idioma na França, e mostra que os francófonos são tratados de forma assimétrica, em razão do seu país ou comunidade de proveniência. Por exemplo, a *Radio-Canada* (com *Agence France-Presse*) noticia fatos ocorridos no *Forum Mondial de la Langue Française*, realizado em julho de 2012 na cidade do Québec, reunindo francófonos do mundo inteiro, desde estudantes e professores, a artistas, diplomatas e políticos, pesquisadores de diversas instituições e organismos. Como exemplo da assimetria de tratamento entre francófonos, muitos africanos foram impedidos de comparecer ao *Forum*, mesmo com suas inscrições pagas ou convites formalizados por

diferentes instituições, pois o Canadá não lhes concedera visto de entrada em seu território (RADIO-CANADA, 2012).

Ainda que as posições ocupadas por africanos francófonos sejam desfavoráveis em determinados países, no Brasil, por outro viés, a lei 10.639/03 obriga que disciplinas sobre a cultura e história africana e afro-brasileira sejam implementadas na educação. Por outro lado, nas universidades francesas, é grande a tradição de disciplinas sobre a África. Nesse contexto, os estudos pós-coloniais, tal como sustenta Moura (2013), servem para conscientizar os leitores de que as literaturas francófonas definem-se por traços culturais para muito além do simples emprego do idioma francês. Mesmo que muitas antologias reúnam diversificados contos escritos em língua francesa, esses estudos contextualizam os contos, revelam fatos da cultura, colocam em relevo a comunidade, suas tradições e história. Se a língua e a produção literária têm forte relevância nas literaturas francófonas, também são de grande importância a antropologia, sociologia, história, etnologia e a filosofia no que se refere à cultura de todos os povos francófonos. Assim, os estudos pós-coloniais tiram o foco da língua francesa, regida por normas linguísticas vindas da França e “antes concebem o francês como uma língua no plural, desprovida de centro evidente” (MOURA, 2013, p. 7, tradução nossa⁵).

Ao escreverem em francês, os escritores africanos assentam as marcas de sua cultura no texto, como é o caso de Hampâté Bâ, escritor que desenvolve uma temática essencialmente africana em seus contos, com o emprego recorrente de vocabulário em língua fula, que corresponde à sua etnia. Com base nessas informações, podemos começar a conceber estratégias de tradução para conservar esses traços culturais profundamente ancorados na tradição africana.

2.2 AMADOU HAMPÂTÉ BÂ: VIDA E OBRA

Hampâté Bâ nasceu na cidade de Bandiagara (Mali), em 1900, e morreu em Abidjan (Costa do Marfim), em 1991, oriundo de uma família nobre de etnia fula, que ele define como “povo de pastores nômades que conduziu seus rebanhos através de toda a África savânica ao sul do Saara entre o Oceano Atlântico e o Oceano Índico durante milênios” (BÂ, 2008, p. 24). As informações que aqui se apresentam sobre a vida e obra de Hampâté Bâ são baseadas, sobretudo, em sua

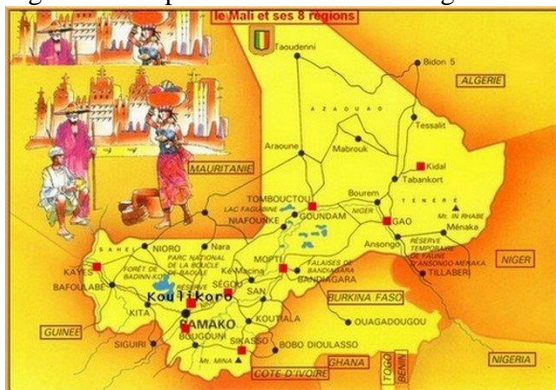
⁵ “(...) conçoivent plutôt le français comme une langue au pluriel, dépourvue de centre évident”.

autobiografia *Amkoullel, o menino fula* (2008), assim como no texto *Amadou Hampâté Bâ: sa vie, son oeuvre*, de H  l  ne Heckmann, que corresponde a uma conferência proferida em um colóquio realizado em outubro de 1987 em Paris. Registramos aqui nossos agradecimentos a Roukiatou B  , atual testamentária do escritor malinês e diretora da Funda  o Amadou Hampâté B   em Abidjan, por nos fornecer esse texto e por nos autorizar a publica  o de um dos contos aqui analisados. Informa  es complementares foram compiladas em artigos de Bintou Sanankoua (s.d.) e de Fatiha Boulafrad (2010).

Os pais de Amadou Hampâté B  , Hampâté e Kadidja, eram fulas, mas o segundo marido de sua mãe, Tidjani Amadou Ali Thiam, era tucolor. Nos lugares em que morou, Hampâté B   sempre conviveu com diversas outras etnias, principalmente os bambaras, estando, então, sempre imerso em meios multiculturais. Desde pequeno ouvia contos relatados por *griots*, poetas e músicos que carregam a tradi  o oral na memória e são responsáveis por transmiti-la em cerim  nias coletivas. O jovem Hampâté B   começou a mostrar seu dom natural de relatar histórias ao reunir as crianças de sua idade para contar o que ouvira na véspera; dentre os contadores que ouvia com frequência, Koullel foi um daqueles que mais deixaram marcas em sua personalidade, inclusive o apelido Amkoullel, nome que intitula seu livro de memórias, *Amkoullel, o menino fula* (2008). Esta é uma das obras da África do oeste mais conhecida e estudada no mundo, e, segundo Boulafrad, “jamais um escritor subsaariano havia realizado tal projeto autobiográfico na língua do colono, escrevendo uma tão grande História de seu povo associando aos relatos de sua infância, de sua adolescência, para fazer uma autobiografia comum” (BOULAFRAD, 2010, p. 43, tradu  o nossa⁶).

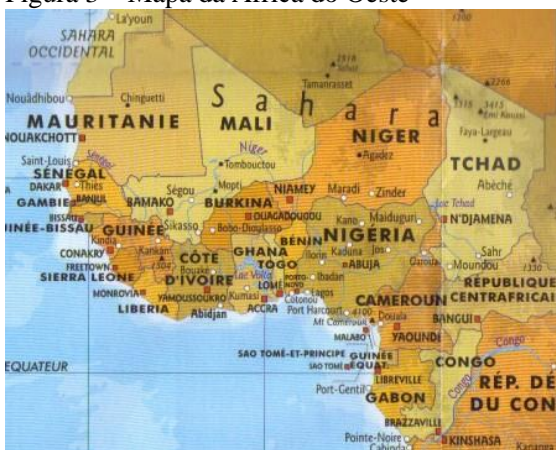
⁶ “Jamais, un écrivain subsaharien n’avait réalisé un tel projet autobiographique dans la langue du colon, écrivant une si grande Histoire de son peuple en l’associant aux récits de son enfance, de son adolescence pour en faire une autobiographie commune”.

Figura 2 – Mapa do Mali e suas oito regiões



Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/23390006>

Figura 3 – Mapa da África do Oeste



Fonte: <http://canempechepasnicolas.over-blog.com/article-la-situation-de-la-sous-region-ouest-africaine-et-au-mali-une-declaration-commune-des-communistes-116354185.html>

Além dos contadores que tiveram grande influência em sua vida, Hampâté Bâ também teve um mestre, Tierno Bokar, sobre quem escreveu um livro chamado *Vie et enseignement de Tierno Bokar: le sage de Bandiagara* (1980). Tierno Bokar, de religião muçulmana, ensinou-lhe sobre a vida e a espiritualidade, além de ter sido um engajado tradicionalista africano – um sábio conhecedor de diversas

áreas, como geografia, história e língua. Assim Hampâté Bâ discorre sobre seu mestre:

Eu nasci entre suas mãos (...). Não tive outro mestre senão ele, no verdadeiro sentido da palavra. No momento em que meus olhos se abriam para conhecer o homem, foi ele que conheci. Foi ele quem me inculcou essa vontade de conhecer e de compreender, de nunca falar de algo que eu não conheça, de nunca ter medo de entrar em qualquer realidade, desde que eu seja respeitoso e que isso não abale minha própria fé. Tudo o que sou, devo a ele (BÂ apud HECKMANN, 1987, p. 2, tradução nossa).⁷

O escritor malinês passou por muitas dificuldades com relação ao governo, ocupando-se em ofícios que pouco lhe agradavam até o ano de 1942, quando começou a trabalhar no *Institut Français d'Afrique Noire* (IFAN). Como funcionário na seção “Etnologia” do IFAN, pôde se dedicar às suas pesquisas sobre culturas tradicionais africanas, fazendo viagens por diversos países, como Guiné, Mauritânia, Níger, Costa do Marfim, Nigéria, Gana, Burkina Faso e Mali, coletando contos orais e estudando a história da região. Trabalhou como membro do Conselho Executivo da UNESCO de 1962 a 1970, onde insistiu incansavelmente na importância do registro da tradição oral africana, pois os últimos tradicionalistas estavam morrendo, e é dessa época que vem sua célebre frase: “Na África, cada vez que um ancião morre, é uma biblioteca que queima!” (BÂ, 1966 apud HECKMANN, 198, p. 7, tradução nossa)⁸.

Após seu mandato na UNESCO, Hampâté Bâ finalmente se consagrou aos seus trabalhos pessoais, como a produção de artigos, textos de tradição oral, participação em conferências, emissões de televisão e rádio, além de um importante projeto de alfabetização de

⁷ “Je suis né entre ses mains (...). Je n'ai pas eu d'autre maître que lui, dans le vrai sens du mot. Au moment où mes yeux s'ouvraient pour connaître l'homme, c'est lui que j'ai connu. C'est lui qui m'a inculqué cette volonté de connaître et de comprendre, de ne jamais parler d'une chose que je ne connaisse pas, de n'avoir jamais peur d'entrer dans n'importe quelle réalité, pourvu que j'en sois respectueux et que cela n'ébranle pas ma propre foi. Tout ce que je suis je le lui dois”.

⁸ “En Afrique, chaque fois qu'un vieillard meurt, c'est une bibliothèque qui brûle !”

jovens fulas que dirigiu até 1982, quando adoeceu. Também teve papel essencial ao mediar diálogos entre povos, culturas, religiões, assim como o fez diversas vezes em conflitos na UNESCO, usando seus conhecimentos e mesmo contos para apaziguar situações tensas (HECKMANN, 1987). Por mais que Hampâté Bâ utilizasse a língua francesa para se expressar fora do país e tivesse frequentado escolas francesas, ele sublinhava ter sido criado e educado dentro dos costumes da savana da África ocidental, não só se identificando com o Mali ou com os fulas, e sim com toda a África: “trata-se aqui de seu engajamento africano. Seu combate pela salvaguarda da cultura africana excede em muito as fronteiras de seu país e mesmo da África” (SANANKOUA, s.d. p. 22, tradução nossa⁹). Salienta-se que suas obras literárias e trabalhos eram diretamente ligados à sua vida pessoal, e daí a dificuldade em se falar somente de um dos aspectos de sua biografia/bibliografia (HECKMANN, 1987).

Hampâté Bâ recebeu o Grande Prêmio Literário da África Negra, em 1974, e o Prêmio literário francófono internacional, em 1983, pelo livro *L'étrange destin de Wangrin* (1973), que foi traduzido também nos idiomas alemão, húngaro, tcheco, japonês, inglês, e inscrito na época no programa educacional de vários países africanos. Sua produção de estudos de cultura e tradição africana também é enorme, com destaque para os livros *Jésus vu par un musulman* (1994), *Aspects de la civilisation africaine* (1972) e *História do Império Peul de Macina no Século XVIII* (1955), este último escrito após quinze anos de pesquisa. Na França, Hampâté Bâ é reconhecido e muito estudado, havendo colóquios dedicados inteiramente a seus escritos. Ao contrário, no Brasil, é pouco conhecido, tendo apenas alguns artigos e seu livro *Amkoullel, o menino fula* traduzidos, um dos fatores que nos motivou também a realizar este trabalho, devido à riqueza de sua escrita e à aproximação entre sua cultura e a cultura do Brasil.

2.3 IL N'Y A PAS DE PETITE QUERELLE: TEXTO E CONTEXTO

Segundo Hampâté Bâ, o conto africano tem a função social de divertir e ensinar, pois, em razão da inexistência de livros na África, era através de contos e tradições orais ancestrais que se passavam os ensinamentos de geração em geração (BÂ, 2005). Dessa forma, ele diz

⁹ “Il s’agirait là de son engagement africain. Son combat pour la sauvegarde de la culture africaine dépasse largement les frontières de son pays et même de l’Afrique”.

que “todo conto (...) é mais ou menos iniciático, pois ele sempre tem algo a nos ensinar sobre nós mesmos” (BÂ apud HECKMANN, 2005, p. 6, tradução nossa¹⁰). O conto também tem função de mostrar a alguém que este fez algo de errado, pois diferentemente da punição que ocidentais costumam aplicar, na África conta-se um conto ou um provérbio que caiba na situação da pessoa a quem se quer ensinar algo, para que ela mesma perceba o que fez e não se sinta envergonhada ou culpada, mas para que aprenda uma lição. Também serve para elogiar o feito de alguém, sem que essa pessoa se sinta arrogante ou pretensiosa (BÂ, 2005). O conto é parte de uma tradição em que os fatos narrados seguem fórmulas e ritmos temporais consagrados e onde se manifesta uma língua de natureza sagrada: “contar é uma arte, uma arte sagrada” (PELLISSIER, 2012, p. 73, tradução nossa¹¹).

Há algumas características dos contos africanos que se aproximam dos contos ocidentais que conhecemos, como a aparição de personagens bons e maus, situações que desencadeiam o clímax da história e a resolução do conflito com o final feliz, ao que é acrescentado ainda no conto africano algum tipo de ensinamento, afinal ele é, sobretudo, didático. Já outras características próprias do conto africano é a presença de frases ritmadas, rimadas, sonoras para permitir a memorização pelo público, além de que o conto não é só narrado através de palavras, mas também por meio de outros tipos de linguagens, como gestos e expressões (PELLISSIER, 2012).

Há *incipits* característicos no início de contos, como em *La querelle des deux lézards ou Il n’y a pas de petite querelle*, em que a primeira frase, “Nos tempos em que as criaturas da terra ainda se compreendiam entre si (...)” (BÂ, 2005, p. 16, tradução nossa¹²), distancia o leitor do tempo do fato ocorrido. No caso do livro *Il n’y a pas de petite querelle*, em alguns contos o narrador apresenta uma pequena introdução sobre as circunstâncias em que originalmente ouviu o conto e que, agora, passa adiante, como nesta passagem: “Diély Boukary, de Bamako, é um excelente *griot* (...)” (BÂ, 2005, p. 95, tradução nossa¹³).

¹⁰ “Tout conte (...) est plus ou moins initiatique, parce qu’il a toujours quelque chose à nous apprendre sur nous-mêmes”.

¹¹ “Conter est un art, un art sacré”.

¹² “Au temps où les créatures de la terre se comprenaient encore entre elles (...)”.

¹³ “Diély Boukary, de Bamako, est un excellent griot (...)”.

Para desfrutar desse acontecimento performático literário, a predisposição do ouvinte é essencial para absorver os significados veiculados inclusive pela sonoridade do conto, para compreender uma mensagem que é passada por meio de símbolos e imagens e para apreender os ensinamentos estruturados pela história. As homologias entre personagens e ouvintes são assim apresentadas por Hampâté Bâ:

Na verdade, todos os personagens do conto têm sua correspondência em nós mesmos. (...) Entrar no interior de um conto é um pouco como entrar no interior de si mesmo. Um conto é um espelho onde cada um pode descobrir sua própria imagem. (BÂ apud PELLISSIER, 2012, p. 75, tradução nossa¹⁴).

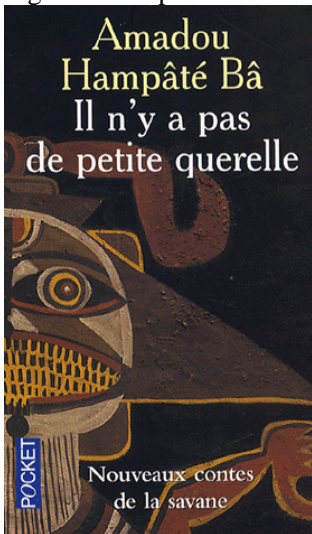
O livro *Il n'y a pas de petite querelle* foi originalmente publicado oito anos após a morte do etnólogo, e os contos foram selecionados por Hélène Heckmann, sua antiga executora testamentária, conforme nota na contracapa e explicação no anexo, escrito pela própria Heckmann. Ela explicita que encontrou os contos nos arquivos de Hampâté Bâ e reuniu todos os que poderiam ser imediatamente utilizados para publicação; havia vários outros, porém incompletos. As narrativas foram escritas a mão ou datilografadas pelo etnólogo, e algumas contêm sua assinatura e data; com base nessas informações e no estado das folhas sem data, Heckmann deduz que os contos tenham sido escritos entre 1938 e 1960. A executora testamentária explica como escolheu apenas uma das três transcrições do último conto, *Le cadavre de Hyène-Mère ou La justice des Grands*, para publicar, e diz que a maioria dos títulos e subtítulos foram escritos por Hampâté Bâ; para uniformizar, ela acrescentou subtítulos onde não havia, criando-os a partir da temática do conto ou a partir de provérbios citados pelo etnólogo. Notemos que os títulos são sempre formados por um título e um subtítulo ligados pela conjunção “ou”.

Como paratexto imediato, o livro traz o subtítulo, algo exotizante, *Nouveaux contes de la savane (Novos contos da savana)*, complementado pela reprodução fotográfica de uma possível ilustração africana, resultado do trabalho de Michel Renaudeau, fotógrafo radicado

¹⁴ “En fait, tous les personnages du conte ont leur correspondance en nous-mêmes. (...) Entrer à l’intérieur d’un conte, c’est un peu comme entrer à l’intérieur de soi-même. Un conte est un miroir où chacun peut découvrir sa propre image”.

em Paris e dedicado ao registro fotográfico de localidades com aspecto exótico para os franceses, como se pode observar em seu portal profissional, indicado na bibliografia do presente trabalho. Como se sabe, as editoras escolhem ilustrações próprias para atrair o público leitor, e essa imagem é uma referência direta ao continente africano, tal como o próprio subtítulo.

Figura 4 – Capa do livro *Il n'y a pas de petite querelle*



Fonte: <http://littexpress.over-blog.net/article-amadou-hampate-ba-il-n-y-a-pas-de-petite-querelle-47763319.html>.

O exemplar utilizado para este estudo foi publicado na coleção *Pocket* da editora *Stock*, casa editorial francesa com mais de 300 anos de existência (*Stock*, s.d.) e filial da editora *Hachette*. As notas de rodapé, por vezes, contêm informações indicando páginas erradas dentro do próprio livro; é possível que a numeração corresponda a páginas da primeira edição, de 1999, à qual não tivemos acesso. Todavia, optamos por manter todas as notas nas traduções dos contos, além de acrescentarmos algumas poucas mais. Nossa busca por uma edição malinesa desse livro se revelou infrutífera, talvez em função da reduzida população malinesa e dos problemas socioeconômicos endêmicos na região: aproximadamente 15 milhões de habitantes e uma taxa de alfabetização de apenas 33,5%, assim como uma renda *per capita* de 660 dólares anuais (UNICEF, 2013).

Nas primeiras páginas do livro, a introdução de Heckmann cita o preâmbulo de *Contes initiatiques peuls* (1994), no qual Hampâté Bâ explica que a função do conto pode ser “(...) ao mesmo tempo fútil, útil e instrutivo” (BÂ apud HECKMANN, 2005, p. 5, tradução nossa¹⁵). Heckmann afirma que todas as histórias do livro por ela organizado trazem marcas iniciáticas características de contos orais africanos, e transmitem lições e valores, de maneira divertida e descontraída. Heckmann especifica ainda que os contos do livro são de várias origens: alguns foram identificados por Hampâté Bâ como de origem fula, outros podem ter várias versões ou origens étnicas, seja do Mali ou de outros países do oeste africano. Ignoram-se as razões pelas quais Hampâté Bâ escolheu esses contos para seu trabalho de registro e transcrição em francês, mas uma razão plausível poderia se encontrar nesta afirmação de Heckmann: “(...) seja qual for a natureza da narrativa, cada uma delas esclarece, de fato, um tipo de comportamento individual ou social” (HECKMANN, 2005, p. 8¹⁶).

Há no livro cinco contos com personagens animais, marcados por simbolismos, dentre os quais selecionamos um para nosso trabalho de tradução. Tal como indica Heckmann (2005), em outros contos encontramos temas focados no indivíduo, como a ingratidão (*L’homme et le crocodile*), a maldade (*La coépouse bossue*), a religião explorando seus fieis (*Le marabout trop gourmand*), a perseverança, a fidelidade e o amor (*Le chapelet d’or*). Os demais contos são focados em problemas seculares coletivos, como o perigo da indiferença frente a um conflito aparentemente banal (*La querelle des deux lézards*), o déspota que pensa não mais precisar de conselho (*Le roi qui voulait tuer tous les vieux*), os riscos do fanatismo religioso. O último conto, *Le cadavre de Hyène-Mère*, critica os detentores do poder e a justiça faltosamente assimétrica. Este último era, a princípio, um pequeno conto (o qual consta no fim do livro), mas foi ampliado por Hampâté Bâ. Do ponto de vista da forma, por vezes Hampâté Bâ faz comentários ou referências no fim de seus contos.

Dentre os treze contos, há dois que se encaixam em “contos de transformação” (HECKMANN, 2005), os quais selecionamos para nosso trabalho de pesquisa e prática tradutiva. O primeiro é *La fille au masque de bois* ou *Le piège des apparences*, que nos ensina a não julgar as aparências e mostra como às vezes precisamos fazer longas viagens

¹⁵ “(...) à la fois futile, utile et instructeur”.

¹⁶ “(...) quelle que soit la nature du récit, chacun d’eux éclaire en effet un type de comportement individuel ou social”.

para encontrar algo que já estava perto de nós, ou mesmo dentro de nós mesmos, como no caso da espiritualidade. O outro conto de transformação é *Le berger bossu-bossu ou Le cavalier solitaire*, que é uma longa narrativa de aventuras, em cujas linhas valorizam-se a humildade e a paciência, pois o herói demonstra grande domínio de si próprio na espera de que os problemas se resolvam naturalmente, qualidade de caráter muito estimada na África. O conto ensina igualmente a se evitar o julgamento pelas aparências. Heckmann termina a introdução indicando que as notas de rodapé, salvo indicação contrária, foram escritas por Hampâté Bâ. As demais foram introduzidas por ela própria, e são indicadas por *H.H.* Algumas outras foram escritas por Christiane Seydou, com a indicação de *Ch.S.* Mantivemos as notas e suas indicações na tradução.

As histórias trazem lições de vida que aproximam o conto oral africano da fábula ocidental, manifestações literárias em que a moral da história é veiculada por personagens representados por animais e por humanos. À diferença do modelo de ensino formal, o aprendizado por meio da tradição oral africana ocorre através de contos divertidos, cuja sonoridade melodiosa e ritmada contribui para a memorização da história e da lição aí veiculada. Com relação à confluência entre os contos e os cantos africanos, assim explana Hampâté Bâ: “neste aparente caos aprendíamos e retínhamos muitas coisas, sem dificuldade e com grande prazer, porque tudo era muito vivo e divertido. ‘Instruir brincando’ sempre foi um grande princípio dos antigos mestres malineses. Mais do que tudo, o meio familiar era para mim uma grande escola permanente; a escola dos mestres da palavra” (BÂ, 2008, p. 175). Essa tradição revela a forte expressividade dos contos orais africanos, destinados ao lazer coletivo em acontecimentos performáticos cujos códigos são transmitidos de geração em geração por meio de suas reiteradas ocorrências.

CAPÍTULO III – TRÊS CONTOS AFRICANOS COLETADOS POR AMADOU HAMPÂTÉ BÂ E SUAS TRADUÇÕES

Neste capítulo, apresentaremos as versões em francês dos contos, com as respectivas traduções que realizamos para o português brasileiro. Inicialmente, faremos uma breve análise de cada conto.

O primeiro conto *La querelle des deux lézards ou Il n'y a pas de petite querelle*, apresenta um *incipit* situando a época em que se passa a história, já que é um conto com personagens animais e humanos que conversam entre si: “Nos tempos em que as criaturas da terra ainda se compreendiam entre si (...)” (BÂ, 2005, p. 16, tradução nossa¹⁷) explica essa relação entre animais e humanos. Esse conto é relatado de forma linear por um narrador observador, com a ocorrência de diálogos entre os personagens. Apenas no último parágrafo, o narrador indica a lição de moral da história e após o fim do conto, Hampâté Bâ diz que essa lição é transmitida, na África, dos velhos aos jovens, de geração em geração.

O segundo conto traduzido, *La fille au masque de bois ou Le piège des apparences* é um conto fula. Mesmo que essa narrativa siga um tempo linear, esse tempo não é especificado, pois o personagem Hammadi faz viagens, que, pela descrição, parecem longas, mas isso não é dito explicitamente. Nesse conto, aparecem diversos nomes fulas e dois nomes de cidades que parecem ter sido inventados, em razão de sua ausência em livros e portais eletrônicos consultados. Há alguns cantos, característica que remete à oralidade, e o narrador se limita a descrever os fatos; é apenas no fim que surge sua voz para concluir e trazer o leitor/ouvinte de volta ao momento presente: “E o conto me abandona aqui onde me encontrou” (BÂ, 2005, p. 84, tradução nossa¹⁸).

O terceiro conto, *Le berger bossu-bossu ou Le cavalier solitaire*, também é de origem fula, e é relatado de forma bastante descritiva. Há também cantos, nomes africanos e alguns objetos tipicamente africanos. Há diálogos, mas o que predomina são as narrações dos acontecimentos. O tempo é linear, mas a duração dos acontecimentos é indefinida, podendo a história ter ocorrido dentro de um curto ou longo espaço de tempo. O conto se conclui com um feliz desfecho da história: “A partir

¹⁷ “Au temps où les créatures de la terre se comprenaient encore entre elles (...)”.

¹⁸ “Et le conte m’abandonne là où il m’a trouvé”.

de então, todo mundo viveu em paz na cidade dos grandes rebanhos...” (BÂ, 2005, p. 123, tradução nossa¹⁹).

Foram estes os contos escolhidos, pois os dois últimos têm temáticas parecidas, assim como no próprio livro são comparados, e também apresentam formas de escrita semelhantes. Assim, as estratégias tradutórias utilizadas são parecidas, ao contrário do primeiro conto, em que exploramos outros tipos de procedimentos de tradução, e é por isso que o escolhemos também.

3.1 A BRIGA DAS DUAS LAGARTIXAS *OU NÃO EXISTE PEQUENA BRIGA*

1	La querelle des deux lézards	A briga das duas lagartixas
2	<i>ou</i>	<i>ou</i>
3	<i>Il n'y a pas de petite querelle</i>	<i>Não existe pequena briga</i>
4		
5	Au temps où les créatures de la	Nos tempos em que as criaturas
6	terre se comprenaient encore entre	da terra ainda se compreendiam
7	elles, un chef de famille aisé vivait	entre si, um abastado chefe de
8	dans un petit village, au sein d'une	família vivia num pequeno vilarejo,
9	contrée fertile. Sa vieille mère était	no seio de uma terra fértil. Sua
10	encore auprès de lui.	velha mãe estava ainda perto dele
11	Dans le vaste enclos familial	No vasto recinto familiar,
12	qu'entouraient les cases des	cercado pelas casas dos diferentes
13	différents membres de la	membros da família, vários animais,
14	maisonnée, plusieurs animaux,	dentre os quais um cachorro, um
15	parmi lesquels un chien, un coq, un	galo, um bode, um boi e um cavalo,
16	bouc, un boeuf et un cheval,	deambulavam em liberdade.
17	déambulaient en liberté.	Um dia, num vilarejo situado a
18	Un jour, dans un village situé à	cerca de dois dias de caminhada, um
19	environ deux jours de marche, un	ancião, reputado por sua sabedoria,
20	vieillard, réputé pour sa sagesse,	veio a morrer. O chefe de família
21	vint à mourir. Le chef de famille fut	viu-se obrigado a se ausentar para ir
22	obligé de s'absenter pour se rendre	ao funeral, em companhia de alguns
23	à ses funérailles, en compagnie de	outros habitantes do vilarejo.
24	quelques autres habitants du village.	“Eu me sinto muito cansada,”
25	« Je me sens très fatiguée, lui dit	disse-lhe sua velha mãe, “volte o
26	sa vieille maman. Reviens le plus	mais rápido possível”.
27	vite possible.	– Fique tranquila, mãe, não vou
28	– Sois tranquille, mère, je ne	demorar. Em cinco ou seis dias, no
29	m'attarderai pas. Dans cinq ou six	máximo, estarei de volta.
30	jours au plus, je serai de retour. »	Sua mãe lhe deu sua benção para

¹⁹ “Depuis, tout le monde vécut en paix dans la cité aux grand troupeaux...”

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47	<p>Sa mère lui donna sa bénédiction pour le voyage, puis alla s'allonger dans sa case.</p> <p>Au moment du départ, le chef de famille appela le chien :</p> <p>« Chien ! dit-il. Pendant mon absence, tu seras le gardien de la maison. Tiens-toi ici, à l'entrée de l'enclos. Surveille tout ce qui se passe au-dedans comme au-dehors, et en aucun cas ne quitte ton poste ! Si un incident se produit à l'intérieur, que le coq, le bouc, le boeuf ou le cheval s'en occupent et remettent de l'ordre s'il le faut. Tu m'as bien compris ?</p> <p>– Oui maître ! » dit le chien. Et, joignant le geste à la parole, il frétille de la queue et présente sa tête pour être caressé. Le maître lui tapota gentiment le crâne, puis rassuré, partit rejoindre ses compagnons de route.</p> <p>Deux jours après son départ, un matin de très bonne heure, alors que les premiers rayons du soleil commençaient à peine à dorer le toit des cases, le chien perçut un bruit étrange qui semblait venir de la case de la vieille maman. Celle-ci, à l'abri d'une moustiquaire, reposait encore. Une lampe à l'huile brûlait doucement à ses côtés.</p> <p>Justement le coq de la maison était en train de picorer devant la case de la vieille femme, à la recherche de quelques grains de mil échappés des mortiers.</p> <p>« Coq ! Coq ! appela le chien.</p> <p>– Que me veux-tu, chien ?</p> <p>– Quel est ce bruit qui semble venir de la case où repose la mère du maître ?</p> <p>– Ce sont deux lézards qui se battent, accrochés au plafond de la case. Voilà déjà un bon moment</p>	<p>a viagem e foi então estirar-se em sua casa.</p> <p>No momento de partir, o chefe de família chamou o cachorro:</p> <p>“Cachorro!”, disse, “Durante minha ausência você será o guardião da casa. Fique aqui, na entrada do recinto. Vigie tudo que se passa dentro ou fora, e em caso algum deixe seu posto! Se algum incidente acontecer no interior, que o galo, o bode, o boi ou o cavalo se ocupem e coloquem ordem, se preciso. Você me entendeu bem?”.</p> <p>– Sim, mestre! – disse o cachorro. E juntando o gesto à palavra, balançou o rabo e mostrou sua cabeça para ser acariciada. O mestre bateu gentilmente no seu crânio e então, tranquilizado, partiu para se juntar aos seus companheiros de estrada.</p> <p>Dois dias após sua partida, numa manhã bem cedinho, quando os primeiros raios do sol mal começavam a dourar o topo das casas, o cachorro ouviu um barulho estranho que parecia vir da casa da velha mãe. Esta, ao abrigo de um mosquitoireiro, repousava ainda. Uma lâmpada de azeite queimava suavemente a seu lado.</p> <p>O galo da casa estava ciscando exatamente na frente da casa da velha senhora, à procura de alguns grãos de milhete caídos do pilão.</p> <p>“Galo! Galo!”, chamou o cachorro.</p> <p>– O que você quer de mim, cachorro?</p> <p>– Que barulho é esse que parece vir da casa onde descansa a mãe do mestre?</p> <p>– São duas lagartixas brigando, penduradas no teto da casa. Já tem um bom tempo que disputam pelo</p>
---	--	---

1	qu'ils se disputent le cadavre d'une	cadáver de uma mosca morta.
2	mouche morte.	– Por favor, galo, vá pedir a elas
3	– Je t'en prie, coq, va leur	que parem de brigar. E se elas não
4	demandeur de cesser leur lutte. Et	quiserem saber de nada, obrigue-as
5	s'ils ne veulent rien savoir, oblige-	a se separarem.
6	les à se séparer.	– Como, cachorro?! – indignou-
7	– Comment, chien ! s'indigna le	se o galo, com a crista trêmula –
8	coq, la crête frémissante. Tu me	Você me pede a mim, rei da granja,
9	demandes à moi, roi de la basse-	encarregado de anunciar a cada
10	cour, chargé d'annoncer chaque	manhã a aparição do sol, para ir me
11	matin l'apparition du soleil, d'aller	ocupar de uma briga de lagartixas?
12	m'occuper d'une querelle de lézards	– A mãe de nosso mestre está
13	?	doente, – insistiu o cachorro – O
14	– La mère de notre maître est	barulho que as lagartixas estão
15	malade, insista le chien. Le bruit	fazendo pode incomodá-la. E
16	que font les lézards peut	também, não existe pequena briga,
17	l'incommoder. Et puis, il n'y a pas	assim como não existe pequeno
18	de petite querelle, comme il n'y a	incêndio. Ninguém sabe no que
19	pas de petit incendie. Nul ne sait ce	pode resultar...
20	qui peut en résulter...	– Vá então separá-los você
21	– Va donc les séparer toi-même !	mesmo!
22	– Je ne peux pas. Le maître m'a	– Não posso. O mestre ordenou
23	ordonné de ne pas bouger de cet	que eu não saísse deste lugar...
24	endroit...	– Então, se vira! Não é problema
25	– Alors débrouille-toi ! Ce n'est	meu. Aliás, quem se preocupa com
26	pas mon affaire. D'ailleurs, qui peut	uma briga de lagartixas! – e
27	se soucier d'une querelle de	empinando as longas plumas de sua
28	lézards !... » Et, soulevant les	cauda, o galo recomeçou a ciscar
29	longues plumes de sa queue, le coq	aqui e lá.
30	recommença à picorer par-ci par-là.	
31		O bode, barbudo como um
32	Le bouc, barbu comme un	patriarca, veio passar por ali:
33	patriarche, vint à passer.	“Bode! Bode!”, chamou o
34	« Bouc ! Bouc ! appela le chien.	cachorro.
35	– Que me veux-tu ? dit le bouc.	– O que você quer de mim? –
36	– Voudrais-tu aller séparer les	disse o bode.
37	deux lézards qui se battent dans la	– Você poderia ir separar as duas
38	case de notre maîtresse ? Il n'y a	lagartixas que estão brigando na
39	pas de petite querelle...	casa de nossa dona? Não existe
40	– Pour qui me prends-tu ?	pequena briga...
41	chevrotta le bouc. C'est bien à moi	– Quem você acha que eu sou? –
42	que tu t'adresses, moi, le maître	baliu o bode – É mesmo a mim que
43	incontesté de toute une maisonnée	você se dirige, eu, o incontestável
44	de chèvres, alors que le coq lui-	mestre de toda uma linhagem de
45	même n'a pas voulu s'occuper de	cabras, quando o próprio galo não
46	cette affaire ? Si cette bagarre te	quis se ocupar desse negócio? Se
47	gêne, pourquoi ne pas t'en occuper	essa briga te incomoda, por que

<p>1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47</p>	<p>toi-même ? – J’ai reçu l’ordre du maître de ne pas quitter la porte durant toute son absence. – Eh bien, reste à la porte, laissez-nous en paix, et laissez les lézards à leur querelle ! Tout ce qui peut leur arriver, c’est de tomber et de se fracasser la tête sur le sol, et ce sera bien fait pour eux ! Jamais guerre de lézards n’a nui à personne... Une querelle de lézards, vraiment !... » Et, relevant dédaigneusement sa barbiche, le bouc s’éloigna... Pendant ce temps, les deux lézards continuaient de s’entremêler, de se mordiller, de se donner des coups de patte et de pousser des crachotements furieux. Inquiet, le chien appela le boeuf, qui ruminait tranquillement dans un coin de la cour : « Boeuf ! Boeuf ! – Que me veux-tu ? mugit le boeuf, sans doute dérangé dans quelque rêve agréable. – Deux lézards se battent dans la case de notre maîtresse. Voudrais-tu aller les séparer ? Aucune querelle n’est petite. Nul ne sait ce qui peut en résulter... – Une querelle de lézards ! s’esclaffa le boeuf. Tu veux que moi, boeuf, le plus fort et le plus ancien des animaux de cette maison, je m’occupe d’une querelle de lézards ? Pas un mot de plus, chien ! Ou d’un coup de mes cornes effilées je te transperce le ventre ! » Le chien rabattit ses oreilles et se tut. Les lézards, crachotant de plus belle, continuaient de se battre furieusement. Voyant passer le cheval, le chien fit une dernière tentative :</p>	<p>você mesmo não se ocupa dele? – Eu recebi ordem do mestre de não deixar a porta durante toda a ausência dele. – Então, fique na porta, deixe a gente em paz, e deixe as lagartixas com a briga delas! O máximo que pode acontecer com elas, é caírem e lascarem a cabeça no chão, e vai ser bem feito para elas! Jamais uma guerra de lagartixas prejudicou alguém... Uma briga de lagartixas, faça-me o favor! – e levantando com desdém sua barbicha, o bode se afastou... Entrementes, as duas lagartixas continuavam a se emaranhar, a se mordiscar, a se dar patadas e lançar furiosos escarros. Inquieto, o cachorro chamou o boi, que ruminava tranquilamente num canto do pátio: “Boi! Boi!” – O que você quer de mim? – mugiu o boi, sem dúvida interrompido no meio de algum sonho agradável. – Duas lagartixas estão brigando na casa de nossa dona. Você poderia ir separá-las? Nenhuma briga é pequena. Ninguém sabe no que pode resultar... – Uma briga de lagartixas! – gargalhou o boi – Você quer que eu, boi, o mais forte e mais antigo dos animais dessa casa, me ocupe de uma briga de lagartixas? Mais nenhuma palavra, cachorro! Ou de uma só vez meus chifres afiados vão perfurar seu ventre! O cachorro baixou as orelhas e se calou. As lagartixas, escarrando mais ainda, continuavam a brigar furiosamente. Vendo passar o cavalo, o</p>
--	---	--

1	« Cheval ! Cheval !	cachorro fez uma última tentativa:
2	– Qu’y a-t-il, chien ?	“Cavalo! Cavalo!”.
3	– Voudrais-tu aller séparer les	– O que foi, cachorro?
4	deux lézards qui se battent pour une	– Você poderia ir separar as duas
5	mouche morte dans la case de la	lagartixas que estão brigando por
6	vieille maman ? Comme tu le sais, il	uma mosca morta na casa da velha
7	n’y a pas de petite querelle...	mãe? Como você sabe, não existe
8	– Vraiment, chien, hennit le	pequena briga...
9	cheval, tu as une bien mauvaise	– Realmente, cachorro, –
10	opinion de moi ! Quand le coq, le	relinchou o cavalo – você tem uma
11	bouc et le boeuf ont refusé de	péssima opinião a meu respeito!
12	s’occuper de cette affaire ridicule,	Quando o galo, o bode e o boi se
13	tu veux que ce soit moi, le plus	recusaram a se ocuparem desse
14	noble des animaux, un pur-sang	negócio ridículo, você quer que seja
15	consacré uniquement à la course,	eu, o mais nobre dos animais, um
16	qui aille m’en occuper ? Que veux-	puro-sangue consagrado unicamente
17	tu que cela me fasse, à moi, une	à corrida, que vá me ocupar disso?
18	querelle de lézards pour une	O que você acha que me causa a
19	mouche morte ! Va donc t’en	mim, uma briga de lagartixas por
20	occuper toi-même !	uma mosca morta! Vá então você
21	– Je ne peux pas, dit le chien.	mesmo se ocupar disso!
22	J’ai reçu l’ordre de ne pas quitter	– Eu não posso, – disse o
23	mon poste.	cachorro – recebi ordem de não
24	– Eh bien, restes-y et laisse-nous	abandonar meu posto.
25	en paix ! Jamais guerre de lézards	– Então, fique aí e deixe a gente
26	n’a gêné personne. » Et, secouant sa	em paz! Jamais uma guerra de
27	crinière, le cheval s’éloigna à son	lagartixas incomodou alguém – e
28	tour.	sacudindo a crina, por sua vez, o
29	Déssemparé, ne sachant plus que	cavalo se afastou.
30	faire, le chien se tut. Les oreilles	Desamparado, não sabendo mais
31	basses, le museau posé sur ses	o que fazer, o cachorro se calou.
32	pattes antérieures, il regardait	Com as orelhas baixas, o focinho
33	tristement la cour où chacun	sobre as patas dianteiras, olhava
34	vaquait, se promenait ou se reposait	tristemente o pátio onde cada um
35	sans se soucier de rien.	vagava, passeava ou repousava sem
36		se preocupar com nada.
37	Mais voilà que nos deux lézards,	
38	à force de se tortiller, se détachent	Mas eis que nossas duas
39	du plafond et viennent tomber sur la	lagartixas, de tanto se contorcem,
40	lampe à huile. La mèche enflammée	se despregam do teto e vêm cair
41	sort de la lampe, elle effleure la	sobre a lâmpada de azeite. O pávio
42	moustiquaire, la moustiquaire prend	aceso sai da lâmpada, toca o
43	feu, et bientôt le lit est en flammes.	mosquiteiro, o mosquiteiro pega
44	La vieille maman appelle au	fogo, e logo a cama está em chamas.
45	secours... Des cris s’élèvent de	A velha mãe chama por socorro...
46	partout dans l’enclos... On accourt,	Gritos aumentam por todo o
47	on dégage la pauvre femme, et à	recinto... Correm, libertam a pobre

<p>1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47</p>	<p>force de jeter des Calebasses pleines d'eau sur le lit on réussit à éteindre le feu. Hélas, la pauvre vieille est gravement brûlée. Elle respire encore, mais sa vie ne tient qu'à un fil.</p> <p>Le guérisseur du village est appelé en hâte. Il examine la malade, hoche la tête... « Il faut badigeonner les brûlures avec du sang de poulet, dit-il. Trouvez-m'en un, je vais le sacrifier et prononcer sur lui les paroles rituelles. Ensuite, faites un bouillon avec ses restes et essayez d'en faire boire à la malade.</p> <p>– Justement, il y a un coq dans la cour ! » s'écrie quelqu'un. On se précipite, on donne la chasse au coq qui court en tous sens, battant des ailes et poussant des glapissements de protestation. Peine perdue ! Bientôt un homme l'attrape, le saisit par les pattes et l'emporte au-dehors pour être sacrifié.</p> <p>Comme il passe devant le chien, pendu par les pattes et la tête ballottante, la voix tout enrrouée à force d'avoir crié, le coq gémit :</p> <p>« Ah ! chien ! Si seulement je m'étais occupé de cette querelle de lézards ! Voilà qu'aujourd'hui je vais y laisser ma vie !</p> <p>– Eh oui ! fait le chien. Je te l'avais bien dit, qu'il n'y a pas de petite querelle. Si tu m'avais écouté, tu n'en serais pas là maintenant. »</p> <p>Après le sacrifice du coq, on badigeonne les brûlures de la malade avec le sang recueilli, puis on prépare un bon bouillon de poulet. Quelqu'un va jeter les os au chien. « Pauvre coq ! dit celui-ci. Si tu avais accepté d'user de ton autorité pour arrêter cette bagarre, on ne me donnerait pas aujourd'hui tes os en guise de repas... »</p> <p>Hélas ! Avant même d'avoir pu</p>	<p>mulher, e de tanto jogar cabaças cheias de água sobre a cama, conseguem apagar o fogo. Infelizmente, a pobre velha está gravemente queimada. Ela respira ainda, mas sua vida está por um fio.</p> <p>O curandeiro do vilarejo é chamado depressa. Examina a doente, acena com a cabeça... “Temos que cobrir as queimaduras com sangue de frango”, disse. “Encontrem um, vou sacrificá-lo e pronunciar sobre ele as palavras do ritual. Em seguida, façam um caldo com seus restos e tentem fazer a doente beber”.</p> <p>– Tem precisamente um galo no pátio! – exclama alguém. Precipitam, dão caça ao galo que corre em todas as direções, batendo asas e grasnando de protesto. Perda de tempo! Logo um homem o agarra, pega-o pelas patas e leva-o para fora para ser sacrificado.</p> <p>Quando passa diante do cachorro, pendurado pelas patas e com a cabeça balançando, com a voz bem rouca de tanto gritar, o galo geme:</p> <p>“Ah, cachorro! Se pelo menos eu tivesse me ocupado dessa briga de lagartixas! Eis que hoje vou deixar minha vida em troca!”.</p> <p>– Pois é! – diz o cachorro – Eu bem que te disse que não existe pequena briga. Se você tivesse me escutado, não estaria nesse ponto agora.</p> <p>Após o sacrifício do galo, cobrem as queimaduras da doente com o sangue recolhido, e então preparam um bom caldo de frango. Alguém vai jogar os ossos ao cachorro. “Pobre galo!”, diz este. “Se você tivesse aceitado usar sua autoridade para parar essa briga, não me dariam hoje teus ossos como refeição...”.</p>
--	--	---

1	avaler une gorgée de bouillon, la	Mas antes mesmo de ter podido
2	vieille maman, trop gravement	engolir um gole de caldo, a velha
3	atteinte, rend son dernier soupir.	mãe, muito gravemente atingida, dá
4	Alors que tous se lamentent dans la	seu último suspiro. Enquanto todos
5	maison, un homme va chercher le	se lamentam na casa, um homem vai
6	cheval pur-sang, le selle et le fait	buscar o cavalo puro-sangue, o
7	monter par un jeune garçon habitué	arreia e monta nele um moço
8	des courses de chevaux. Il lui tend	habitado com corridas de cavalos.
9	une cravache. « Fais vite ! lui dit-il.	Ele lhe estende um chicote.
10	Fonce jusqu'au village où se trouve	“Rápido!”, diz. “Corra até o vilarejo
11	le chef de famille, annonce-lui le	onde se encontra o chefe de família,
12	décès de sa mère et ramène-le	anuncie o falecimento de sua mãe e
13	immédiatement. Lui seul peut	traga-o imediatamente. Somente ele
14	s'occuper des funérailles. »	pode se ocupar do funeral”.
15	Le jeune garçon, ravi de monter	O moço, orgulhoso de montar um
16	le pur-sang, s'élance d'un bond sur	puro-sangue, pula de um salto em
17	son dos, le cingle d'un coup de	seu lombo, dá uma chicotada e,
18	cravache et, poussant un grand cri,	soltando um grito, o faz partir como
19	le fait démarrer comme une flèche.	uma flecha. Durante horas ele o faz
20	Durant des heures il le fait galoper,	galopar, galopar, galopar... Com
21	galoper, galoper... À force de cris,	tantos gritos, chicotadas, botinadas,
22	de coups de cravache et de coups de	pressiona-o tanto que o pobre
23	talon, il le pousse tellement que le	cavalo, arfando, a espuma
24	pauvre cheval, haletant, l'écume	escorrendo das mandíbulas, chega
25	ruisselant des mâchoires, arrive au	ao vilarejo vizinho no fim da
26	village voisin en fin de matinée,	manhã, quando o sol se encontra
27	juste comme le soleil se trouve droit	exatamente bem acima de seus
28	au-dessus des crânes.	crânios.
29	Le garçon aperçoit le chef de	O menino entrevê o chefe de
30	famille parmi les hommes	família no meio dos homens
31	assemblés, et va lui annoncer le	reunidos e vai anunciar o drama.
32	drame. Bouleversé, ce dernier n'a	Atordoado, este último tem apenas
33	qu'une idée en tête : rentrer chez lui	uma ideia em mente: ir para casa
34	sans perdre un instant afin de rendre	sem perder um instante a fim de
35	à sa mère les derniers devoirs qu'il	prestar à sua mãe os últimos favores
36	lui doit. Sans se soucier de chercher	que lhe deve. Sem se preocupar em
37	une monture plus fraîche, il bondit	procurar uma montaria mais fresca,
38	sur le dos du pur-sang encore	salta no lombo do puro-sangue
39	couvert de sueur, prend le gamin en	ainda coberto de suor, pega o
40	croupe et, à grands coups de	menino na garupa e com grandes
41	cravache, lance à son tour le cheval	chicotadas, lança por sua vez o
42	sur le chemin du village.	cavalo no caminho do vilarejo.
43	Pauvre pur-sang, qui se	Pobre puro-sangue, que se
44	considérerait comme trop noble pour	considerava nobre demais para se
45	s'occuper d'une vulgaire histoire de	ocupar com uma vulgar história de
46	lézards !... Jamais encore il n'a été	lagartixas!... Nunca antes fora
47	soumi à pareille épreuve ! Fouetté,	submetido a tal prova! Surrado,

<p>1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47</p>	<p>éperonné, une double charge sur le dos, le voilà forcé de refaire au grand galop la longue route qu'il a déjà parcourue le matin avec tant de mal.</p> <p>Couvert d'écume, les flancs ensanglantés, les yeux hors des orbites, vers la fin de l'après-midi il arrive enfin devant l'enclos familial. Le maître et le gamin sautent à terre et rejoignent les membres de la maisonnée. Quant au pauvre cheval, les poumons en feu, crachant une écume rougeâtre, il fait encore quelques pas. Puis, le coeur à bout, il s'écroule à côté du chien. Comme on dit en Afrique, « son coeur a éclaté ».</p> <p>Avant d'expirer, il trouve encore la force de dire dans un dernier souffle :</p> <p>« Ah ! chien ! Si seulement j'avais écouté ton conseil, je ne laisserais pas ma vie aujourd'hui dans cette querelle de lézards !</p> <p>– Hélas, mon ami ! soupire le chien. Voilà les tristes conséquences d'une "petite querelle" ! »</p> <p>Pendant ce temps, le chef de famille, après s'être recueilli auprès du corps de sa mère, ordonne le creusement de la tombe. Or, selon la coutume du village, avant d'enterrer un défunt il faut d'abord « ouvrir » rituellement sa tombe en y versant du sang de bouc. La chair de l'animal sert ensuite à nourrir les visiteurs venus présenter leurs condoléances.</p> <p>Aussitôt, deux hommes se saisissent du bouc qui, sans méfiance, se prélassait dans la cour. Ils le tirent par les cornes vers l'emplacement des sacrifices. En passant devant le chien, le bouc chevrote tristement :</p>	<p>esporeado, com uma dupla carga no lombo, ei-lo forçado a refazer em grande galope a longa estrada que já tinha percorrido pela manhã com tanta dificuldade.</p> <p>Coberto de espuma, com os flancos sangrando, os olhos fora de órbita, aproximadamente no fim da tarde, chega enfim diante do recinto familiar. O mestre e o menino saltam por terra e se juntam aos membros da família. Quanto ao pobre cavalo, com os pulmões em fogo, cuspidando uma espuma avermelhada, ele dá ainda alguns passos. Aí, coração no fim, ele se desmancha ao lado do cachorro. Como se diz na África, "seu coração explodiu".</p> <p>Antes de expirar, ele encontra ainda força para dizer num último sopro:</p> <p>"Ah, cachorro! Se pelo menos eu tivesse escutado seu conselho, não deixaria minha vida hoje por essa briga de lagartixas!</p> <p>– Pois é, meu amigo! – suspira o cachorro – Eis as tristes consequências de uma "pequena briga"!"</p> <p>Entrementes, o chefe de família, após se recolher junto ao corpo de sua mãe, ordena a escavação da tumba. Ora, segundo o costume do vilarejo, antes de enterrar um defunto, é necessário primeiro "abrir" ritualmente a tumba, nela derramando sangue de bode. A carne do animal serve em seguida para alimentar os visitantes que vieram apresentar suas condolências.</p> <p>Imediatamente, dois homens agarram o bode que, sem desconfiar, descansava no pátio. Eles o puxam pelos cornos em direção ao local dos sacrifícios. Passando diante do</p>
--	---	--

<p>1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47</p>	<p>« Oh, chien ! Combien tu avais raison ! Si seulement je m'étais occupé de cette querelle de lézards, aujourd'hui on ne me sacrifierait pas !</p> <p>– Hélas oui, mon ami ! répond le chien. Si tu avais pris la peine d'arrêter cette petite bagarre, aujourd'hui tu aurais la vie sauve ! »</p> <p>Une fois le bouc égorgé, un ancien recueille son sang et va « ouvrir » rituellement la tombe de la vieille maman. Celle-ci est enfin inhumée selon les règles, avec tous les honneurs dus à son rang et à son âge. On fait rôtir le reste de la viande pour nourrir les visiteurs, et on porte au chien un bon part de chair et d'os...</p> <p>Quarante jours après le décès, moment où l'âme des défunts est censée se libérer des derniers liens qui la retiennent encore dans le monde terrestre, des gens arrivent de tous les villages avoisinants pour participer à la grande cérémonie du « quarantième jour ». Pour nourrir tout ce monde, le chef de famille est obligé de sacrifier le boeuf. Avant de mourir, celui-ci lance au chien :</p> <p>« Ah ! chien ! Si seulement j'avais accepté de m'occuper de cette querelle de lézards !... »</p> <p>Plén de pitié, le chien pousse un grand soupir. Mais lorsqu'un peu plus tard on lui apporte une énorme part d'os et de morceaux de viande, il les dévore sans façon...</p> <p>Ainsi, à cause de la bataille de deux petits lézards pour une mouche morte, modeste querelle dont personne ne voulut s'occuper, non seulement nos fiers amis le coq, le bouc, le boeuf et le cheval y laissèrent la vie, mais il en resulta</p>	<p>cachorro, o bode baliu tristemente:</p> <p>“Oh, cachorro! Como você tinha razão! Se pelo menos eu tivesse me ocupado dessa briga de lagartixas, hoje não me sacrificariam!</p> <p>– Pois é, meu amigo! – responde o cachorro – Se você tivesse se dado o trabalho de parar essa briguinha, hoje você teria a vida salva!</p> <p>Tendo o bode sido degolado, um ancião recolhe seu sangue e vai “abrir” ritualmente a tumba da velha mãe. Esta é por fim enterrada segundo as regras, com todas as honras, devidas à sua posição e idade. Assam o resto da carne para alimentar os visitantes e levam ao cachorro uma boa porção de carne e ossos...</p> <p>Quarenta dias após o falecimento, momento em que a alma dos defuntos, como se sabe, se liberta dos últimos laços que a prendem ainda ao mundo terrestre, pessoas chegam de todos os vilarejos vizinhos para participar da grande cerimônia do “quaragésimo dia”. Para alimentar toda essa gente, o chefe de família é obrigado a sacrificar o boi. Antes de morrer, este diz ao cachorro:</p> <p>“Ah, cachorro! Se pelo menos eu tivesse aceitado me ocupar dessa briga de lagartixas!”</p> <p>Cheio de piedade, o cachorro dá um longo suspiro. Mas quando, um pouco mais tarde, trazem a ele uma enorme porção de ossos e pedaços de carne, ele os devora sem cerimônia...</p> <p>Assim, por causa da batalha das duas lagartixinhas por uma mosca morta, modesta briga da qual ninguém quis se ocupar, não apenas nossos orgulhosos amigos galo, bode, boi e cavalo deixaram a vida,</p>
--	--	---

1	un incendie, et une mort qui	mas resultou num incêndio e numa
2	endeuilla toute la maisonnée... Seul	morte que deixou em luto toda a
3	le chien, fidèle à son devoir, sortit	família... Somente o cachorro, fiel a
4	indemne de cette tourmente, et y	seu dever, saiu ileso desse tormento,
5	trouva même une récompense	e até encontrou nela uma
6	inattendue...	recompensa inesperada...
7		
8	*	*
9		
10	<i>C'est ce conte²⁰ – parfois intitulé</i>	<i>É este conto²¹ – às vezes,</i>
11	<i>« Un rien tue tout » – qui, en</i>	<i>intitulado “Um nada mata tudo” –</i>
12	<i>Afrique, sert à illustrer l'adage :</i>	<i>que, na África, serve para ilustrar o</i>
13	<i>« Il n'y a pas de petite querelle,</i>	<i>adágio: “Não existe pequena briga,</i>
14	<i>comme il n'y a pas de petit</i>	<i>assim como não existe pequeno</i>
15	<i>incendie. »</i>	<i>incêndio”.</i>
16	<i>Chez nous les vieux enseignent</i>	<i>Aquí, os velhos ensinam aos</i>
17	<i>aux jeunes : « Dès que vous assistez</i>	<i>jovens: “No momento em que virem</i>
18	<i>à une querelle, si minime soit-elle,</i>	<i>uma briga, por menor que seja,</i>
19	<i>intervenez, séparez les combattants</i>	<i>intervenham, separem os</i>
20	<i>et faites tout pour les réconcilier !</i>	<i>combatentes e façam tudo para os</i>
21	<i>Car le feu et la querelle sont les</i>	<i>reconciliarem! Pois o fogo e a briga</i>
22	<i>deux seules choses qui, sur cette</i>	<i>são as duas únicas coisas que, nesta</i>
23	<i>terre, peuvent mettre au monde des</i>	<i>terra, podem colocar no mundo</i>
24	<i>enfants plus colossaux qu'eux</i>	<i>filhos mais colossais que eles</i>
25	<i>mêmes : un incendie ou une</i>	<i>mesmos: um incêndio ou uma</i>
26	<i>guerre. »</i>	<i>guerra”.</i>
24		
25		

²⁰ En octobre 1969, sous une forme très résumée, Amadou Hampâté Bâ a utilisé ce conte au Conseil exécutif de l'Unesco à propos du conflit arabo-israélien, pour faire prendre conscience à chacun des dangers potentiels d'une telle situation. Il a laissé plusieurs versions de ce conte dans ses archives. C'est la version la plus complète qui en est présentée ici. (H.H.)

Cf. aussi Gérard Meyer, *Contes du pays malinké* (Paris, Karthala, 1987), pp. 18-19. (Ch.S.)

²¹ Em outubro de 1969, de uma forma bastante resumida, Amadou Hampâté Bâ utilizou esse conto no Conselho executivo da Unesco a propósito do conflito árabe-israelense, para conscientizar cada um sobre os potenciais perigos de tal situação. Ele deixou várias versões desse conto em seus arquivos. É a versão mais completa que é apresentada aqui. (H.H.)

Cf. também Gérard Meyer, *Contes du pays malinké* (Paris, Karthala, 1987), pp. 18-19. (Ch.S.)

3.2 A MENINA DA MÁSCARA DE MADEIRA OU A ARMADILHA DAS APARÊNCIAS

1	La fille au masque de bois	A menina da máscara de
2	ou	madeira
3	<i>Le piège des apparences</i>	ou
4		<i>A armadilha das aparências</i>
5	<i>Conte peul</i>	
6		<i>Conto fula</i> ³⁴
7	Sentant sa fin approcher, maman	Sentindo seu fim se aproximar,
8	Koumbourou, avant de s'évanouir	mamãe Koumbourou, antes de se
9	dans les mystères de la mort, s'en fut	dissipar nos mistérios da morte,
10	trouver l'arbre Badhadhi ²² afin de lui	partiu ao encontro da árvore
11	confier sa petite fille.	Badhadhi ³⁵ a fim de lhe confiar sua
12	« Ô végétal ! dit-elle. Je confie à	filha menina.
13	ta protection la seule semence qui	“Oh, vegetal!”, disse. “Confio à
14	reste de moi. Je te demande de la	sua proteção a única semente que
15	placer entre ton bois et ton écorce, et	resta de mim. Peça que a coloque
16	de ne la laisser partir chez les fils	entre sua madeira e sua casca, e
17	d'Adam qu'à sa majorité. »	que a deixe partir rumo aos filhos
18	Ainsi fut fait. La petite fille fut	de Adão somente em sua
19	placée à l'intérieur d'un masque de	maioridade”.
20	bois, et cachée au sein même de	Assim foi feito. A menininha
21	l'arbre. Plusieurs hivernages	foi colocada no interior de uma
22	passèrent... Au fil des ans, elle	máscara de madeira, e escondida
23	grandit et devint une très gracieuse	no próprio seio da árvore. Muitas
24	jeune fille.	invernadas se passaram... Com o
25	Un jour, elle perçut l'écho de	passar dos anos, ela cresceu e se
26	chants qui venaient du village voisin.	tornou uma moça muito graciosa.
27	Une violente envie de rejoindre ce	Um dia, ela ouviu o eco de
28	village s'empara d'elle. Ne pouvant	cantos que vinham do vilarejo
29	y résister, elle s'apprêta à quitter son	vizinho. Um violento desejo de ir a
30	arbre protecteur.	esse vilarejo se apoderou dela. Não
31	« Prends garde ! lui dit Badhadhi.	podendo resistir, preparou-se para
32	Les enfants d'Adam du sexe	deixar sua árvore protetora.
33	contraire au tien sont fougueux et	“Tome cuidado!”, disse
34	entreprenants ; quant à ceux de ton	Badhadhi. “Os filhos de Adão do
35	sexe, ils sont jaloux et habiles à faire	sexo contrário ao seu são fogosos e
36	le mal. Mais puisque tu tiens à t'en	audaciosos; quanto aos de seu sexo,
37	aller, voici ! Prends ces deux	são invejosos e hábeis em fazer o
38	béquilles, revêts ce grand masque, et	mal. Mas já que você quer tanto ir,
39	ne le quitte jamais avant de t'être	

²² Nom peul de l'arbre *commiphora africana*. (Ch.S.)

³⁴ Um dos grupos étnicos da África Ocidental (NT).

³⁵ Nome fula da árvore *commiphora africana*. (Ch.S.)

<p>1 assuré un puissant protecteur parmi 2 les hommes. » 3 4 C'est ainsi que la fille toute 5 masquée de bois quitta l'arbre 6 Badhadhi et prit la route qui menait 7 vers le village. Arrivée à hauteur des 8 premières cases, elle alla frapper à la 9 porte d'un vieux bouffon. Elle le 10 supplia :</p> <p>11 « De grâce, donne une toute petite 12 place pour Leguel-Badhadhi²³ ! »</p> <p>13 Le bouffon ricana, ferma son oeil 14 gauche et dit :</p> <p>15 « Dans cette case, il n'y a plus de 16 place même pour une mouche ! Je 17 mets mon pied ici, là je place mon 18 bras, et ma tête repose là-bas ; le 19 plafond est occupé par des 20 hirondelles ; quant à l'espace situé 21 entre le sol et le plafond, il est le 22 théâtre d'une guerre perpétuelle 23 entre le vent sortant de ma bouche- 24 inférieure et l'air venant du dehors. 25 En effet, mon pet est toujours 26 énergique et je peux le moduler avec 27 art. Il ne tient qu'à moi de le rendre 28 lourd et puant, ou léger et strident...</p> <p>29 – Je suis un être misérable, dit 30 Leguel-Badhadhi. Je t'en prie, aie 31 compassion de moi, accepte de me 32 recevoir !</p> <p>33 – Va t'en au loin ! cria le bouffon. 34 Sinon, il sortira de mon postérieur un 35 génie espiègle qui se chargera de te 36 transporter au diable plus rapidement 37 que tes deux béquilles ! ».</p> <p>38 Leguel-Badhadhi alla frapper à 39 une autre porte. C'était la demeure 40 de la mère de Hammadi, le jeune 41 homme le mieux né et le plus en vue 42 du village. La vieille femme fit 43 entrer l'étrange créature, mais ne put 44 s'empêcher de lui demander :</p>	<p>tome! Pegue estas duas muletas, vista essa grande máscara, e jamais a deixe antes de se assegurar um poderoso protetor dentre os homens”.</p> <p>Foi assim que a menina toda mascarada de madeira deixou a árvore Badhadhi e tomou a estrada que levava ao vilarejo. Chegando à altura das primeiras casas, foi bater na porta de um velho bufão. Suplicou:</p> <p>“Por piedade, dê um espacinho bem pequeno para Leguel-Badhadhi³⁶!”</p> <p>O bufão gargalhou, fechou o olho esquerdo e disse:</p> <p>“Nesta casa, não há mais espaço nem mesmo para uma mosca! Eu ponho meu pé aqui, ali eu ponho meu braço, e minha cabeça repousa por lá; o teto é ocupado por andorinhas; quanto ao espaço que fica entre o chão e o teto, ele é o teatro de uma guerra perpétua entre o vento que sai de minha boca-inferior e o ar que vem de fora. De fato, meu peido é sempre enérgico e eu posso entoá-lo com arte. Só depende de mim, para deixá-lo pesado e fedido, ou leve e estridente...”.</p> <p>– Eu sou um ser miserável – disse Leguel-Badhadhi – Por favor, tenha compaixão por mim, aceite me receber!</p> <p>– Vai-te embora! – gritou o bufão – Senão, vai sair de meu traseiro um gênio travesso, que se ocupará de te transportar ao diabo mais rápido que suas duas muletas!</p> <p>Leguel-Badhadhi foi bater em outra porta. Era a morada da mãe</p>
--	---

²³ Leguel : petit morceau de bois. (Ch.S.)

³⁶ Leguel: pequeno pedaço de madeira. (Ch.S.)

1	« Masque de bois ! Es-tu un être	de Hammadi, o moço mais bem
2	humain ou un génie ?	nascido e mais bem visto do
3	– Je suis un être humain, répondit	vilarejo. A velha mulher fez entrar
4	la jeune fille, mais une mystification	a estranha criatura, mas não pôde
5	m’a enfermée dans ce masque et je	se conter em perguntar:
6	ne puis m’en évader.	“Máscara de madeira! Você é
7	– Prends garde ! dit alors la vieille	um ser humano ou um génio?”.
8	femme. Mon fils Hammadi est un	– Eu sou um ser humano, –
9	curieux sans scrupules ! Il est	respondeu a moça – mas uma
10	capable de tout faire pour voir	magia me fechou dentro dessa
11	comment tu es et qui tu es. Pour	máscara e não posso escapar.
12	éviter tout accident, je te	– Tome cuidado! – disse então
13	recommande de rester toujours	a velha mulher – Meu filho
14	auprès de moi. »	Hammadi é um curioso sem
15	A ce moment survint Hammadi :	escrúpulos! Ele é capaz de fazer de
16	« Mère ! s’écria-t-il. Quel est ce	tudo para ver como e quem você é.
17	masque hideux et noir comme une	Para evitar qualquer acidente,
18	nuit sans lune ?	recomendo que fique sempre perto
19	– Mon enfant, c’est un être	de mim.
20	infortuné que le diable a transformé	Neste momento surgiu
21	en masque.	Hammadi:
22	– Mère, ce masque est un présage	“Mãe!”, espantou-se. “O que é
23	de malchance. La calamité	essa máscara repugnante e negra
24	l’environne de toute part. Je vais à	como uma noite sem lua?”
25	l’instant même le jeter au feu et faire	– Meu filho, é um ser
26	disperser aux quatre points	desafortunado que o diabo
27	cardinaux les cendres de son corps	transformou em máscara.
28	de malheur !	– Mãe, essa máscara é um
29	– Garde-toi de faire cela, mon	presságio de azar. A calamidade a
30	enfant, car à jamais on chantera pour	rodeia por tudo. Eu vou agora
31	flétrir ta triste conduite, et à jamais	mesmo jogá-la no fogo e fazer
32	on te citera comme violeur des lois	espalhar nos quatro pontos cardeais
33	de l’hospitalité ! Voudrais-tu que,	as cinzas de seu corpo de
34	par ta maladresse, toute ta famille	infelicidade!
35	devienne l’objet de l’injure publique	– Não faça isso, meu filho, pois
36	?	para sempre falarão de sua triste
37	– Bien, mère. Puisque tu le veux,	conduta, e para sempre citarão seu
38	je n’attenterai donc pas aux jours de	nome como violador das leis da
39	ce masque aux lèvres difformes,	hospitalidade! Você gostaria que,
40	mais je jure de l’importuner jusqu’à	por seu desajeito, toda a família se
41	ce qu’il s’en aille de lui-même par le	tornasse objeto da calúnia pública?
42	chemin d’où il est venu. »	– Bom, mãe. Já que você quer,
43	Et, certes, Hammadi tint parole. A	não vou atentar contra os dias dessa
44	partir de ce jour, il fit laver le	máscara com lábios disformes, mas
45	masque de bois uniquement avec	juro importuná-la até que ela vá
46	l’urine de son cheval ; il ne crachait	embora por si própria pelo caminho
47	plus que sur lui ; il lui interdisait de	de onde veio.

<p>1 prendre part à toute causerie ; et 2 pendant la saison froide il l'exposait 3 aux vents du nord... 4 Curieusement, « Masque de 5 bois », loin de s'en formaliser, 6 semblait heureuse d'être l'objet de 7 tant de tracasseries raffinées... 8 9 Un jour, un héraut passa dans le 10 village et annonça : 11 « Ô individus blancs et noirs, 12 hommes et femmes, autonomes et 13 captifs ! Le puissant roi de Sakaye 14 vous convie à assister la soirée qui 15 sera donnée chez lui à l'occasion du 16 retour des transhumants. 17 « Ô jeunes gens ! Venez, 18 accourez à Sakaye ! Des belles aux 19 yeux baignés de blanc vous y 20 recevront ; leurs dents semblables à 21 des perles ont le don de charmer les 22 plus intrépides ; leur cou a été 23 façonné avec un art inimitable ; 24 quant au parfum naturel qui s'exhale 25 de leur être, il enivre les plus 26 vertueux et stimule les plus froids... 27 « Elles chanteront les exploits des 28 Ardos²⁴. Et aux vaillants bergers qui 29 tuent les lions destructeurs de 30 troupeaux, elles accorderont leurs 31 caresses et le contact voluptueux de 32 leurs corps flexibles. Leurs talons 33 sont aussi lisses que leur langue ! La 34 soie est la seule rivale de leurs 35 cheveux ! Accourez, ô jeunes gens,</p>	<p>E, por certo, Hammadi cumpriu a palavra. A partir desse dia, fez lavar a máscara de madeira unicamente com a urina de seu cavalo; ele cuspiu sobre nada mais para além dela; ele a proibia de tomar parte de qualquer prosa; e durante a estação fria, ele a expunha aos ventos do norte... Curiosamente, “Máscara de madeira”, longe de se aborrecer, parecia feliz de ser o objeto de tantas traquinagens refinadas... Um dia, um arauto passou pelo vilarejo e anunciou: “Oh, indivíduos brancos e negros, homens e mulheres, autônomos e cativos! O poderoso rei de Sakaye convida vocês para participarem da noite festiva que será dada em sua casa, por ocasião do retorno dos transumantes. Oh, jovens! Venham, corram para Sakaye! Belas de olhos banhados de branco receberão vocês; seus dentes iguais a pérolas têm o dom de encantar os mais intrépidos; o pescoço delas foi moldado com arte inimitável; quanto ao perfume natural que delas exala, embriaga os mais virtuosos e estimula os mais frios... Elas cantarão os feitos dos Ardos³⁷. E aos valentes pastores</p>
--	--

²⁴ Ardo : chef peul. Aux temps anciens du nomadisme, l'Ardo était celui qui décidait et commandait les déplacements du troupeau ou de la tribu ; c'était, en quelque sorte, le « maître de la route ». Son rôle pouvait être également religieux quand il était en même temps « silatigui », c'est-à-dire prêtre de la communauté et maître d'initiation. Au cours des siècles, avec la sédentarisation, les Ardos devinrent des chefs temporels, chefs de village ou de canton, voire des rois, seigneurs de la tribu. Les exploits des plus célèbres d'entre eux sont chantés par les griots. (*H.H., d'après A.H.Bá.*)

³⁷ Ardo: chefe fula. Nos tempos antigos do nomadismo, o Ardo era aquele que decidia e comandava os deslocamentos da tropa ou da tribo; era, de certa forma,

1	vers les belles filles de Sakaye ! »	que matam os leões destruidores de
2	Dès que Hammadi eut entendu ce	rebanhos, oferecerão suas carícias e
3	discours, il décida d'affronter les	o contato voluptuoso de seus
4	trente-trois jours de marche qui	corpos flexíveis. Seus calcanhares
5	séparaient son village de Sakaye. Il	são tão lisos quanto sua língua! A
6	commanda les préparatifs du voyage.	seda é a única rival de seus
7	Quand tout fut prêt et qu'il eut reçu	cabelos! Corram, oh, jovens, às
8	la bénédiction de sa mère, il se mit	belas moças de Sakaye!”.
9	en route.	Assim que Hammadi escutou
10		esse discurso, decidiu enfrentar os
11	Lorsqu'il arriva à Sakaye, entouré	trinta e três dias de marcha que
12	de ses griots et de ses serveurs, il	separavam seu vilarejo de Sakaye.
13	fut reçu selon le rang que lui	Commandou os preparativos da
14	conférait sa lignée et guidé jusqu'à	viagem. Quanto tudo ficou pronto e
15	une place digne de sa naissance. Les	após receber a benção de sua mãe,
16	virtuoses et les cantatrices	pôs-se a caminho.
17	rivalisèrent avec les griots-	
18	troubadours pour chanter ses	Quando chegou a Sakaye,
19	louanges et citer ses ascendants dans	rodeado de seus griots ³⁸ e serviçais,
20	leur ordre généalogique. Les	foi recebido de acordo com a
21	guitaristes pincèrent de façon	posição conferida pela sua
22	experte leurs instruments et se	linhagem e guiado até um lugar
23	mirent à jouer une mélodie propre à	digno de seu nascimento. Os
24	inoculer la bravoure même aux	virtuosos e as cantadoras
25	coeurs les plus timorés.	rivalizaram com os griots-
26	Certes, Hammadi était émerveillé	trovadores para cantarem seus
27	par le talent poétique et la beauté des	louvores e citarem seus
28	jeunes filles, mais il remarqua entre	ascendentes na ordem genealógica.
29	toutes une jeune fille de dix-huit	Os violonistas dedilharam
30	printemps. Elle n'était ni grosse pour	habilmente seus instrumentos e se
31	être gênée dans ses mouvements, ni	puseram a tocar uma melodia
32	trop maigre pour risquer de piquer	própria para inocular até mesmo a
33	de la pointe de ses os celui qui la	bravura nos corações mais
34	frôlait. Sur son visage plaisant et	medrosos.
35	dégagé, ses sourcils dessinaient deux	Por certo, Hammadi estava

o “mestre da estrada”. Seu papel podia ser igualmente religioso, quando era ao mesmo tempo “silatigui”, ou seja, chefe espiritual da comunidade e mestre de iniciação. Ao longo dos séculos, com a sedentarização, os Ardos se tornaram chefes temporais, chefes de vilarejo ou cantão, e mesmo reis, senhores da tribo. Os feitos dos mais célebres dentre eles são cantados pelos griots. (*H.H., d'après A.H.Bâ.*)

³⁸ Uma das castas tradicionais, às quais se reserva o ofício de músico, animador de público, genealogista, historiador, atividades que envolvem diretamente a arte da palavra, em razão da extrema importância da oralidade na cultura africana (NT).

<p>1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44</p>	<p>gracieuses courbes brunes qui mettaient son teint clair en valeur.</p> <p>Quant à ses yeux... Ah ! Ses yeux ! Au coeur d'une blancheur évoquant le lait fraîchement tiré, la prunelle était sertie comme une perle de jais.</p> <p>En un mot, cette jouvencelle, sans parler de ses parures et vêtements d'une richesse rare, réunissait en elle toutes les qualités et tous les charmes que les jeunes gens auraient bien voulu lui voir étaler avec complaisance. Mais hélas ! Jalouse de ses avantages, la jouvencelle était insensible aux avances de ceux qui la courtoisaient.</p> <p>Hammadi, emporté par la chaleur de son jeune âge et comptant sur sa naissance et sa fortune, se présenta. Il lui dit :</p> <p>« Ma soeur, veux-tu me faire l'honneur du "djengo"²⁵ ? Mes griots te chanteront ce que tes oreilles désireront entendre, et mes guitaristes improviseront des variations selon ton goût et tes préférences. Ils les combineront de manière à troubler tes rivales et à faire danser de joie nos morts et les morts de nos morts. »</p> <p>La jouvencelle sourit :</p> <p>« J'accède à ton désir, dit-elle. Voici une natte pour toi, et plusieurs autres pour tes pages et griots. Mets-toi à ton aise, et que pour toi ma loge soit spacieuse. »</p> <p>Hammadi, extrêmement flatté, s'installa sur la natte, croisa ses jambes et dit à ses griots :</p> <p>« Faites-moi entendre les louanges de celle que j'aime et qui se trouve en face de moi. »</p> <p>A peine les griots de Hammadi avaient-ils entonné leur musique</p>	<p>maravilhado com o talento poético e com a beleza das moças, mas percebeu entre todas uma jovem de dezoito primaveras. Ela tampouco era gorda para se atrapalhar em seus movimentos, tampouco magra demais arriscando espetar com a ponta dos ossos aquele que nela tocasse. Em seu rosto agradável e descontraído, as sobrancelhas desenhavam duas graciosas curvas morenas que colocavam em evidência sua tez clara.</p> <p>Quanto aos olhos... Ah! Os olhos! No meio de uma brancura que evocava o leite recém-ordenhado, a pupila estava cravada como uma pedra de azeviche. Em suma, esta jovem, sem falar de seus atavios e vestes de rara riqueza, reunia em si todas as qualidades e todos os charmes que os jovens teriam apreciado vê-la exibir com satisfação. Triste deles! Ciumenta de seus atributos, a jovem era insensível aos avanços daqueles que a cortejavam.</p> <p>Hammadi, levado pelo calor de sua juventude e contando com sua nascença e fortuna, apresentou-se. Disse:</p> <p>“Minha irmã, você me daria a honra do “djengo”³⁹? Meus griots cantarão o que teus ouvidos desejarem escutar, e meus violonistas improvisarão variações de acordo com seu gosto e suas preferências. Farão combinações de forma a perturbar suas rivais e a fazer dançar de alegria nossos mortos e os mortos de nossos mortos”.</p> <p>A jovem sorriu: “Concedo ao seu desejo”,</p>
---	---	---

²⁵ « Djengo » : veillée (fête, réunion organisée le soir). (Ch.S.)

³⁹ “Djengo”: vigília (festa, reunião realizada à noite). (Ch.S.)

1	évocatrice que les premières	disse. “Aqui está uma esteira para
2	secousses d’un terrible tremblement	você, e várias outras para teus
3	de terre ébranlèrent la ville. Pris de	pajens e griots. Sinta-se à vontade,
4	panique, tous les invités se	e que para você, minha
5	débandèrent, chacun ne cherchant	acomodação seja espaçosa”.
6	qu’à sauver sa tête. Seul Hammadi	Hammadi, extremamente
7	resta assis sans broncher, comme s’il	lisonjeado, instalou-se sobre a
8	se trouvait sur le trône même de son	esteira, cruzou as pernas e disse aos
9	père...	griots:
10	La jeune fille, souriante et	“Façam-me escutar os louvores
11	sereine comme une reine en son	desta que amo e que se encontra
12	palais, méprisant le danger, se tourna	diante de mim”.
13	vers Hammadi :	Mal haviam os griots de
14	« Comment meurt un Peul pur	Hammadi entoado sua música
15	sang, lui demanda-t-elle, et cela	evocativa, e os primeiros tremores
16	quelle que soit sa branche	de um terrível terremoto sacudiram
17	généalogique ?	a cidade. Tomados pelo pânico,
18	– La mort est inévitable, répondit	todos os convidados debandaram,
19	Hammadi avec calme. Bien sot est	cada qual buscando salvar sua
20	donc celui qui voudrait l’éluder. Plus	cabeça. Apenas Hammadi se
21	on se met sur ses gardes, et mieux	manteve sentado sem vacilar, como
22	elle vous surprend. Remèdes et	se estivesse no próprio trono de seu
23	sortilèges, tout plie devant elle	pai...
24	quand elle passe. Elle entre comme	A jovem, sorridente e serena
25	un reptile et ne sort qu’avec l’âme	como uma rainha em seu palácio,
26	qu’elle est venue saisir. Rien ne peut	desprezando o perigo, virou-se para
27	rien quand elle frappe de son coup	Hammadi:
28	imparable.	“Como morre um fula puro-
29	« Quant au Peul pur sang, il doit	sangue”, perguntou, “qualquer
30	mourir les armes à la main au cours	que seja sua ramagem
31	d’un combat pour la défense des	genealógica?”.
32	troupeaux contre les carnassiers, le	– A morte é inevitável –
33	lion en tête. Quelle tristesse que de	respondeu Hammadi com calma –
34	se traîner sur une natte, livide et	Bem tolo, então, aquele que queira
35	haletant ! Quelle peine que d’être	evitá-la. Quanto mais se está em
36	toujours en remorque de quelqu’un	guarda, melhor ela te surpreende.
37	pour sortir comme pour entrer, suant	Remédios e sortilégios, tudo se
38	et empestant l’air environnant d’une	dobra frente a ela quando passa.
39	haleine puante ! Ma soeur, un Peul	Ela entra como um réptil e apenas
40	pur sang meurt une lance épaisse et	sai com a alma que veio buscar.
41	bien trempée dans la main droite et	Nada se pode, quando ela lança seu
42	les rênes d’un coursier fougueux	golpe inelutável.
43	dans la main gauche. »	“Quanto ao fula puro-sangue,
44	Pendant ce temps la terre	este deve morrer com as armas na
45	continuait de trembler, secouant	mão no meio de um combate pela
46	violemment toutes choses,	defesa dos rebanhos contra os
47	dessouchant les arbres et faisant	carniceiros, leão à frente. Que

<p>1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47</p>	<p>rouler les hommes sur le sol. Les terrasses des palais tombaient sur les toits des maisons voisines, lesquelles s'en allaient culbuter les toitures des poulaillers. Le braiment des ânes, le bêlement des moutons et les beuglement des boeufs, mêlés aux cris des habitants et aux hennissements de terreur des chevaux, déchaînaient un vacarme d'enfer irrité. Le craquement des arbres qui s'abattaient faisait caqueter les poules affolées et chassait de leurs cachettes une foule de crapauds qui se cramponnaient en vain aux canaris d'eau, roulant avec eux vers les crevasses profondes qui s'ouvraient un peu partout.</p> <p>Toute la population se mit à fuir. La ville était réduite à néant, sauf la maison où se tenaient Hammadi et la jeune fille. Brusquement, le toit qui les abritait s'entrouvrit et la tête d'un monstre effrayant apparut. De sa gueule en flammes il fit jaillir trente-trois redoutables tentacules. Hammadi poussa la jeune fille vers l'un des angles de la demeure. Enlevant rapidement une bague de sa main, il la glissa à l'annulaire de la jeune fille.</p> <p>« Ceci, lui dit-il, est un gage de notre alliance. Si je succombe, elle te servira de souvenir. »</p> <p>Se saisissant alors de son sabre, il se mit en garde et frappa de toutes ses forces le tentacule qui allait s'emparer de lui. Un feu terrible jaillit de cette langue mystérieuse. Hammadi perdit connaissance.</p> <p>Lorsqu'il retrouva ses esprits, il constata avec stupeur qu'il avait été transporté et jeté sur le tas d'immondices situé derrière son propre village. Il ne comprenait rien à ce mystère. « Assurément, se dit-il,</p>	<p>tristeza se arrastar sobre uma esteira, lívido e ofegante! Que dor ficar sempre a reboque de alguém para sair e para entrar, suando e pestecendo o ar ao redor com um bafo fedorento! Minha irmã, um fula puro-sangue morre com uma lança grossa e bem cravada na mão direita e com as rédeas de um corcel fegoso na mão esquerda”.</p> <p>Durante esse tempo, a terra continuava a tremer, sacudindo tudo violentamente, desenraizando as árvores e rolando homens pelo chão. Os terraços dos palácios caíam sobre os topos das casas vizinhas, as quais botavam de cabeça para baixo a cobertura dos galinheiros. O zurro dos asnos, o balido das ovelhas e o mugido dos bois, misturados aos gritos dos habitantes e aos relinchos de terror dos cavalos, desencadeavam uma baderna irada dos infernos. O estalo das árvores que despencavam fazia cacarejar as galinhas ensandecidas e expulsava dos esconderijos uma multidão de sapos, que se agarravam em vão nos jarros de barro, rolando com estes para dentro das fendas profundas que se abriam um pouco em todo lugar.</p> <p>Toda a população se pôs a fugir. A cidade estava reduzida a nada, exceto pela casa em que se encontravam Hammadi e a jovem. Bruscamente, o teto que os abrigava se entreabriu e a cabeça de um monstro aterrorizante apareceu. De sua goela em chamas, ele fez irromper trinta e três temíveis tentáculos. Hammadi empurrou a jovem para um dos cantos da morada. Sacando rapidamente um anel de sua mão, ele o deslizou para o anular da</p>
--	---	--

1	il m'arrive là une aventure bien	moça.
2	extraordinaire ! » Il se leva, secoua	“Isto,” disse, “é uma garantia
3	ses vêtements et regagna sa	de nossa aliança. Se eu sucumbir,
4	demeure. Il y retrouva tous ses	ele te servirá de lembrança”.
5	compagnons, aussi troublés que lui	Apanhando então seu sabre,
6	pour avoir été, quelque temps	pôs-se em guarda e golpeou com
7	auparavant, transportés dans les	todas as forças o tentáculo que ia
8	mêmes conditions mystérieuses.	prendê-lo. Um fogo terrível jorrou
9	Hammadi fit venir son Thiorinké,	daquela língua misteriosa.
10	un voyant et magicien peul.	Hammadi perdeu a consciência.
11	« Consulte tes oracles, lui dit-il, et	
12	demande à la Puissance invisible de	Quando voltou a si, constatou
13	me dire ce que je dois faire pour	com estupor que tinha sido
14	avoir ma revanche sur le monstre de	transportado e jogado no monte de
15	Sakaye. »	imundícies situado atrás de seu
16	Le Thiorinké traça sur le sol des	próprio vilarejo. Nada compreendia
17	points symétriques séparés par des	desse mistério. “Certamente,”
18	figures variées, et se mit à	pensou, “aqui me acontece uma
19	psalmodier une invocation :	aventura bem extraordinária!”.
20		Levantou-se, sacudiu as roupas e
21	<i>Astre de lundi, entre dans l'astre</i>	voltou à sua morada. Ali encontrou
22	<i>de dimanche !</i>	todos seus companheiros, tão
23	<i>Astre de mardi, entre dans l'astre</i>	perturbados quanto ele, por terem
24	<i>de samedi !</i>	sido transportados, algum tempo
25	<i>Astre de mercredi, entre dans</i>	antes, nas mesmas condições
26	<i>l'astre de vendredi !</i>	misteriosas.
27	<i>Astre de jeudi, circule entre les</i>	Hammadi fez vir seu
28	<i>trois époux, armé de ta massue, de</i>	Thiorinké, um vidente e mágico
29	<i>ton poignard, de ton coutelas, de ta</i>	fula.
30	<i>lance, de ta hache et de ton sabre.</i>	“Consulte teus oráculos,” disse
31	<i>Dis à tous que Hammadi est monté</i>	a ele, “e peça à Potência invisível
32	<i>sur le taureau issu du boeuf</i>	que me diga o que devo fazer para
33	<i>Hamvoudo, sur la vache issue du</i>	minha revanche contra o monstro
34	<i>taureau Demba, sur la biche de la</i>	de Sakaye”.
35	<i>prairie Dembourgou, et sur la faon</i>	O Thiorinké traçou no solo
36	<i>qui tête une lionne.</i>	pontos simétricos separados por
37	<i>Sa force coupe avec une eau</i>	figuras variadas e se pôs a
38	<i>tranchante. Son âme se désaltère</i>	salmodiar uma invocação:
39	<i>avec un feu frais.</i>	
40	<i>Son emblème se trouve au milieu</i>	<i>Astro de segunda, entre no</i>
41	<i>d'une île aérienne, sous la garde</i>	<i>astro de domingo!</i>
42	<i>d'un reptile gouailleux qui courtise</i>	<i>Astro de terça, entre no astro</i>
43	<i>une souche sèche.</i>	<i>de sábado!</i>
44		<i>Astro de quarta, entre no astro</i>
45	Après cette litanie, psalmodiée en	<i>de sexta!</i>
46	modulations montantes et	<i>Astro de quinta, circule entre</i>
47	descendantes et peu intelligible pour	<i>os três esposos, armado de seu</i>

1	le commun des mortels, il continua :	<i>bastão, de seu punhal, de sua faca,</i>
2		<i>de sua lança, de seu machado e de</i>
3	<i>Comme je le sais, comme tu le</i>	<i>seu sabre. Diga a todos que</i>
4	<i>sais et comme il le sait, cette</i>	<i>Hammadi montou no touro oriundo</i>
5	<i>invocation est la clé qui ouvre les</i>	<i>do boi Hamtoudo, na vaca oriunda</i>
6	<i>portes d'airain derrière lesquelles se</i>	<i>do touro Demba, na corça do</i>
7	<i>trouvent des trésors immenses. Elle</i>	<i>prado Dembourou, e no cervinho</i>
8	<i>fait monter sur les trônes de ce</i>	<i>que mama na leoa.</i>
9	<i>monde et fait triompher de toute</i>	<i>Sua força talha com uma água</i>
10	<i>chose sur cette terre.</i>	<i>cortante. Sua alma se sacia com</i>
11	<i>Par kou hop, ko koum hop, ko</i>	<i>um fogo fresco.</i>
12	<i>koum houm houa hop! Par les</i>	<i>Seu emblema se encontra no</i>
13	<i>marques du boeuf sacré et leurs</i>	<i>meio de uma ilha aérea, sobre a</i>
14	<i>significations secrètes, par le bâton</i>	<i>guarda de um réptil zombeteiro</i>
15	<i>magique du berger transmué,</i>	<i>que corteja um toco seco.</i>
16	<i>Hammadi est vainqueur du monstre</i>	
17	<i>de Sakaye !</i>	<i>Após essa litania, salmodiada</i>
18	<i>Ô oui ! Ô oui ! L'eau a dissous la</i>	<i>em modulações crescentes e</i>
19	<i>terre et éteint le feu ; l'air a asséché</i>	<i>decrecentes, e pouco inteligível ao</i>
20	<i>l'eau et l'homme est vainqueur de</i>	<i>comum dos mortais, continou:</i>
21	<i>l'air²⁶.</i>	
22		<i>Como eu sei, como você sabe e</i>
23	<i>Après ces paroles ambiguës, le</i>	<i>como ele sabe, esta invocação é a</i>
24	<i>Thiorinké dit au jeune homme :</i>	<i>chave que abre as portas de</i>
25	<i>« Prince, la force supérieure t'est</i>	<i>bronze, atrás das quais se</i>
26	<i>favorable. Le chef des esprits a reçu</i>	<i>encontram tesouros imensos. Ela</i>
27	<i>l'ordre d'enchaîner dans les cachots</i>	<i>faz subir aos tronos deste mundo e</i>
28	<i>les plus sombres le monstre</i>	<i>faz triunfar toda coisa nesta terra.</i>
29	<i>tentaculaire. Quant à la jouvencelle,</i>	<i>Por kou hop, ko koum hop, ko</i>
30	<i>le monstre l'avait enlevée. Elle a</i>	<i>koum houm houa hop! Pelas</i>

²⁶ Allusion aux onze forces fondamentales traditionnelles dont chacune détruit celle qui l'a engendrée. Il y a d'abord cinq forces matérielles : la pierre engendre le fer qui la détruit, celui-ci engendre le feu qui le fait fondre, le feu engendre l'eau qui l'éteint (ici, par feu on entend également la chaleur qui fait sortir l'eau du corps et qui annonce la saison des pluies) ; l'eau engendre l'air qui l'assèche (la pluie est accompagnée de vent, les cours d'eau génèrent une brise légère). Au coeur des onze forces se situe l'homme. Il est « vainqueur de l'air », parce qu'il est le seul de tout le règne animal à marcher contre le vent ; aucun animal ne lutte contre le vent : ou il va dans son sens, ou il se terre en attendant. Puis viennent cinq forces immatérielles dont on ne voit que les effets : l'homme est vaincu par l'ivresse, l'ivresse est vaincue par le sommeil, le sommeil est vaincu par le souci, le souci est vaincu par la mort, mais la mort est vaincue par la vie éternelle de l'au-delà... (H.H., d'après des explications reçues de A.H.Bâ. Voir aussi « Kaïdara », dans *Contes initiaques peuls, op. cit.*, p. 323, note 2).

1	recouvré sa liberté, mais elle est	<i>marcas do boi sagrado e seus</i>
2	partie je ne sais où. »	<i>significados secretos, pelo cajado</i>
3	Hammadi vint trouver sa mère.	<i>mágico do pastor transmutado,</i>
4	« Mère, lui dit-il, je dois partir en	<i>Hammadi é vencedor do monstro</i>
5	voyage et cela pour tout le reste de	<i>de Sakaye!</i>
6	ma vie, à moins que je ne sois assez	<i>Oh, sim! Oh, sim! A água</i>
7	chanceux pour retrouver à temps la	<i>dissolveu a terra e apagou o fogo;</i>
8	jouvencelle de Sakaye. Sans elle, la	<i>o ar secou a água e o homem é</i>
9	vie est pour moi un enfer. »	<i>vencedor do ar⁴⁰.</i>
10	Et il improvise ce poème chanté :	
11		
12	<i>Belle de visage, quel plaisir de</i>	Após essas palavras ambíguas,
13	<i>contempler</i>	o Thiorinké disse ao moço:
14	<i>la blanche²⁷ si bien faite et si</i>	“Príncipe, a força superior te é
15	<i>appétissante !</i>	favorável. O chefe dos espíritos
16	<i>Ses dents sont perles pures, elle-</i>	recebeu a ordem de acorrentar nas
17	<i>même de pure race.</i>	masmorras mais sombrias o
18	<i>L'image de ses hanches</i>	monstro tentacular. Quanto à
19	<i>épanouies</i>	jovem, o monstro a tinha raptado.
20	<i>et de sa taille svelte me fait dire :</i>	Ela recobrou a liberdade, mas
21	<i>pauvre de moi, je pleure mon</i>	partiu não sei aonde”.
22	<i>âme...</i>	Hammadi veio encontrar sua
23		mãe:
24	<i>Pour moi plus de nuit, même mon</i>	“Mãe,” disse, “preciso partir
25	<i>jour est désagréable !</i>	em viagem e isso por todo o resto
26	<i>Aucune nourriture ne m'est plus</i>	da minha vida, a menos que eu
27	<i>savoureuse ni chaude.</i>	tenha sorte suficiente para
28	<i>Une obscurité met tous mes sens</i>	encontrar a tempo a jovem de
29	<i>en deuil</i>	Sakaye. Sem ela, a vida é um
30	<i>au point que je ne saurais même</i>	inferno para mim”.
		E improvisou esse poema

²⁷ « Blanche » désigne un teint assez clair, d'une clarté lumineuse.

⁴⁰ Alusão às onze forças fundamentais tradicionais, das quais cada uma destrói aquela que a gerou. Há, primeiramente, cinco forças materiais: a pedra gera o ferro que a destrói, este gera o fogo que o faz fundir, o fogo gera a água que o apaga (aqui, por fogo compreendemos igualmente o calor que faz sair a água do corpo e que anuncia a estação das chuvas); a água gera o ar que a seca (a chuva é acompanhada de vento, os cursos de água geram uma brisa leve). No centro das onze forças, situa-se o homem. Ele é “vencedor do ar”, pois é o único de todo o reino animal que caminha contra o vento; nenhum animal luta com o vento: ou segue seu sentido, ou se esconde para esperar. Em seguida, vêm cinco forças imateriais das quais vemos apenas os efeitos: o homem é vencido pela embriaguez, a embriaguez é vencida pelo sono, o sono é vencido pela preocupação, a preocupação é vencida pela morte, mas a morte é vencida pela vida eterna do além... (H.H., segundo explicações recebidas de A.H.Bâ. Ver também “Kaïdara”, em *Contes initiaques peuls, op. cit.*, p. 323, nota 2).

1	<i>ressentir</i>	cantado:
2	<i>l'intensité des affres de la mort.</i>	
3	<i>Ô pauvre de moi ! Je pleure mon</i>	<i>Bela de rosto, que prazer é</i>
4	<i>âme...</i>	<i>contemplar</i>
5		<i>a branca⁴¹ tão bem feita e tão</i>
6	<i>Blanche ! Vers le lieu de ta</i>	<i>apetitosa!</i>
7	<i>retraite, je pars.</i>	<i>Seus dentes são pérolas puras,</i>
8	<i>Chaque aurore me trouvera</i>	<i>ela mesma de pura raça.</i>
9	<i>voyageant.</i>	<i>A imagem de suas ancas largas</i>
10	<i>Si c'est une armée qui t'a</i>	<i>e de seu porte esbelto me faz</i>
11	<i>séquestrée, je te délivrerai !</i>	<i>dizer:</i>
12	<i>Si ses plus vaillants s'y opposent,</i>	<i>pobre de mim, choro minha</i>
13	<i>je les transpercerai !</i>	<i>alma...</i>
14	<i>Ô pauvre de moi ! Je pleure mon</i>	
15	<i>âme...</i>	<i>Para mim, mais noite, mesmo</i>
16		<i>meu dia é desagradável!</i>
17	Le départ de Hammadi fut fixé à	<i>Comida alguma não me é mais</i>
18	trois jours de là. Sa mère, affairée,	<i>nem saborosa nem quente.</i>
19	troublée, ne savait plus où elle en	<i>Uma escuridão põe todos meus</i>
20	était. Ses idées s'embrouillaient, elle	<i>sentidos em luto</i>
21	faisait tout à rebours... Finalement,	<i>a ponto que eu não saberia</i>
22	elle prépara pour les voyageurs une	<i>nem mesmo sentir</i>
23	grande quantité de gâteaux de miel	<i>a intensidade dos tormentos da</i>
24	qu'elle façonna en forme de boules.	<i>morte.</i>
25	Leguel-Badhadhi, toujours	<i>Oh, pobre de mim! Eu choro</i>
26	enfermée dans son masque de bois et	<i>minha alma...</i>
27	s'appuyant sur ses béquilles,	
28	s'approcha de la vieille femme :	<i>Branca! Ao lugar de seu retiro,</i>
29	« Mère, lui dit-elle, je voudrais	<i>eu parto.</i>
30	façonner quelques petites boules	<i>Cada aurora me encontrará</i>
31	pour le bonheur de ton fils.	<i>viajando.</i>
32	– Oh, Leguel-Badhadhi, c'est très	<i>Se é um exército que te</i>
33	gentil à toi, mais tu connais les	<i>sequestrou, eu te libertarei!</i>
34	sentiments que Hammadi nourrit à	<i>Se seus mais valentes se</i>
35	ton endroit. S'il te surprenait la main	<i>opuserem, eu os perfurarei!</i>
36	dans son gâteau, il te tuerait !	<i>Oh, pobre de mim! Eu choro</i>
37	– Écoute, bonne mère, Hammadi	<i>minha alma...</i>
38	ne me surprendra pas. Six ou sept	
39	boulettes, c'est vite fait. Avant que	<i>A partida de Hammadi foi</i>
40	Hammadi ne revienne de chez son	<i>fixada para três dias depois. Sua</i>
41	père auquel il est allé dire adieu, j'en	<i>mãe, ocupada, aflita, tinha perdido</i>
42	aurai terminé. »	<i>a razão. Suas ideias se</i>
43	La mère de Hammadi céda, et	<i>embrulhavam, ela fazia tudo pelo</i>
44	laissa faire la jeune fille. Celle-ci,	<i>avesso... Finalmente, preparou para</i>
45	avec un dextérité étonnante, moula	<i>os viajantes uma grande quantidade</i>

⁴¹ “Branca” designa uma tez quase clara, de uma claridade luminosa.

1	dans ses mains sept petites boules	de bolos de mel que moldou em
2	parfaites. La vieille femme, pleine	bolos.
3	d'admiration pour ce beau travail,	Leguel-Badhadhi, sempre
4	s'exclama :	fechada em sua máscara de
5	« Puisse le voyage de mon fils	madeira e se apoiando em suas
6	être aussi agréable que ces boules	muletas, se aproximou da velha
7	sont belles ! »	mulher:
8		“Mãe,” disse, “eu gostaria de
9	À l'aurore, la troupe de Hammadi	moldar algumas bolinhas para a
10	se mit en route. Elle chemina durant	felicidade de seu filho”.
11	des jours et des jours. A chaque	– Oh, Leguel-Badhadhi, é
12	repas, Hammadi partageait lui-même	muito gentil de sua parte, mas você
13	les provisions, à raison de sept	conhece os sentimentos que
14	boules de gâteau par tête.	Hammadi nutre ao seu respeito. Se
15	Un beau matin, Hammadi et sa	te surprendesse com a mão no
16	troupe arrivèrent devant un grand	bolo dele, ele te mataria!
17	fleuve mystérieux. Un pêcheur	– Escute, boa mãe, Hammadi
18	semblait être le seul mortel présent à	não vai me surpreender. Seis ou
19	cet endroit. Hammadi le salua.	sete bolinhos, é rapidinho. Antes
20	« Bon pêcheur ! Quel est ce	que Hammadi volte da casa de seu
21	fleuve si large que l'on ne peut rien	pai a quem foi dizer adeus, terei
22	distinguer sur l'autre rive ?	terminado.
23	– C'est le fleuve de la limite,	A mãe de Hammadi cedeu e
24	répondit le pêcheur. Il sépare le	deixou a moça fazer. Esta, com
25	continent oriental du continent	uma destreza espantosa, moldou
26	occidental ²⁸ . Sa longueur est de	em suas mãos sete bolinhas
27	soixante-six millions de coudées.	perfeitas. A mulher, cheia de
28	– Bon pêcheur, je voudrais me	admiração por esse belo trabalho,
29	rendre sur l'autre rive. Que dois-je	exclamou:
30	faire ?	“Possa a viagem de meu filho
31	– Il n'y a rien à faire. On ne passe	ser tão agradável quanto essas
32	pas.	bolas são belas!”.
33	– Qui es-tu au juste, ô pêcheur	
34	vénérable ?	Na aurora, a tropa de Hammadi
35	– Je suis le gardien du secret de la	pegou a estrada. Ela caminhou
36	vache ²⁹ et le dépositaire du secret de	durante dias e dias. A cada

²⁸ Dans le conte initiatique « Kaïdara », seul le héros qui aura triomphé de toutes les épreuves pourra franchir le « fleuve de la limite » qui sépare le monde invisible du monde visible, et ainsi revenir dans le monde des humains (cf. le conte « Kaïdara » dans *Contes initiatiques peuls, op. cit.*, p. 295). Les termes « orient » et « occident » revêtent souvent un sens spirituel lié au symbolisme de la lumière.

²⁹ Toute l'initiation pastorale peule repose sur un symbolisme lié au bovidé. Il s'agit ici de la vache hermaphrodite originelle, celle dont il est question dans

1	ce fleuve. Retourne sur tes pas, ce	refeição, o próprio Hammadi
2	que tu cherches et derrière toi.	dividia as provisões, na proporção
3	Hammadi, la force supérieure ne me	de sete bolos por cabeça.
4	permet pas de te laisser aller plus	Numa bela manhã, Hammadi e
5	loin ³⁰ . Les provisions vont te	sua tropa chegaram diante de um
6	manquer : il t'en reste juste pour	grande rio misterioso. Um pescador
7	aujourd'hui. »	parecia ser o único mortal presente
8	Hammadi s'aperçut en effet qu'il	no local. Hammadi o saudou:
9	ne lui restait plus de boulettes que	“Bom pescador! Qual é esse rio
10	pour une seul repas. Il réunit ses	tão largo que nada se pode
11	hommes et répartit les boules de	distinguir na outra beira?”.
12	miel. Il garda pour lui les sept plus	– É o rio do limite, –respondeu
13	petites, disant que leur beauté	o pescador – Ele separa o
14	suppléerait à leur volume. Il en	continente oriental do continente
15	mangea six, puis arriva à la dernière.	ocidental ⁴² . Seu comprimento é de
16	Quand il la rompit, il y découvrit la	66 milhões côvados.
17	bague qu'il avait donné à la	– Bom pescador, eu gostaria de
18	jouvencelle de Sakaye. Il s'écria :	chegar à outra beira. O que devo
19	« Ô mes muscles superficiels et	fazer?»
20	mes muscles profonds, venez au	– Não há nada a fazer. Não se
21	secours des os de mon squelette ! La	passa.
22	circulation de mon sang est-elle	– Quem é você exatamente, oh,
23	normale ? Est-ce là foi ou folie ?	pescador venerável?
24	Est-ce mon corps solide qui devient	– Eu sou o guardião do segredo
25	liquide ? Ai-je affaire à une fée	da vaca ⁴³ e o depositário do
26	malveillante, à un génie roué ou à un	segredo deste rio. Volte sobre teus
27	lutin jaloux ? »	passos, o que você procura está
28	Au même moment, le pêcheur	atrás de você. Hammadi, a força
29	poussa un cri rauque et se transforma	superior não me permite deixar
30	en un gigantesque lamantin ³¹ . Il fit	você ir mais longe ⁴⁴ . As provisões

Koumen, texte initiatique des pasteurs peuls, de A. Hampâté Bâ et G. Dieterlen, *Cahiers de l'Homme*, Mouton, 1961 (épuisé). (H.H.)

³⁰ Il ne s'agit pas ici d'une quête de nature initiatique, comme dans « Kaïdara ». Hammadi ne peut donc dépasser les limites du monde visible.

³¹ Lamantin : gros mammifère aquatique herbivore des fleuves tropicaux. Son long corps fuselé doté seulement de deux pattes antérieures serait à l'origine du mythe africain des sirènes. (H.H.)

⁴² No conto iniciático “Kaïdara”, somente o herói que triunfar todas as provas, poderá atravessar o “rio do limite”, que separa o mundo invisível do mundo visível, e assim voltar ao mundo dos humanos (cf. o conto “Kaïdara” em *Contes initiatiques peuls*, op. cit., p. 295). Os termos “orient” e “ocidente” têm, geralmente, um sentido espiritual ligado ao simbolismo da luz.

⁴³ Toda iniciação pastoral fula pousa sobre um simbolismo ligado ao bovino. Trata-se aqui da vaca hermafrodita original, a qual é questão em *Koumen, texte*

1	un plongeon dans le fleuve, et	vão te faltar; resta somente para
2	disparut...	hoje”.
3	Hammadi, pensif, contemplait	Hammadi percebeu, de fato,
4	l’endroit où avait disparu le pêcheur.	que apenas restavam bolinhos para
5	« L’embarrassant épouse l’obscur et	uma só refeição. Ele reuniu seus
6	de leur union naît l’inexplicable, dit-	homens e repartiu as bolas de mel.
7	il. Hélas ! Depuis que j’ai vu le	Guardou para si as sete menores,
8	monstre diabolique de Sakaye, le	dizendo que sua beleza preencheria
9	soleil de mon bonheur s’est	seu volume. Comeu seis e chegou à
10	éclipsé. »	última. Quando a rompeu,
11	A ces mots, le lamantin	descobriu o anel que havia dado à
12	réapparut :	jovem de Sakaye. Exclamou:
13	« Hammadi, cria-t-il, retourne	“Oh, meus músculos
14	vers ta mère ! »	superficiais e meus músculos
15	Hammadi et sa troupe prirent	profundos, venham socorrer os
16	donc le chemin du retour. Les fruits	ossos de meu esqueleto! A
17	et le gibier ne manquaient pas sur	circulação de meu sangue está
18	leur route. Le voyage s’effectua sans	normal? Isso é fé ou loucura? É
19	incident.	meu corpo sólido que se torna
20		líquido? Estou lidando com uma
21	Lorsque la mère de Hammadi vit	fada maliciosa, um gênio burlador
22	revenir son fils sain et sauf, elle loua	ou um duende invejoso?”
23	tellement Dieu qu’on se demandait si	No mesmo momento, o
24	elle allair s’arrêter un jour...	pescador soltou um grito rouco e se
25	« Mère ! s’écria Hammadi. Veux-	transformou num gigantesco peixe-
26	tu que je vive ?	boi ⁴⁵ . Deu um mergulho no rio e
27	– Certes oui, mon enfant.	desapareceu...
28	– Alors, il faut me dire qui est	Hammadi, pensativo,
29	celui ou celle qui a moulé les sept	contemplava o lugar em que havia
30	plus petites boules de mon gâteau de	desaparecido o pescador. “O
31	miel.	embaraçoso desposa o obscuro e de
32	– Oh, mon enfant ! Personne	sua união, nasce o inexplicável,”
33	d’autre que ta mère n’a travaillé à	disse, “Puxa! Desde que vi o
34	ton gâteau...	monstro diabólico de Sakaye, o sol
35	– Mère, comprends-moi. Ton	de minha felicidade se eclipsou”.
36	refus de me répondre va me rendre	A essas palavras, o peixe-boi
37	fou, sinon me tuer. Je sais qu’une	reapareceu:
38	main étrangère a participé à ce	“Hammadi”, gritou, “volte à

initiatique des pasteurs peules, de A. Hampâté Bâ e G. Dieterlen, *Cahiers de l’Homme*, Mouton, 1961 (esgotado). (H.H.)

⁴⁴ Não se trata aqui de uma busca de natureza iniciática, como em “Kaïdara”. Hammadi não pode então passar os limites do mundo invisível.

1	travail. J'en ai une preuve.	sua mãe!?”.
2	– Mon enfant, jure sur ce sein que	Hammadi e sua tropa tomaram,
3	tu as tété ³² que tu ne feras pas de mal	então, o caminho de volta. Frutas e
4	au coupable.	caças não faltavam pelo caminho.
5	– Je te le jure mille fois, ma	A viagem transcorreu sem
6	mère !	incidentes.
7	– C'est Leguel-Badhadhi.	
8	– Mère, je veux qu'on m'amène	Quando a mãe de Hammadi viu
9	Leguel-Badhadhi immédiatement, et	o filho retornar são e salvo, louvou
10	que l'on publie partout ma décision	tanto a Deus, que perguntaram se
11	de l'épouser cette nuit même.	ela pararia um dia...
12	– A moi, familles peules ! clama	“Mãe!”, exclamou Hammadi.
13	la mère de Hammadi. Le trouble de	“Você quer que eu viva?”.
14	la raison s'est emparé de mon fils !	– Claro que sim, meu filho.
15	Malheur à moi, car la démence est	– Então, você tem que me dizer
16	entrée par la grande porte de ma	quem é aquele ou aquela que
17	demeure ! Malheur à moi, car à	moldou as sete menores bolinhas
18	chaque tresse de ma tête une idiotie	de meu bolo de mel.
19	s'est suspendue ! Malheur à moi,	– Oh, meu filho! Ninguém
20	l'ambassade du diable est l'hôte	mais, além de sua mãe, trabalhou
21	forcé de ma demeure ! Malheur à	no seu bolo...
22	moi, mon fils est devenu fou !	– Mãe, entenda. Sua recusa em
23	– Non, mère, je ne suis pas fou.	me responder vai me deixar louco,
24	En ce moment même, je suis	ou então me matar. Eu sei que uma
25	l'homme le plus sain de la terre.	mão estranha participou desse
26	Jamais je n'ai été plus lucide. La	trabalho. Tenho uma prova.
27	lumière de la joie illumine les	– Meu filho, jure por este
28	ténèbres de mon âme. Mère, change	seio em que você mamou ⁴⁶ , que
29	de ton... Ce qui m'empêchait de	não fará mal ao culpado.
30	dormir nuit et jour, devine, qu'est-	– Eu te juro mil vezes, minha
31	ce ?	mãe!
32	– Je ne sais pas, mon enfant.	– É Leguel-Badhadhi.
33	– Mère, c'est Leguel-Badhdhi. Et	– Mãe, quero que me tragam
34	la jouvencelle pour laquelle je	Leguel-Badhadhi imediatamente, e
35	meurs, devine, qui est-ce ?	que publiquem por todos os lugares
36	– Je ne sais pas, mon enfant.	minha decisão de desposá-la nesta
37	– Mère, c'est Leguel-Badhadhi. »	mesma noite.
38	Hammadi raconta alors à sa mère	– Socorro, famílias fulas! –
39	l'histoire de la bague, et la lui	clamou a mãe de Hammadi – A
40	montra. La vieille femme en fut	confusão da razão tomou conta do
41	émerveillée à la limite du possible.	meu filho! Ai de mim, pois a

⁴⁵ Peixe-boi: grande mamífero aquático herbívoro dos rios tropicais. Seu longo corpo afunilado dotado somente de duas patas anteriores, estaria na origem do mito africano das sereias. (H.H.)

³² Le serment le plus sacré en Afrique.

⁴⁶ O juramento mais sagrado na África.

1		demência entrou pela grande porta
2		de minha morada! Ai de mim, pois
3	Les noces furent célébrées selon	em cada trança de minha cabeça,
4	la coutume de Waye, grand-père des	uma idiotia se suspendeu! Ai de
5	Peuls de la tribu Férobé.	mim, a embaixada do diabo é o
6	Leguel-Badhadhi, libérée de son	hospedeiro forçado de minha
7	masque de bois, abandonna sa case	morada! Ai de mim, meu filho
8	exiguë pour le palais princier.	enlouqueceu!
9	Depuis lors, le cervau de	– Não, mãe, eu não estou
10	Hammadi se remit bien en place, et	louco. Neste exato momento, sou o
11	toutes choses rentrèrent dans leur	homem mais são da terra. Jamais
12	ordre...	estive tão lúcido. A luz da alegria
13	<i>Et le conte m'abandonne là où il</i>	ilumina as trevas de minha alma.
14	<i>m'a trouvé</i> ³³ .	Mãe, mude o tom... Aquilo que me
15		impedia de dormir noite e dia,
16		adivinhe o que é?
17		– Não sei, meu filho.
18		– Mãe, é a Leguel-Badhadhi. E
19		a jovem pela qual estou morrendo,
20		adivinhe quem é?
21		– Não sei, meu filho.
22		– Mãe, é a Leguel-Badhadhi.
23		Hammadi contou, então, à sua
24		mãe a história do anel, o qual
25		mostrou para ela. A velha mulher
26		se maravilhou até não mais poder.
27		As núpcias foram celebradas
28		segundo o costume de Waye, avô
29		dos fulas da tribo Férobé.
30		Leguel-Badhadhi, liberta de
31		sua máscara de madeira,
32		abandonou sua casa exígua e se
33		mudou para o palácio principesco.
34		Desde então, o cérebro de
35		Hammadi retornou ao seu lugar, e
36		todas as coisas entraram em
37		ordem...
38		<i>E o conto me abandona aqui</i>
39		<i>onde me encontrou</i> ⁴⁷ .
40		

³³ Ce conte existe avec des variantes. Cf. Christiane Seydou : *Petite Bûche* (Paris, Nubia, 1980) ; et aussi, du même auteur : *Contes et Fables des veillées* (Paris, Nubia, 1976), pp. 54-63. (H.H., d'après Ch.S.)

⁴⁷ Este conto existe com variantes. Cf. Christiane Seydou: *Petite Bûche* (Paris, Nubia, 1980); e também da mesma autora: *Contes et Fables des veillées* (Paris, Nubia, 1976), pp. 54-63. (H.H., segundo Ch.S.)

3.3 O PASTOR CORCUNDA-CORCUNDA *OU O CAVALEIRO SOLITÁRIO*

1	Le berger bossu-bossu	O pastor corcunda-corcunda
2	ou	ou
3	<i>Le cavalier solitaire</i>	<i>O cavaleiro solitário</i>
4		
5	<i>Version peule</i> ⁴⁸	<i>Versão fula</i> ⁵⁹⁶⁰
6		
7	Dans un pays doté de vastes	Em um país dotado de vastos
8	prairies où les hautes herbes	prados onde a alta relva estremecia
9	frémisssaient au moindre souffle	ao menor sopro de vento, um casal
10	de vent, un couple de bergers	de pastores fulas, possuidor de um
11	peuls, possesseur d'un grand	grande rebanho, vivia afastado de
12	troupeau, vivait à l'écart de tous.	todos. Esse casal, versado na arte da
13	Ce couple, versé dans l'art de la	magia e conhecedor das palavras
14	magie et connaisseur des paroles	secretas carregadas de vida e de
15	secrètes chargées de vie et de	poder, tinha apenas dois filhos: um
16	pouvoir, n'avait que deux	menino, Samba, e uma menina,
17	enfants : un garçon, Samba, et	Penda.
18	une fille, Penda.	No dia em que constataram que
19	Le jour où ils constatèrent que	Penda tinha se tornado uma bela
20	Penda était devenue une jeune	moça de fazer inveja à própria
21	fille belle à en rendre jalouse la	rainha dos Gênios, e que Samba
22	reine des Génies elle-même, et	podia conduzir sozinho o rebanho
23	que Samba pouvait conduire seul	ao pasto e defendê-lo das feras, os
24	le troupeau au pâturage et le	dois velhos pastores se prepararam
25	défendre contre les fauves, les	para se juntarem ao mundo dos
26	deux vieux bergers se préparèrent	ancestrais. Transmitiram aos filhos
27	à rejoindre le monde des ancêtres.	o saber que eles próprios tinham
28	Ils transmirent à leurs enfants le	recebido de seus pais, e então os
29	savoir qu'ils avaient eux-mêmes	confiaram a uma palmeirinha que,
30	reçu de leurs parents, puis ils les	por certo, não era uma árvore
31	confièrent à un petit palmier qui,	ordinária. Então, alma em paz, em
32	certes, n'était pas un arbre	uma noite de lua cheia, fecharam os
33	ordinaire. Alors, l'âme en paix,	olhos e, juntos, deixaram nosso
34	par une nuit de pleine lune ils	mundo terrestre.
35	fermèrent les yeux et quittèrent	Desde esse dia, Penda se instalou
36	ensemble notre monde terrestre.	na copa frondosa da palmeirinha.
37	De ce jour, Penda s'installa	Ora, essa palmeira tinha uma
38	dans la houppe feuillue du petit	propriedade mágica: se certas
39	palmier. Or ce palmier avait une	palavras fossem pronunciadas, ela

⁴⁸ Sur l'origine de ce conte, voir plus loin, p. 131, note 11.

⁵⁹ Um dos grupos étnicos da África Ocidental (NT).

⁶⁰ Sobre a origem desse conto, ver adiante, p. 131, nota 11.

1	propriété magique : si l'on	poderia erguer seu tronco até muito
2	prononçait certaines paroles, il	alto ou descê-lo até bem baixo, o
3	pouvait élever son tronc très haut	que realmente era o mais prático
4	ou l'abaisser très bas, ce qui était	para subir nela ou descer.
5	vraiment des plus pratique pour y	Já Samba partia de manhã cedo
6	accéder ou en descendre.	com seus animais à procura de
7	Samba, lui, partait tôt le matin	novos pastos. Seu cajado
8	avec ses animaux à la recherche	atravessado sobre os ombros, as
9	de nouveaux pâturages. Son bâton	tranças ondulantes de sua cabeleira
10	en travers des épaules, les tresses	batendo ao ritmo de seu passo,
11	ondoyantes de sa chevelure	caminhava sem se cansar à frente de
12	battant au rythme de son pas, il	seu rebanho. O touro-líder,
13	marchait sans se lasser à la tête de	particularmente potente pelo
14	son troupeau. Le taureau-meneur,	tamanho e coragem, seguia seus
15	particulièrement puissant par la	passos, seguido pelo conjunto de
16	taille et le courage, lui emboîtait	bois ⁶¹ com chifres de meia lua.
17	le pas, suivi de l'ensemble des	De dia, enquanto seus animais
18	boeufs ⁴⁹ aux cornes en croissants	pastavam tranquilamente, Samba
19	de lune.	meditava em silêncio ou tocava sua
20	Dans la journée, lorsque ses	flauta de pastor. Geralmente
21	animaux paissaient	também, como todos os pastores
22	tranquillement, Samba méditait	fulas, improvisava longos poemas
23	en silence ou jouait de sa flûte de	bucólicos que, voltando para casa,
24	berger. Souvent aussi, comme	cantava à sua irmã Penda.
25	tous les pasteurs peuls, il	À chegada do crepúsculo, ele
26	improvisait de longs poèmes	arrastava atrás de si seus bois de
27	bucoliques qu'à son retour il	marcha indolente. Chegando junto
28	chantait à sa soeur Penda.	da palmeira onde residia sua irmã,
29	À l'approche du crépuscule, il	ele a encantava, cantando a fórmula
30	ramenait derrière lui ses boeufs à	especial que seu pai havia ensinado:
31	la marche indolente. Arrivé	
32	auprès du palmier où résidait sa	<i>Palmeirinha, desça, desça,</i>
33	soeur, il l'incantait en chantant la	<i>desça!</i>
34	formule spéciale que son père lui	<i>Bem baixo, bem baixo, bem</i>
35	avait apprise :	<i>baixo!</i>
36		<i>Por virtude do que disse meu pai,</i>
37	<i>Petit palmier, descends,</i>	<i>por virtude do que disse minha</i>
38	<i>descends, descends !</i>	<i>mãe,</i>

⁴⁹ Dans ses écrits, Amadou Hampâté Bâ emploie souvent le mot français « boeufs » pour désigner soit l'ensemble des taureaux autres que le « taureau meneur », soit l'ensemble du troupeau, vaches comprises. Ce mot ne doit donc pas être pris ici dans le sens d'animal castré. (H.H.)

⁶¹ Em seus escritos, Amadou Hampâté Bâ emprega frequentemente a palavra francesa “boeufs” [bois] para designar seja o conjunto de touros que não o “touro líder”, seja o conjunto do rebanho, incluindo vacas. Essa palavra não deve ser então entendida no sentido de animal castrado. (H.H.)

<p>1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47</p>	<p><i>Très bas, très bas, très bas ! Par la vertu de ce qu'a dit mon père, par la vertu de ce qu'a dit ma mère, descends très bas, très bas, très bas !...</i></p> <p>Docile, l'arbre s'abaissait. Penda en descendait et venait à la rencontre de son frère. Samba trayait alors les vaches aux pis gonflés et attachait les petits veaux pour la nuit. Il offrait du lait à boire à sa soeur, puis ils partageaient un repas frugal. Heureux, goûtant la paix d'une soirée tranquille que seul traversait de loin en loin le cri d'un animal nocturne, ils riaient, chantaient et devisaient jusqu'à ce que le sommeil vienne alourdir leurs paupières. Au-dessus d'eux, les étoiles semblaient des pierres précieuses délicatement serties dans le manteau de la nuit. Non loin de là, le dôme sombre d'un baobab faisait penser à quelque génie accroupi chargé de veiller sur le repos des deux jeunes gens...</p> <p>Le lendemain matin, quand Samba s'apprêtait à partir, sa soeur retournait s'installer dans sa demeure végétale, qui s'élevait dès qu'elle chantait les paroles appropriées. La jeune fille occupait ses journées à baratter le lait, ou à tresser des vans à l'aide de fibre et de feuilles que son frère ne manquait jamais de lui rapporter chaque soir.</p> <p>À une journée de marche de là se trouvait une grande cité où résidait Manna, le roi du pays. Riche, puissant, disposant d'un</p>	<p><i>desça bem baixo, bem baixo, bem baixo!...</i></p> <p>Dócil, a árvore se abaixava. Penda descia e vinha ao encontro de seu irmão. Samba então ordenhava as vacas de tetas cheias e amarrava os bezerrinhos para a noite. Oferecia leite para sua irmã beber, e logo compartilhavam uma refeição frugal. Felizes, experimentando a paz de um entardecer tranquilo que só de tempos em tempos era atravessado pelo grito de um animal noturno, eles riam, cantavam e proseavam até que o sono viesse pesar sobre suas pálpebras. Acima deles, as estrelas pareciam pedras preciosas delicadamente cravadas no manto da noite. Não longe dali, a copa sombria de um baobá fazia pensar em um gênio agachado, encarregado de vigiar o repouso dos dois jovens...</p> <p>Na manhã seguinte, quando Samba se aprontava para partir, sua irmã voltava a se instalar em sua morada vegetal, que se erguia assim que ela cantasse as palavras apropriadas. A jovem moça ocupava seus dias a bater o leite, ou a trançar cestos com ajuda de fibras e folhas que seu irmão jamais deixava de lhe trazer toda noite.</p> <p>A um dia de caminhada dali se encontrava uma grande cidade onde residia Manna, o rei do país. Rico, poderoso, dispendo de um grande rebanho e de numerosos cavaleiros, ele vivia cercado por suas esposas e por sua família, mas não era feliz. Uma sombra de tristeza velava geralmente seu olhar.</p> <p>A cada tarde, Barka, seu palafreireiro, saía da cidade para ir procurar forragem destinada aos</p>
--	---	---

1	grand troupeau et de nombreux	cavalos do estábulo real. Num dia
2	cavaliêrs, il vivait entouré de ses	em que ele tinha demorado fora até
3	épouses et de sa famille, mais il	o entardecer, encontrava-se nas
4	n'était pas heureux. Une ombre	proximidades da palmeirinha
5	de tristesse voilait souvent son	mágica, quando viu chegar,
6	regard.	levantando a poeira do caminho,
7	Chaque après-midi, Barka, son	erichando aos céus uma floresta de
8	palefrenier, sortait en brousse	chifres afiadados, o grande rebanho de
9	pour aller chercher du fourrage	Samba. O touro-líder de narinas
10	destiné aux chevaux de l'écurie	arquejantes caminhava no ritmo do
11	royale. Un jour qu'il s'était	jovem moço. Tomado pelo medo,
12	attardé au-dehors jusqu'à	Barka se escondeu atrás de um
13	l'approche du soir, il se trouvait	arbusto, mas de maneira que
14	non loin du petit palmier magique	pudesse observar tudo o que se
15	quand il vit arriver, soulevant la	passava.
16	poussière du chemin, hérissant	Quando Samba chegou ao pé da
17	vers le ciel une forêt de cornes	palmeira, como todas as noites, ele
18	effilées, le grand troupeau de	a encantou. A árvore desceu até ele
19	Samba. Le taureau-chef aux	e Penda saltou para o solo. Samba
20	naseaux frémissants marchait	procedeu à ordenha dos animais e
21	dans les pas du jeune homme. Pris	deu de beber à irmã, então ficaram
22	de peur, Barka alla se cacher	juntos proseando na sombra,
23	derrière un buisson, mais de	enquanto os animais repousavam ali
24	manière à pouvoir observer tout	perto deles. Barka, tanto por temor
25	ce qui se passait.	quanto por curiosidade, não se
26	Quand Samba arriva au pied du	mouveu de seu esconderijo.
27	palmier, comme chaque soir il	No dia seguinte de manhã cedo,
28	l'incanta. L'arbre s'abaissa	quando Samba se aprontava para
29	jusqu'à lui et Penda sauta sur le	partir, o palafreireiro pôde
30	sol. Samba procéda à la traite des	contempler a jovem moça à luz do
31	animaux et fit boire sa soeur, puis	dia. Jamais havia visto mais bela
32	ils restèrent ensemble à deviser	mulher no mundo! Ela tinha a tez
33	dans l'ombre tandis que les	clara, cabelos longos e lisos e os
34	animaux se reposaient non loin	lábios finos das filhas de Ilo, o
35	d'eux. Barka, autant par crainte	antigo pastor fula, cujos ancestrais -
36	que par curiosité, ne bougea pas	dizem - vinham dos longínquos
37	de sa cachette.	países do sol nascente. Seu porte
38	Le lendemain matin de bonne	esbelto e suas curvas charmosas
39	heure, comme Samba s'apprêtait	teriam abrasado o mais frio dos
40	à repartir, le palefrenier put	homens. O sorriso dela iluminava
41	contempler la jeune fille à la	seu coração como o primeiro raio
42	lumière du jour. Jamais il n'avait	do sol depois da tempestade.
43	vu plus belle femme au monde !	Quanto aos seus olhos largos e
44	Elle avait le teint clair, les	profundos, eles eram como um lago
45	cheveux longs et lisses et les	onde o espírito do homem pode
46	lèvres fines des filles d'Ilo,	apenas naufragar sem socorro. De
47	l'antique berger peul dont les	repente, em frente ao palafreireiro

1	ancêtres, dit-on, venaient des	hipnotizado, ela dá um leve pulo e
2	lointains pays du Soleil levant. Sa	sobe na coroa de folhas da
3	taille svelte et ses rondeurs	palmeira, e esta, sob efeito de seu
4	charmantes auraient embrasé	canto, ergue-se bem alto acima do
5	l'homme le plus froid. Son	solo.
6	sourire vous éclairait le coeur	O palafreireiro regressou à cidade
7	comme le premier rayon du soleil	real. Seu ventre estava tão repleto
8	après l'orage. Quant à ses yeux	de coisas para contar que ameaçava
9	larges et profonds, ils étaient	explodir ⁶² ; pedaços de relatos se
10	comme un lac où l'esprit de	escapavam por miúdos rasgos, mas
11	l'homme ne peut que sombrer	ele os retomava e os recolocava em
12	sans recours. Soudain, devant le	seu ventre. Ele conseguiu manter
13	palefrenier médusé, elle sauta	tudo isso bem escondido, até o
14	d'un bond léger dans la couronne	momento em que chegou diante do
15	de feuilles du palmier, et celui-ci,	rei.
16	sous l'effet de son chant, s'éleva	“Manna!”, exclamou, “escute
17	très haut au-dessus du sol.	minhas palavras, pois o que eu
18	Le palefrenier retourna vers la	descobri hoje te alegrará o coração.
19	cité royale. Son ventre était si	Perdoe-me por dizer isso, mas você
20	empli de choses à raconter qu'il	tem apenas feiosas como esposas, e
21	menaçait d'en éclater ⁵⁰ ; des	nenhuma possui os atrativos ou as
22	bribes de récits s'en échappaient	qualidades próprias para afastar a
23	par de menues déchirures, mais il	tristeza dos seus olhos. A mulher
24	les reprenait et les remettait dans	com quem você sonha, tão bela
25	son ventre. Il réussit à tenir tout	quanto charmosa e agradável,
26	cela bien caché, jusqu'au moment	existe, eu a vi! Ela se encontra lá,
27	où il arriva devant le roi.	no leste, na folhagem de uma
28	« Manna ! s'écria-t-il, écoute	palmeira”. E evocou tão
29	ma parole, car ce que j'ai	eloquentemente o charme e a beleza
30	découvert aujourd'hui te réjouira	de Penda que o coração do rei se
31	le coeur. Pardonne-moi de te le	inflamou. A partir desse instante,
32	dire, mais tu n'as que des	ele teve apenas uma ideia na
33	laideronnes pour épouses, et	cabeça: casar com essa moça. Na
34	aucune ne possède les attraits ou	manhã seguinte, enviou quatro
35	les qualités propres à chasser la	cavaleiros, acompanhados de

⁵⁰ Dans le langage africain, on emploie souvent le mot « ventre » là où les Occidentaux disent « tête ». On ne dit pas : « il a cela dans la tête », mais « il a cela dans son ventre ». Quant à l'expression « ventre qui se déchire », elle évoque la peur qu'éprouve le porteur de nouvelles d'être devancé par un autre et de voir son secret découvert.

⁶² Na linguagem africana, emprega-se frequentemente a palavra “ventre” no lugar em que os ocidentais dizem “cabeça”. Não se diz: “ele tem isso na cabeça”, mas “ele tem isso em seu ventre”. Quanto à expressão “ventre que se rasga”, ela evoca o medo que sente o portador de novidades de ser ultrapassado por outro e de ver seu segredo descoberto.

1	tristesse de tes yeux. La femme	Barka, o palafreireiro, para se
2	dont tu rêves, aussi belle que	apoderarem dela e trazê-la a ele.
3	charmante et agréable, elle existe,	Penda, confortavelmente
4	je l'ai vue ! Elle se trouve là-bas,	instalada em seu ninho de
5	vers l'est, dans le feuillage d'un	folhagem, estava confeccionando
6	palmier. » Et il évoqua si	um cesto de tecelagem
7	éloquemment le charme et la	particulièrement délicada quando
8	beauté de Penda que le coeur du	viu ao longe a poeira levantada
9	roi s'enflamma. Dès cet instant, il	pelos cavalos. Immediatamente,
10	n'eut plus qu'une idée en tête :	soube que os cavaleiros vinham
11	épouser cette jeune fille. Le	para se apoderarem dela. Entoou
12	lendemain matin, il envoya quatre	então um canto mágico para chamar
13	cavaliers, accompagnés de Barka	o irmão:
14	le palefrenier, pour aller	
15	s'emparer d'elle et la lui amener.	<i>Samba, meu irmão!</i>
16	Penda, confortablement	<i>Traga o rebanho, traga-o rápido,</i>
17	installée dans son nid de	<i>muito rápido,</i>
18	feuillage, était en train de	<i>pois eu vejo cavalos do rei</i>
19	confectionner un van au tissage	<i>que levantam a poeira.</i>
20	particulièrement délicat quand	<i>Eles vêm a mim para me raptar.</i>
21	elle vit au loin la poussière	<i>Samba, meu irmão, volte, traga</i>
22	soulevée par les chevaux.	<i>os bois,</i>
23	Immédiatement, elle sut que les	<i>Senão eu serei roubada.</i>
24	cavaliers venaient pour s'emparer	
25	d'elle. Elle modula alors un chant	Seu irmão a ouviu e respondeu da
26	magique pour appeler son frère :	mesma forma:
27		
28	<i>Samba mon frère !</i>	<i>Penda, minha irmã, desfaça as</i>
29	<i>Ramène le troupeau, ramène-le</i>	<i>tranças de seus cabelos</i>
30	<i>vite, très vite,</i>	<i>e deixe sua cabeleira flutuar no</i>
31	<i>car je vois des chevaux du roi</i>	<i>vento</i> ⁶³ .
32	<i>qui soulèvent la poussière.</i>	<i>Se esses cavaleiros chegarem até</i>
33	<i>Ils viennent vers moi pour</i>	<i>vous,</i>
34	<i>m'enlever.</i>	<i>hoje mesmo de um farei caolho</i>
35	<i>Samba mon frère, reviens,</i>	<i>e cortarei a língua de outro.</i>
36	<i>ramène les boeufs,</i>	<i>Será minha mensagem</i>
37	<i>Sinon je vais être raziée.</i>	<i>à intenção do rei Manna.</i>
38		
39	Son frère l'entendit, et il lui	Samba levou seu rebanho à borda
40	répondit de la même façon :	do bosque sagrado onde tinha
41		escondido seu cavalo, suas armas e
42	<i>Penda ma soeur, défais les</i>	a túnica mágica de combate que
43	<i>nattes de tes cheveux</i>	ganhara do pai. Vestiu a túnica,
44	<i>et laisse ta chevelure flotter au</i>	cingiu o quadril de três tiras de
45	<i>vent</i> ⁵¹ .	couro e empunhou sua lança. Saltou

⁵¹ Signe féminin de détresse ou de grande douleur.

1	<i>Si ces cavaliers arrivent</i>	no cavalo e se atirou através da
2	<i>jusqu'à toi,</i>	<i>brousse</i> ⁶⁴ , seguido pelos seus bois
3	<i>aujourd'hui même de l'un je</i>	ao grande galope. Sob o
4	<i>ferai un borgne</i>	martelamento dos cascos, a terra
5	<i>et je couperai la langue à un</i>	ressoava e estrondeava como o
6	<i>autre.</i>	trovão. Os animais da <i>brousse</i> ,
7	<i>Ce sera mon message</i>	assustados, fugiam por todos os
8	<i>à l'intention du roi Manna.</i>	lados.
9		Chegando perto da palmeira,
10	Samba mena son troupeau à	Samba parou seus animais com um
11	l'orée du bosquet sacré où il avait	só grito ⁶⁵ , lançando-se então contra
12	caché son cheval, ses armes et la	os cinco cavaleiros. Como havia
13	tunique magique de combat reçue	anunciado, cortou a língua de um,
14	de son père. Il revêtit la tunique,	furou o olho de outro, e mandou de
15	se ceignit les reins de trois	volta os cinco homens ao rei para
16	lanières de cuir et empoigna sa	anunciar-lhe seu fracasso.
17	lance. Il sauta sur son cheval et	Na vez seguinte, o rei Manna
18	fonça à travers la brousse, suivi	enviou uma tropa de vinte
19	de ses boeufs lancés au grand	cavaleiros, mas sem resultado
20	galop. Sous le martèlement de	melhor. Samba, chamado pela irmã,
21	leurs sabots la terre résonnait et	chegou a grande galope, desafiou os
22	grondait comme le tonnerre. Les	cavaleiros, fez um mudo e um
23	animaux de la brousse, effrayés,	caolho, e os mandou de volta ao rei
24	fuyaient de tous côtés.	com a mesma mensagem.
25	Arrivé près du palmier, Samba	Louco de impaciência e de
26	stoppa ses animaux d'un seul	esperança frustrada, o rei mobilizou
27	cri ⁵² , puis s'élança vers les cinq	uma tropa ainda mais numerosa
28	cavaliers. Comme il l'avait	para ir conquistar Penda. Mas a
29	annoncé il coupa la langue à l'un,	cada vez, Samba, mais corajoso que
30	creva l'oeil à un autre, et renvoya	um exército, vencia-os sozinho,
31	les cinq hommes auprès du roi	fazia um caolho e um mudo e os
32	pour lui annoncer leur échec.	manda de volta ao rei.
33	La fois suivante, le roi Manna	
34	envoya une troupe de vingt	A estação avançava. Logo, a seca
35	cavaliers, mais sans plus de	se instalou. Naquele ano, ela foi

⁶³ Sinal feminino de aflição ou de grande dor.

⁵² Les anciens Peuls possédaient la « science des cris » pour lancer ou stopper les animaux. Dans les régions à vocation pastorale, même un jeune garçon est capable de stopper d'un cri une troupe de boeufs. Certains cris servent aussi à éloigner les fauves.

⁶⁴ Tipo de vegetação da África com gramíneas e arbustos (NT).

⁶⁵ Os antigos fulas possuíam a “ciência dos gritos” para lançar ou parar os animais. Nas regiões de vocação pastoral, mesmo um moço jovem é capaz de parar com um grito uma tropa de bois. Certos gritos servem também para afastar as feras.

1	résultat. Samba, appelé par sa	particulièrement severa. Grelhados
2	soeur, arriva au grand galop, déficit	pelo sol, os brotinhos se contorciam
3	les cavaliers, fit de l'un un muet	e secavam ali mesmo. Logo, na
4	et de l'autre un borgne, et les	terra quase nua, não havia mais o
5	renvoya au roi avec le même	menor galho para se pastar. Samba
6	message.	disse à irmã:
7	Fou d'impatience et	“Em toda a <i>brousse</i> ao redor, não
8	d'espérance frustrée, le roi	há mais comida para nossos
9	mobilisa une troupe encore plus	animais. Amanhã vou levá-los bem
10	nombreuse pour aller conquérir	longe, em direção do rio, lá onde se
11	Penda. Mais chaque fois Samba,	pode ainda encontrar erva fresca.
12	plus redoutable qu'une armée, les	Mas fique tranquila! Se você me
13	battait à lui tout seul, faisait un	chamar, perceberei sua voz e
14	borgne et un muet et les renvoyait	acorrerei de imediato!”
15	au roi.	Alguns dias mais tarde, o rei
16		Manna, que tinha reconstituído suas
17	La saison avançait. Bientôt, la	forças, enviou uma nova tropa de
18	sécheresse s'installe. Cette année-	cavaleiros para se apoderar da
19	là, elle fut particulièrement	jovem moça. Barka, o palafreireiro,
20	sévère. Grillées par le soleil, les	que sempre safa ileso de todas as
21	jeunes pousses se	batalhas, os acompanhava.
22	recroquevillaient et se	Quando Penda viu ao longe a
23	desséchaient sur place. Bientôt,	nuvem de poeira levantada pelos
24	sur la terre presque à nu, il n'y eut	cavalos, pôs-se a cantar para
25	plus la moindre brindille à	chamar o irmão. Sem respostas...
26	brouter. Samba dit à sa soeur :	Ela repetiu seu canto uma segunda
27	« Dans toute la brousse	vez, e aí uma terceira, uma quarta...
28	environnante, il n'y a plus de	Oh, ainda nenhum eco! Samba,
29	nourriture pour nos animaux.	levado longe demais em sua busca
30	Demain je vais les emmener très	por erva fresca, tinha cruzado um
31	loin, en direction du fleuve, là où	limite de onde nada mais se ouvia.
32	l'on peut encore trouver de	O destino tinha feito sua obra...
33	l'herbe fraîche. Mais sois	Enquanto Penda continuava a
34	tranquille ! Si tu m'appelles, je	chamar em vão, os cavaleiros
35	percevrai toujours ta voix et	chegaram ao pé da palmeira. Então,
36	j'accourrai aussitôt ! »	o palafreireiro, que tinha retido as
37	Quelques jours plus tard, le roi	palavras através das quais Samba
38	Manna, qui avait reconstitué ses	fazia descer a árvore, começou a
39	forces, envoya une nouvelle	cantar: “Palmeirinha, desça, desça,
40	troupe de cavaliers pour	desça!”. A árvore desceu
41	s'emparer de la jeune fille. Barka	suavemente.
42	le palefrenier, qui s'était toujours	A moça replicou com o canto
43	tiré indemne de toutes les	contrário: “Palmeirinha, suba,
44	batailles, les accompagnait.	suba!...” e a palmeira subiu.
45	Quand Penda vit au loin le	Toda a tropa se pôs a cantar:
46	nuage de poussière soulevé par	“Palmeirinha, desça, desça!...” , ao
47	les chevaux, elle se mit à chanter	passo que Penda sozinha cantava:

1	pour appeler son frère. Pas de	“Palmeirinha, suba, suba!...”. E a
2	réponse... Elle répéta son chant	palmeira descia, subia, descia,
3	une deuxième fois, puis une	subia... No fim, Penda,
4	troisième, une quatrième... Hélas,	incomodada, cansada, enrolou a
5	toujours aucun écho ! Samba,	língua e disse: “Desça!...”. A árvore
6	entraîné trop loin dans sa quête	desceu de uma vez só, tão baixo
7	d’herbe fraîche, avait franchi une	que se enterrou quase debaixo da
8	limite au-delà de laquelle il	terra. Os cavaleiros apanharam a
9	n’entendait plus rien. Le destin	moça e levaram-na ao rei.
10	avait fait son oeuvre...	
11	Pendant que Penda continuait	Quando Samba voltou da alta
12	d’appeler en vain, les cavaliers	<i>brousse</i> com seu rebanho, encantou
13	étaient arrivés au pied du palmier.	a palmeira. A árvore veio à sua
14	Alors le palefrenier, qui avait	altura, mas seu ninho de folhagem
15	retenu les paroles par lesquelles	estava vazio. Penda não estava mais
16	Samba faisait descendre l’arbre,	lá. Compreendendo o que tinha
17	commença à chanter : « Petit	acontecido, Samba passou toda a
18	palmier, descends, descends,	noite chorando.
19	descends ! » L’arbre descendit	Na manhã seguinte, foi esconder
20	doucement.	suas armas em um bosque sagrado e
21	La jeune fille répliqua par le	confiou seu cavalo aos cuidados de
22	chant contraire : « Petit palmier,	um gênio. Pegou seu cajado de
23	remonte, remonte !... » Et le	pastor, o cajado talhado em um
24	palmier remonta.	ramo da árvore sagrada nelbi ⁶⁶ e
25	Toute la troupe se mit à	que todo pastor fula recebe ao
26	chanter : « Petit palmier,	termo de sua iniciação. Disse:
27	descends, descends !... » tandis	“Oh, Gueno, Senhor eterno,
28	que Penda toute seule chantait :	poderoso sobre todas as coisas ⁶⁷ !
29	« Petit palmier, remonte, remonte	Eu te conjuro pela virtude do leite e
30	!... » Et le palmier descendait,	da manteiga ⁶⁸ , faça com que meus
31	remontait, descendait, remontait...	animais se engulam uns aos
32	À la fin, Penda, troublée, fatiguée,	outros!...”. E todos os touros, vacas
33	s’embrouilla la langue et dit :	e bezerrinhos se puseram a se
34	« Descends !... » L’arbre	engolir uns aos outros, até que
35	descendit d’un seul coup, si bas	restassem somente alguns.
36	qu’il s’enfouit presque sous la	“Oh, Gueno!”, retomou Samba,
37	terre. Les cavaliers se saisirent de	“Que meu grande touro engula todo
38	la jeune fille et l’emmenèrent	o rebanho!...”. E o grande touro
39	chez le roi.	engoliu os animais que restavam.
40		“E agora”, disse Samba, “que,

⁶⁶ Nome fula para *Diospyros mespiliformis* (NT).

⁶⁷ Gueno: “Eterno”, nome do deus criador supremo para os fulas. (H.H., segundo A.H.Bâ.)

⁶⁸ Para os fulas, o leite e a manteiga não são somente alimentos, mas substâncias sagradas. Os juramentos ou invocações feitos em seus nomes estão dentre os mais poderosos.

1	Quand Samba revint de la	por minha vez, eu engula o grande
2	haute brousse avec son troupeau,	touro!...”. E ele engoliu o grande
3	il incanta le palmier. L’arbre vint	touro.
4	à sa hauteur, mais son nid de	Uma vez tendo engolido o grande
5	feuillage était vide. Penda n’était	touro, que por sua vez tinha
6	plus là. Comprenant ce qui était	engolido todo o rebanho, Samba se
7	arrivé, Samba passa toute la nuit à	tornou um tal monstro, corcunda na
8	pleurer.	frente e atrás, inflado por tudo,
9	Le lendemain matin, il alla	repugnante por causa das
10	cacher ses armes dans un bosquet	deformidades. Mesmo seu rosto
11	sacré et confia son cheval à la	estava irreconhecível! Somente
12	garde d’un génie. Il prit son bâton	permaneciam similares seus
13	de berger, le bâton taillé dans une	grandes olhos vivos e suas tranças
14	branche de l’arbre sacré nelbi et	ondulantes. Ele cobriu seus cabelos
15	que tout berger peul reçoit au	de poeira, amarrou grosseiramente
16	terme de son initiation. Il dit :	suas tranças em sua nuca e
17	« Ô Guéno, Seigneur éternel,	escondeu seu olhar...
18	puissant sur toutes choses ⁵³ ! Je	Assim transformado, apoiando-se
19	t’en conjure par la vertu du lait et	sobre o cajado de pastor, tomou o
20	du beurre ⁵⁴ , fais que mes animaux	caminho da cidade real. Chegando
21	s’avalent les un les autres !... » Et	em frente da porta do palácio, pediu
22	tous les taureaux, vaches et petits	hospitalidade. Os guardas
23	veaux se mirent à s’avalent les uns	começaram por rechaçá-lo,
24	les autres, jusqu’à ce qu’il n’en	debochando; mas como nada
25	reste que quelques-uns.	parecia desencorajá-lo nem fazê-lo
26	« Ô Guéno ! reprit Samba. Que	recuar um passo, cansados de sua
27	mon grand taureau avale tout le	insistência, acabaram por deixá-lo
28	troupeau !... » Et le grand taureau	entrar.
29	avala les animaux qui restaient.	Desde que havia sido raptada,
30	« Et maintenant, dit Samba,	Penda tinha se tornado a mulher
31	qu’à mon tour j’avalé le grand	preferida do rei. Ela percebeu o
32	taureau !... » Et il avala le grand	pobre pastor disforme, mas não
33	taureau.	reconheceu nele seu irmão bem-
34	Dès que Samba eut avalé le	amado; o casamento havia
35	grand taureau, qui lui-même avait	dissolvido o laço mágico que a
36	avalé tout le troupeau, il devint tel	ligava antes a ele.
37	un monstre, bossu par-devant et	Com o coração repleto de pena,
38	par-derrrière, boursoufflé de	ela foi pedir ao rei, seu esposo, para
39	partout, repoussant à force de	manter o pastor corcunda em seu
40	difformités. Même son visage	palácio. Como o rei a adorava e
41	était méconnaissable ! Seuls	fazia tudo que pedia, Samba ficou.

⁵³ Guéno : « Éternel », nom du dieu créateur suprême chez les Peuls. (*H.H., d’après A.H.Bâ.*)

⁵⁴ Pour les Peuls, le lait et le beurre ne sont pas seulement des nourritures, mais des substances sacrées. Les serments ou invocations faits en leur nom sont parmi les plus puissants.

1	demeuraient semblables à eux-	Chamavam-no de o “pastor
2	mêmes ses grands yeux au regard	corcunda-corcunda”, em outras
3	vif et ses tresses ondoyantes. Il	palavras, “totalmente corcunda”...
4	recouvrit ses cheveux de	Ele se tornou o pastor do rei.
5	poussière, attacha grossièrement	Graças aos seus cuidados, o
6	ses nattes sur sa nuque et voila	rebanho real prosperou como
7	son regard...	nunca. Os nascimentos eram
8	Ainsi transformé, s’appuyant	numerosos, e as doenças raras.
9	sur son bâton de berger, il prit le	Manna pegou amizade e apego por
10	chemin de la cité royale. Arrivé	esse pastor estranho, discreto e
11	devant la porte du palais, il	desinteressado, e que parecia viver
12	demanda l’hospitalité. Les	apenas para seus animais.
13	gardiens commencèrent par le	Os dias passavam.
14	renvoyer en se moquant de lui ;	Samba, que não se ligava a
15	mais comme rien ne semblait le	ninguém e não se misturava às
16	décourager ni le faire reculer d’un	conversas dos jovens do palácio,
17	pas, lassés par son insistance ils	permanecia quase sempre
18	finirent par le laisser entrer.	silencioso. Raros eram aqueles que
19	Depuis qu’elle avait été	havam ouvido sua voz. Um dia,
20	enlevée, Penda était devenue la	Penda disse ao esposo:
21	femme préférée du roi. Elle	“Seu pastor está sempre só,
22	aperçut le pauvre berger difforme,	fechado em seu silêncio. Você não
23	mais elle ne reconnut point en lui	acha que seria bom dar para ele
24	son frère bien-aimé ; le mariage	uma mulher em casamento? Para
25	avait dissous le lien magique qui	amarrá-lo a você e estar seguro de
26	la liait auparavant à lui.	que ele permanecerá ao seu lado,
27	Le coeur empli de pitié, elle	vous poderia mesmo dar uma de
28	alla demander au roi son époux de	suas filhas. A mulher é o melhor
29	garder le berger bossu dans son	dos entraves para segurar um
30	palais. Comme le roi l’adorait et	homem.”
31	faisait tout ce qu’elle lui	Ora, o rei tinha sete filhas muito
32	demandait, Samba resta. On	belas. Ele chamou todas as sete.
33	l’appelait le « berger bossu-	– Você gostaria de se casar com
34	bossu », autrement dit « bossu de	meu pastor corcunda? – perguntou
35	partout »...	à primogênita.
36	Il devint le berger du roi. Grâce	– Pai, tenha dó de mim! –
37	à ses soins, le troupeau royal	escarneceu – Faça-me casar com
38	prospéra comme jamais	um lagarto, melhor do que com esse
39	auparavant. Les naissances y	monstro!
40	étaient nombreuses, et les	– E você? – perguntou à segunda.
41	maladies rares. Manna se prit	– Eu? Eu prefiro casar com um
42	d’amitié et d’attachement pour ce	sapo a esse horrível deformado! –
43	berger étrange, discret et	indignou-se.
44	désintéressé, et qui semblait ne	Ele fez a mesma pergunta às
45	vivre que pour ses animaux.	quatro filhas seguintes... Todas as
46	Les jours passaient.	quatro deram a mesma resposta,
47	Samba, qui ne se liait à	cada uma evocando algum novo

1	personne et ne se mêlait pas aux	animal imundo.
2	conversations des jeunes gens du	Finalmente, ele se dirigiu à sua
3	palais, demeurait presque	caçula, Kodda, a última de todas,
4	constamment silencieux. Rares	mas a mais graciosa e a mais
5	étaient ceux qui avaient entendu	bonita:
6	sa voix. Un jour, Penda dit à son	– E você, minha filha, aceitaria
7	époux :	se casar com meu pastor corcunda?
8	« Ton berger est toujours seul,	– Pai, – disse – eu serei a esposa
9	enfermé dans son silence. Ne	do homem que você me designar,
10	crois-tu pas qu’il serait bon de lui	seja quem for.
11	donner une femme en mariage ?	– Bem, – disse o rei – vamos
12	Pour te l’attacher et être sûr qu’il	celebrar o casamento.
13	demeurera à tes côtés, tu pourrais	Toda a cidade se pôs a tagarelar:
14	même lui donner une de tes filles.	“Como?! O rei vai dar a mais
15	La femme est la meilleure des	charmosa de suas filhas ao pastor
16	entraves pour retenir un	corcunda-corcunda? A semelhante
17	homme. »	monstro?” As fofocas correram de
18	Or le roi Manna avait sept filles	boca em boca, mas não deram em
19	très belles. Il les appela toutes les	nada. O rei havia decidido, o
20	sept.	casamento aconteceu. A festa durou
21	« Voudrais-tu épouser mon	toda uma semana.
22	berger bossu ? demanda-t-il à	Uma vez passado o tempo de
23	l’aînée.	licença nupcial ⁶⁹ , numa noite depois
24	– Père, aie pitié de moi !	do pôr do sol, os jovens da cidade,
25	ricana-t-elle. Fais-moi épouser un	como o costume permitia ⁷⁰ , vieram
26	lézard plutôt que ce monstre !	invadir o pátio da moça e se
27	– Et toi ? demanda-t-il à la	instalaram em torno dela para uma
28	deuxième.	prosa. O marido corcunda se
29	– Moi ? Je préférerais épouser	mantinha em um canto. E cada vez
30	un crapaud plutôt que cet horrible	que um moço queria cuspir o sumo
31	contrefait ! » s’indigna-t-elle.	do tabaco ou da noz de cola, ia
32	Il posa la même question aux	cuspir nele. Samba, impassível, não
33	quatre filles suivantes... Toutes	dizia nada.
34	les quatre firent la même réponse,	Isso se tornou um hábito. A cada
35	chacune évocant quelque nouvel	noite, os jovens vinham, então, ao
36	animal immonde.	pátio de Kodda para prosear, rir e se
37	Finalement, il se tourna vers sa	vangloriar, divertindo-se em

⁶⁹ Costume dos países de savana africana, em particular dos fulas. Após o casamento, os esposos ficam fechados uma semana ou mais, enquanto no exterior a festa está em seu auge. [Cf. *Oui, mon commandant !*, op. cit., pp. 119 et seguintes.]

⁷⁰ Segundo um costume fula, os jovens podiam passar uma parte da noite na casa de uma bela mulher, mesmo casada, se o marido estivesse de acordo. Essas sessões eram a ocasião de um tipo de corte de amor platônico em que se fazia competição de poesia e bela linguagem. Se o marido fosse um homem de peso e autoridade, poderia proibir.

1	cadette, Kodda, la dernière de	rebaixar seu marido, lançando nele
2	toutes mais la plus gracieuse et la	os jorros avermelhados do fumo.
3	plus jolie :	Samba, mestre de si mesmo, jamais
4	« Et toi, ma fille, accepterais-tu	dizia palavra alguma.
5	d'épouser mon berger bossu ?	
6	– Père, dit-elle, je serai	Numa noite, enquanto Samba
7	l'épouse de l'homme que tu me	dormia em sua casa, um bando de
8	désigneras, quel qu'il soit.	ladrões se apoderou do rebanho do
9	– Bien, dit le roi. Nous allons	rei e o levou à alta <i>brousse</i> . Na
10	célébrer le mariage. »	manhã seguinte, bateram o tantã de
11	Toute la ville se mit à jaser :	guerra. Os cavaleiros do rei saíram
12	« Comment ! Le roi va donner la	no galope para irem libertar os
13	plus charmante de ses filles au	animais roubados. Quando todos os
14	berger bossu-bossu ? À un	guerreiros partiram, o pastor
15	monstre pareil ? » Les	corcunda-corcunda deixou por sua
16	commérages allèrent bon train,	vez a cidade, mas discretamente,
17	mais rien n'y fit. Le roi l'avait	sem se deixar ver, e pegou o
18	décidé, le mariage eut lieu. La	caminho de seu bosque sagrado.
19	fête dura toute une semaine.	Chegando ali, rogou a Gueno, o
20	Une fois le temps de retraite	Eterno, que o autorizasse a vomitar
21	nuptiale écoulé ⁵⁵ , un soir après le	seu grande touro. Ele o vomitou,
22	couché du soleil, les jeunes gens	desamarrou suas tranças e tornou-se
23	de la cité, comme la coutume le	novamente o belo homem delgado,
24	leur permettait ⁵⁶ , vinrent envahir	vivo e corajoso que era. Pôs sua
25	la cour de la jeune femme et	túnica de combate e pegou suas
26	s'installèrent autour d'elle pour	armas. O gênio do bosque trouxe
27	une causerie. Le mari bossu se	seu cavalo, no qual ele montou e se
28	tenait dans un coin. Et chaque fois	dirigiu direto ao campo de batalha,
29	qu'un jeune homme voulait	de onde se ouviam os gritos e as
30	cracher le jus de son tabac ou de	pancadas a léguas de distância.
31	sa noix de cola, il allait le cracher	Quando chegou perto, viu que os
32	sur lui. Samba, impassible, ne	ladrões tinham derrotado todos os
33	disait rien.	cavaleiros do rei. Eles tinham
34	Cela devint une habitude.	matado e ferido vários, e
35	Chaque soir, les jeunes gens	acorrentado os sobreviventes. O
36	venaient ainsi dans la cour de	rebanho tinha sido preso não longe
37	Kodda causer, rire et se vanter,	dali.
38	s'amusant à rabaisser son mari en	Com a lança em punho, Samba

⁵⁵ Coutume des pays de savane africaine, en particulier des Peuls. Après le mariage, les époux restent enfermés une semaine ou plus, tandis qu'à l'extérieur la fête bat son plein. [Cf. *Oui, mon commandant !*, op. cit., pp. 119 et suivantes.]

⁵⁶ Selon une coutume peule, les jeunes gens pouvaient passer une partie de la soirée chez une belle femme, même mariée, si le mari était d'accord. Ces séances étaient l'occasion d'une sorte de cour d'amour platonique où l'on faisait assaut de poésie et de beau langage. Si le mari était un homme de poids et d'autorité, il pouvait l'interdire.

<p>1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47</p>	<p>lançant sur lui les giclées rougeâtres de leurs chiques. Samba, maître de lui-même, ne disait toujours rien.</p> <p>Une nuit, alors que Samba dormait dans sa case, une bande de brigands s'empara du troupeau du roi et l'emmena dans la haute brousse. Le lendemain matin, on battit le tam-tam de guerre. Les cavaliers du roi sortirent au galop pour aller délivrer les animaux raziés. Quand tous les guerriers furent partis, le berger bossu-bossu quitta à son tour la ville, mais discrètement, sans se faire voir. Il prit le chemin de son bosquet sacré.</p> <p>Une fois arrivé, il pria Guéno, l'Éternel, de l'autoriser à vomir son grand taureau. Il le vomit, détacha ses tresses, et redevint aussitôt le beau jeune homme élancé, vif et courageux qu'il était. Il revêtit sa tunique de combat et se saisit de ses armes. Le génie du bosquet lui ayant amené son cheval, il le monta et se dirigea droit sur le champ de bataille, dont on entendait les cris et les fracas à des lieues à la ronde. Lorsqu'il parvint à sa proximité, il vit que les brigands avaient défait tous les cavaliers du roi. Ils en avaient tué et blessé un grand nombre, et enchaîné les survivants. Le troupeau avait été parqué non loin de là.</p> <p>Lance dressée, Samba sortit alors du bosquet et fonça sur les brigands. Il les tua presque tous, délivra les prisonniers et leur confia un message : « Quand vous rentrerez en ville avec le troupeau, ayez dire au roi Manna que le cavalier solitaire le salue. »</p>	<p>saiu então do bosque e se precipitou contra os ladrões. Matou quase todos, libertou os prisioneiros e confiou uma mensagem a eles: "Quando vocês chegarem à cidade com o rebanho, digam ao rei Manna que o cavaleiro solitário o saúda". E voltou ao bosque. Confiou o cavalo ao gênio, guardou suas armas, engoliu seu grande touro e transformou-se de novo no pastor corcunda-corcunda de quem todos faziam troça.</p> <p>Quando os cavaleiros voltavam à cidade, Samba veio se colocar atrás deles. Ao vê-lo, as pessoas gargalhavam: "Pois vejam o pastor corcunda-corcunda! Ele teve tanto medo que foi se esconder e só agora reaparece!".</p> <p>Ao cair da noite, como de costume, os jovens vieram fazer corte à sua mulher. Sem constrangimentos, eles se vangloriavam de terem matado ou refugiado vários guerreiros inimigos, inventavam altos feitos de armas, enfim, forjavam sem escrúpulos uma reputação de ousados combatentes. Samba, sempre sentado distante, escutava e observava sem falar nada desses falsos bravos para quem eram oferecidas nozes de cola, e via sua mulher se extasiar pelo relato de suas façanhas.</p> <p>Houve ainda duas outras expedições sucessivas de ladrões, mas a cada vez Samba os derrotou, com a mesma descrição.</p> <p>Na quarta expedição, os ladrões não roubaram os animais do rei, mas sim as mulheres da cidade. Como era véspera de um dia de festa, segundo o costume, todas as jovens pegaram as roupas dos moços e habitantes do vilarejo para</p>
--	--	---

<p>1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47</p>	<p>Et il regagna son bosquet. Il confia son cheval au génie, déposa ses armes, avala son grand taureau et redevint le berger bossu-bossu dont tout le monde se moquait.</p> <p>Comme les cavaliers revenaient vers la ville, Samba vint se placer derrière eux. À sa vue, les gens s’esclaffiaient : « Voyez donc le berger bossu-bossu ! Il a eu tellement peur qu’il est allé se cacher, et c’est maintenant seulement qu’il réapparaît ! »</p> <p>À la nuit tombée, comme de coutume, les jeunes gens vinrent faire la cour à sa femme. Sans vergogne, ils se vantaient d’avoir tué ou mis en fuite de nombreux guerriers ennemis, inventaient de hauts faits d’armes, bref, se taillaient à bas prix une réputation de hardis combattants. Samba, toujours assis à l’écart, écoutait et observait sans rien dire ces faux braves à qui l’on offrait des noix de cola, et voyait sa femme s’extasier au récit de leurs exploits.</p> <p>Il y eut deux autres expéditions successives de brigands, mais chaque fois Samba les défit, avec la même discrétion.</p> <p>À la quatrième expédition, les brigands n’enlevèrent pas les animaux du roi, mais les femmes de la ville. Comme on était à la veille d’un jour de fête, selon la coutume toutes les jeunes filles avaient ramassé les vêtements des garçons et habitants du village pour aller les laver à la rivière à grand renfort de chants, de rires et de cris joyeux. Les brigands en profitèrent pour fondre sur elles et en razzier un grand nombre. Parmi elles se trouvait Kodda, la</p>	<p>lavá-las no rio, com muitos cantos, risos e gritos alegres. Os ladrões aproveitaram para atacarem e raptarem várias delas. Dentre essas, encontrava-se Kodda, a filha caçula do rei, esposa de Samba, o pastor corcunda-corcunda.</p> <p>As sobreviventes voltaram chorando ao vilarejo, gritando que suas companheiras tinham sido raptadas. Imediatamente, o rei fez bater o tantã de guerra e reuniu uma nova tropa de combatentes para resgatarem a filha e suas companheiras.</p> <p>Como de hábito, Samba saiu da cidade após a partida dos cavaleiros. Foi ao bosque sagrado, vomitou seu touro, pegou sua forma original e recuperou suas armas.</p> <p>Montando no cavalo, ele se lançou como uma flecha em direção da planície onde a batalha se travava. Sem temer a briga dos garanhões nem os tinidos das armas, lançou-se contra o inimigo, verdadeiro leão de combate derrubando tudo em seu caminho. Mas ele lidava com uma parte difícil. Os guerreiros adversos, bem armados, eram muitos e corajosos. A batalha foi terrível. No fim, todos os combatentes do rei ainda são fugiram, de modo que Samba ficou sozinho para afrontar os ladrões. Matou muitos deles, feriu mais uns tantos e pôs os outros para correr. Mas sua túnica mágica tinha sido tirada ao longo do combate, e ele foi ferido na perna.</p> <p>Depois de libertar as jovens moças acorrentadas, pegou Kodda na garupa. Esta não reconheceu o marido nesse cavaleiro intrépido, mas se sentiu invadida de uma estranha perturbação. Vendo sangrar sua ferida, ela rasgou um</p>
--	--	--

<p>1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47</p>	<p>filles cadettes du roi, épouse de Samba le berger bossu-bossu.</p> <p>Les rescapées revinrent en pleurant au village, criant que leurs compagnes avaient été raziées. Immédiatement, le roi fit battre son tam-tam de guerre et réunit une nouvelle troupe de combattants pour aller délivrer sa fille et ses compagnes.</p> <p>Comme à son habitude, Samba sortit de la ville après le départ des cavaliers. Il se rendit à son bosquet sacré, vomit son taureau, reprit sa forme originelle et récupéra ses armes.</p> <p>Enfourchant son cheval, il s'élança comme une flèche vers la plaine où la bataille faisait rage. Sans craindre la mêlée des étalons ni le cliquetis des armes, il fonça sur l'ennemi, véritable lion de combat renversant tout sur son passage. Mais il avait affaire à rude partie. Les guerriers adverses, bien armés, étaient nombreux et courageux. La bataille fut terrible. À la fin tous les combattants du roi encore valides s'enfuirent, si bien que Samba resta seul pour affronter les brigands. Il en tua beaucoup, en blessa un grand nombre et mit les autres en fuite. Mais sa tunique magique s'était relevée au cours du combat, et il avait reçu une blessure à la jambe.</p> <p>Après avoir délivré les jeunes femmes enchaînées, il prit Kodda en croupe. Elle ne reconnut point son mari en ce cavalier intrépide, mais se sentit envahie d'un trouble étrange. Voyant saigner sa blessure, elle déchira un morceau de son pagne pour bander la plaie.</p> <p>Quand ils arrivèrent à l'entrée de la ville, Samba déposa la jeune</p>	<p>pedaço de seu pano para cobrir o machucado.</p> <p>Quando chegaram à entrada da cidade, Samba pôs a jovem moça no chão e começou a se afastar. Ela se surpreendeu:</p> <p>– Você não vem comigo, para que eu possa te apresentar ao rei, meu pai?</p> <p>– Não, não precisa – respondeu – Diga somente ao seu pai que o cavaleiro solitário o saúda.</p> <p>Kodda foi contar os eventos ao rei, e depois foi para casa.</p> <p>O pastor corcunda-corcunda chegou um pouco mais tarde na cidade, sempre saudado das mesmas injúrias escarnecedoras em seu caminho.</p> <p>Desde que o herói estrangeiro a tinha trazido em seu cavalo, desde que ela tinha admirado sua beleza, sua intrepidez e sua coragem no combate, Kodda caiu de amores por ele.</p> <p>Os moços continuavam a se reunir à noite em seu pátio, mas estava fora de questão vangloriar-se diante dela... Eles haviam todos fugido do campo de batalha, e ela era testemunha. Apenas alguns atrevidos, que nem mesmo tinham participado da batalha, arriscavam-se a contar na cidade as façanhas que lhes haviam relatado...</p> <p>Surda ao balbúcio das conversas, a jovem moça apenas sonhava com o cavaleiro solitário. Quanto ao seu esposo, este só tratava do ferimento no meio da noite, quando todo mundo estava dormindo.</p> <p>A situação durou assim três ou quatro dias. Uma noite, quando a moça não conseguia encontrar o sono de tanto pensar no herói desconhecido, ela viu de repente seu marido se levantar</p>
--	---	--

1	femme à terre et fit mine de	prudentemente, com gestos lentos e
2	s'éloigner. Elle s'étonna :	silenciosos. Intrigada, à fraca luz da
3	« Tu ne viens pas avec moi,	lâmpada de azeite, observou entre
4	que je puisse te présenter au roi	suas pálpebras meio fechadas. Ela o
5	mon père ?	viu levantar lentamente a calça,
6	– Non, ce n'est pas la peine,	colocar sua perna em um banquinho
7	répondit-il. Dis seulement à ton	e desenrolar o curativo que envolvia
8	père que le cavalier solitaire le	seu machucado. No auge da
9	salue. »	surpresa, ela reconheceu o pedaço
10	Kodda alla rendre compte des	de pano que havia dado ao cavaleiro
11	événements au roi, puis rentra	ferido. “Como!”, pensou. “O
12	chez elle.	cavaleiro solitário seria justamente
13	Le berger bossu-bossu rentra	meu marido? Mas como pode ele
14	un peu plus tard en ville, toujours	estar assim desfigurado?”. Incapaz
15	salué des mêmes quolibets	de se conter, levantou-se, correu até
16	moqueurs sur son passage.	ele e arrancou o curativo de suas
17	Depuis que le héros étranger	mãos:
18	l'avait ramenée sur son cheval,	– Reconheci meu pedaço de
19	depuis qu'elle avait admiré sa	pano – disse – Quem você é
20	beauté, son intrépidité et son	realmente? Se você é o cavaleiro
21	courage au combat, Kodda en	solitário que eu vi lutar com tanta
22	était tombée amoureuse à en	coragem, por que se esconder
23	mourir.	assim? Por que você está reduzido a
24	Les jeunes gens continuaient de	esse estado? Eu te suplico, diga-me
25	se réunir le soir dans sa cour,	a verdade, cure-me do meu
26	mais il n'était plus question de se	tormento!
27	vanter devant elle... Ils avaient	Comovido com suas lágrimas e
28	tous fui le champ de bataille, et	sinceridade, Samba acabou por
29	elle en avait été témoin. Seuls	ceder e revelou toda a história.
30	quelques effrontés qui n'avaient	Na manhã seguinte, a jovem foi
31	pas eux-mêmes participé à la	encontrar seu pai e contou tudo.
32	bataille se risquaient à raconter en	Contou como todas as vitórias e
33	ville des exploits qu'on leur avait	resgates eram o feito apenas de seu
34	rapportés...	marido corcunda, não sob sua
35	Sourde au babil des	aparência atual que era somente um
36	conversations, la jeune femme ne	engodo, mas sob seu verdadeiro
37	faisait que rêver au cavalier	rosto; ela contou que o “cavaleiro
38	solitaire. Quant à son époux, il ne	solitário” não era outro senão ele,
39	soignait sa plaie qu'au milieu de	que não era apenas um herói, mas
40	la nuit, quand tout le monde était	um homem cheio de nobreza e de
41	endormi.	discrição, e que ela o amava de todo
42	La situation dura ainsi trois ou	o coração.
43	quatre jours. Une nuit, comme la	Nesse meio tempo, Samba tinha
44	jeune femme ne pouvait trouver le	ido vomitar o grande touro, e este
45	sommeil tellement elle pensait au	por sua vez, restituiu todos os
46	héros inconnu, elle vit tout à coup	outros animais. Foi então em sua
47	son mari se lever prudemment, à	forma original e à frente de seu

1	gestes lents et silencieux.	vasto rebanho que o jovem homem
2	Intriguée, à la faible lueur de la	fez sua entrada na cidade. Quando o
3	lampe à l'huile elle l'observa	rei o fez vir para expressar seu
4	entre ses paupières closes. Elle	reconhecimento, constatou que não
5	le vit relever tout doucement son	tinha mais animais do que seu
6	pantalon, poser sa jambe sur un	antigo pastor... Mas quem poderia
7	tabouret et dérouler la bande qui	descrever a alegria de Penda, a
8	entourait sa plaie. Au comble de	esposa preferida do rei, quando
9	la surprise, elle reconnut le	reconheceu no cavaleiro solitário
10	morceau de pagne qu'elle avait	seu irmão bem-amado, e
11	donné au cavalier blessé.	principalmente quando
12	« Comment ! se dit-elle. Le	compreendeu que ele tinha aceitado
13	cavalier solitaire ne serait autre	durante todo esse tempo ser o alvo
14	que mon mari ? Mais comment	do riso de todos, somente para
15	peut-il être ainsi défiguré ? »	poder ficar no palácio e vigiá-la em
16	Incapable de se contenir, elle se	segredo...
17	leva, se précipita vers lui et lui	O barulho não tardou a se
18	arracha la bande des mains :	espalhar por toda a cidade: o belo
19	« J'ai reconnu mon morceau de	moço não era outro senão o antigo
20	pagne, lui dit-elle. Qui es-tu	“pastor corcunda-corcunda”! Todo
21	vraiment ? Si c'est toi le cavalier	mundo se apressava para ir ver o
22	solitaire que j'ai vu se battre avec	herói de uma aventura tão estranha,
23	tant de courage, pourquoi te	autor de tantas vitórias e libertador
24	cachez ainsi ? Pourquoi en es-tu	das jovens moças da cidade. E cada
25	réduit à cet état ? Je t'en supplie,	um concordou em dizer que era
26	dis-moi la vérité, guéris-moi de	realmente o mais belo homem de
27	mon tourment ! »	todo o país!
28	Ému par ses larmes et sa	Ao cair da noite, quando Samba e
29	sincérité, Samba finit par céder et	sua esposa se encontravam na
30	lui révéla toute l'histoire.	escuridão, Samba dizia: “Kodda, ria
31	Le lendemain matin, la jeune	para que a luz venha!”. Kodda ria, e
32	femme alla trouver son père et lui	imediatamente a sombra se
33	raconta tout. Elle lui dit comment	dissipava. E quando a moça
34	toutes les victoires et toutes les	desfazia as tranças de seu penteado
35	délivrances avaient été le fait de	para se deitar, sua cabeleira era tão
36	son seul mari bossu, non sous son	cheia que ela a rolava para o lado da
37	apparence actuelle qui n'était	cabeça como um travesseiro. E era
38	qu'un leurre, mais sous son vrai	sobre esse travesseiro que Samba
39	visage ; elle lui dit que le	pousava a cabeça.
40	« cavalier solitaire » n'était autre	Resumindo, era alegria por todo
41	que lui, que c'était non seulement	lado, exceto no coração das seis
42	un héros, mais un homme plein de	irmãs mais velhas de Kodda, que,
43	noblesse et de discrétion, et	outrora haviam desdenhado o pastor
44	qu'elle l'aimait de tout son cœur.	corcunda-corcunda, e que hoje se
45	Pendant ce temps, Samba était	sufocavam de amargura e inveja.
46	allé vomir son grand taureau, et	
47	celui-ci avait restitué à son tour	O tempo passou. As seis irmãs,

<p>1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47</p>	<p>tous les autres animaux. C'est donc dans sa forme originelle et à la tête de son vaste troupeau que le jeune homme fit son entrée en ville. Quand le roi le fit venir pour lui exprimer sa reconnaissance, il constata qu'il n'avait pas plus d'animaux que son ancien berger... Mais qui pourrait décrire la joie de Penda, l'épouse préférée du roi, quand elle reconnut dans le cavalier solitaire son frère bien-aimé, et surtout quand elle comprit qu'il avait accepté pendant tout ce temps d'être la risée de tous, uniquement afin de pouvoir rester au palais et veiller sur elle en secret...</p> <p>Le bruit ne tarda pas à se répandre dans toute la ville : le beau jeune homme n'était autre que l'ancien « berger bossu-bossu » ! Tout le monde accourait pour venir voir le héros d'une aventure aussi étrange, auteur de tant de victoires et libérateur des jeunes filles de la ville. Et chacun s'accorda à dire que c'était vraiment le plus bel homme de tout le pays !</p> <p>La nuit venue, quand Samba et son épouse se retrouvaient dans l'obscurité, Samba disait : « Kodda, ris pour que la lumière se fasse ! » Kodda riait, et immédiatement l'ombre se dissipait. Et lorsque la jeune femme défaisait les nattes de sa coiffure pour aller se coucher, sa chevelure était si fournie qu'elle la roulait à côté de sa tête comme un coussin. Et c'est sur ce coussin que Samba posait sa tête.</p> <p>Bref, c'était la joie partout, sauf dans le coeur des six soeurs aînées de Kodda qui, jadis,</p>	<p>cujos corações se amargavam a cada dia, concordaram entre si em dar um fim à caçula. Sob as ordens da mais velha, que desejava mais do que tudo pegar o lugar de Kodda, elas puseram em prática uma estratégia. Uma manhã, vieram encontrar a caçula:</p> <p>– Kodda, estamos indo lavar a roupa na beira do rio.</p> <p>– Não precisa, – respondeu Kodda – tem criadas aqui; tragam suas roupas e elas vão lavá-las.</p> <p>– Ah, é? Você quer zombar da gente porque você se acha superior! Você se considera acima dessas coisinhas! Nós vamos lavar nossas roupas nós mesmas. Se você quiser vir com a gente, tudo bem. Se você não quiser, azar!</p> <p>Não gostando de contrariar suas irmãs mais velhas, Kodda aceitou partir com elas. Chegando à borda do rio, elas lhe disseram:</p> <p>– Kodda, não precisa descer até aqui. Fique na beira; nós vamos lavar a roupa.</p> <p>Elas entraram no rio e começaram a lavar a roupa. Depois de um tempo, uma delas chamou:</p> <p>– Kodda, venha me dar de beber.</p> <p>– Kodda, embora sua irmã estivesse rodeada de água potável, levantou-se sem protestar, desceu da beira, pegou uma cabaça e entrou na água até os joelhos. Ela encheu a cabaça e voltou até sua irmã para lhe dar. Esta exclamou:</p> <p>– É a mim que você quer fazer beber a água dos teus joelhos, para me fazer pegar uma doença de joelhos?</p> <p>Kodda esvaziou a cabaça e avançou mais longe no rio, até que a água chegasse à cintura. “É a mim que você vai fazer beber a água do seu umbigo”, zombou sua irmã,</p>
--	---	---

1	avaient dédaigné le berger bossu-	“para que eu pegue uma doença de
2	bossu, et qui, aujourd’hui, en	barriga?”.
3	étouffaient de dépit et de jalousie.	
4		
5	Le temps passa. Les six soeurs,	Ao pedido de suas irmãs, Kodda
6	dont les coeurs s’aigrissaient de	avançou mais e mais, até que a água
7	jour en jour, convinrent entre	chegasse ao seu queixo. No
8	elles de perdre leur cadette. Sous	momento em que seria absorvida
9	la direction de leur aînée, qui	pelas profundezas, uma água de
10	souhaitait plus que tout prendre la	tamanho imenso se precipitou sobre
11	place de Kodda, elles mirent au	ela, agarrou-a com suas garras e a
12	point un stratagème. Un matin,	levou. Então, ela se levantou tão
13	elles vinrent trouver leur cadette :	alto que se enfiou numa nuvem e
14	« Kodda, nous partons faire la	desapareceu. “Muito bem!”,
15	lessive au bord de la rivière.	exclamaram as irmãs. “Eis que
16	– Ce n’est pas la peine,	estamos finalmente livres dessa
17	répondit Kodda. Il y a des	pretensiosa!” Elas cortaram folhas
18	servantes ici ; apportez votre linge	de vitória-régia, amarraram-nas na
19	et eles iront le laver.	cabeça da irmã mais velha para
20	– Ah oui ? Tu veux te moquer	esconder seus cabelos e vestiram-na
21	de nous parce que tu te crois	com as roupas de Kodda. Então,
22	supérieure ! Tu t’estimes au-	sem dizer nada a ninguém, voltaram
23	dessus de ces petites choses !	ao vilarejo. A irmã mais velha,
24	Nous, nous allons laver notre	vestida com as roupas de Kodda, foi
25	linge nous-mêmes. Si tu veux	tomar seu lugar na casa.
26	venir avec nous, c’est bien. Si tu	Justo antes do pôr-do-sol, Samba
27	ne veux pas, tant pis ! »	voltou do pasto. O tempo de
28	N’aimant pas contrarier ses	prender seus animais, a noite tinha
29	soeurs aînées, Kodda accepta de	caído e a casa estava escura.
30	partir avec elles. Arrivées au bord	“Kodda, ria para fazer a luz!”, disse
31	de la rivière, elles lui dirent :	ele como toda noite. A falsa Kodda
32	« Kodda, ce n’est pas la peine	riu, mas a escuridão se fez ainda
33	de descendre jusqu’ici. Reste en	mais intensa.
34	haut de la berge ; nous, nous	– Kodda, o que está
35	allons faire la lessive. »	acontecendo?
36	Elles entrèrent dans la rivière et	– Talvez eu tenha me resfriado na
37	commencèrent à laver leur linge.	beira do rio – disse a mulher – Nós
38	Au bout d’un moment, l’une	passamos bastante tempo na água.
39	d’elles appela :	No momento de se deitar, Samba
40	« Kodda, viens me donner à	quis pegar a cabeleira de sua esposa
41	boire. » Kodda, bien que sa soeur	para enrolá-la e fazer um
42	fût entourée d’eau potable, se leva	travesseiro, mas somente folhas
43	sans protester, descendit de la	úmidas de vitória-régia ficaram em
44	berge, prit une Calebasse et entra	suas mãos.
45	dans l’eau jusqu’aux genoux. Elle	– Kodda, o que é isso? –
46	emplit sa Calebasse et revint vers	exclamou.
47	sa soeur pour la lui donner. Celle-	– É a água que molhou meus
		cabelos, ao ponto que eles ficaram
		como folhas de vitória-régia – disse

1	ci s'exclama :	a mulher.
2	« Est-ce à moi que tu veux faire	Na manhã seguinte, à luz do dia,
3	boire l'eau de tes genoux, pour	a verdade explodiu. A falsa Kodda
4	me faire attraper une maladie de	foi obrigada a admitir sua
5	genoux ? »	estratégia. O rei Manna sequestrou-
6	Kodda vida sa calebasse et	a e enviou toda uma tropa pelo país
7	avança plus loin dans la rivière,	para procurar sua filha bem-amada,
8	jusqu'à ce que l'eau lui arrive à la	mas ninguém a encontrou.
9	ceinture. « Est-ce à moi que tu	Procuraram por tudo, visitaram
10	vas faire boire l'eau de ton	cada montanha, cada vilarejo,
11	nombril, ricana sa soeur, pour que	perguntaram aos sedentários e aos
12	j'attrape une maladie de ventre	viajantes, mas em vão. Ninguém
13	? »	sabia por onde ela tinha passado.
14	À la demande de ses soeurs	Um dia, Barka, o mesmo
15	Kodda avança encore, et encore,	palafreireiro que havia antes
16	jusqu'à ce que l'eau vienne au	descoberto Penda, veio repousar na
17	menton. Au moment où elle allait	alta <i>brousse</i> debaixo de um grande
18	s'engouffrer dans les profondeurs,	baobá. Os galhos da árvore-rei
19	un aigle d'immense envergure	estavam carregados dessas frutas
20	fonce sur elle, la saisit dans ses	nutritivas que chamam de “pão de
21	serres et l'enleva. Puis il s'éleva	macaco” ⁷¹ . Barka bem que queria
22	si haut qu'il s'enfonça dans un	colher uma, mas elas estavam muito
23	nuage et y disparut. « Eh bien !	no alto. Como não podia subir na
24	s'exclamèrent les soeurs. Nous	árvore, em razão da envergadura do
25	voilà enfin débarassées de cette	tronco, ele lançou um pedaço de
26	prétentieuse ! » Elles coupèrent	pau em uma fruta para fazê-la cair.
27	des feuilles de nénuphar, les	De repente, uma voz feminina
28	attachèrent sur la tête de leur	que parecia sair das folhas, elevou-
29	soeur aînée pour cacher ses	se do alto da árvore:
30	cheveux et la revêtirent des	– Quem ousa lançar um pedaço
31	vêtements de Kodda. Puis, sans	de pau em uma fruta de minha
32	rien dire à personne, elles	vivenda?
33	regagnèrent le village. La soeur	– Sou eu, Barka – respondeu o
34	aînée, revêtue des vêtements de	homem – o palafreireiro do rei
35	Kodda, alla prendre sa place dans	Manna.
36	sa case.	– E o que se conta de dia e de
37	Juste avant le coucher du soleil,	noite na cidade de Manna?
38	Samba revint du pâturage. Le	– Apenas se fala, de dia e de
39	temps de parquer ses animaux, la	noite, do desaparecimento de
40	nuit était tombée et la case était	Kodda, a filha caçula do rei. Ela se
41	obscur.	perdeu na <i>brousse</i> e lá passa suas
42	« Kodda, ris pour faire la	noites.
43	lumière ! » dit-il comme chaque	– É seu pai e sua mãe que se
44	soir. La fause Kodda rit, mais	perderam na <i>brousse</i> onde passam
45	l'obscurité se fit plus intense	
	encore.	

⁷¹ Nome dado à fruta comestível do baobá, pela qual os macacos são afeiçoados.

<p>1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45</p>	<p>« Kodda, que se passe-t-il ? » – Peut-être me suis-je enrhumée au bord de la rivière, dit la femme. Nous avons passé beaucoup de temps dans l'eau. » Au moment de se coucher, Samba voulut prendre la chevelure de son épouse pour la rouler et s'en faire un coussin, mais seules des feuilles humides de nénuphar lui restèrent dans les mains. « Kodda, qu'est-ce que cela ? s'écria-t-il. – C'est l'eau qui a mouillé mes cheveux, au point qu'ils sont devenus comme des feuilles de nénuphar », dit la femme. Le lendemain matin, à la lumière du jour, la vérité éclata. La fausse Kodda fut obligée d'avouer son stratagème. Le roi Manna la fit séquestrer et envoya toute une armée à travers le pays pour rechercher sa fille bien-aimée, mais personne ne la trouva. On la chercha partout, on visita chaque montagne, chaque village, on questionna les sédentaires et les voyageurs, mais en vain. Nul ne savait où elle était passée. Un jour, Barka, le même palefrenier qui avait jadis découvert Penda, vint se reposer dans la haute brousse sous un grand baobab. Les branches de l'arbre-roi étaient chargées de ces fruits nourrissants que l'on appelle « pain de singe »⁵⁷. Barka aurait bien voulu en cueillir un, mais ils étaient placés trop haut. Comme il ne pouvait grimper à l'arbre en raison de l'envergure</p>	<p>suas noites! – indignou-se a voz – A caçula bem-amada de Manna não está perdida e não passou nenhuma noite na <i>brousse</i>. Ela está sob a proteção do rei das águias e se aloja na folhagem deste baobá sob o qual você está! O palafreireiro não acreditava em seus ouvidos! Assim, Kodda, que era procurada em todo o país, encontrava-se aqui nesta árvore, como antes Penda, a irmã de seu esposo, havia morado na copa de uma palmeira... Mas o baobá não se abaixava para deixá-la partir: a jovem moça não tinha nenhum meio de, sozinha, deixar os altos galhos em que a águia a havia pousado. Para impedi-la de morrer de fome, o estranho pássaro ia a cada dia buscar leite, carne e comida, e trazia para ela em seu refúgio. O palafreireiro retornou com passos precipitados à cidade. Sob a pressão da novidade que carregava, de novo seu ventre se rasgou, como antes quando tinha descoberto Penda. A novidade saiu, mas ele pegou-a de volta e trouxe-a em seu ventre. Chegando ao palácio, correu ao rei: – Manna! Manna! Sua filha não está perdida! Ela está lá, na folhagem de um grande baobá onde uma águia extraordinária a pousou. A águia se ocupa dela e lhe traz a cada dia sua comida... Alguém correu para levar a feliz notícia a Samba. Quanto ao rei, este enviou imediatamente emissários para discutirem com a águia e pedir que ela devolvesse a moça amigavelmente. Agradeceram-na</p>
--	---	--

⁵⁷ Nom donné au fruit comestible du baobab, dont les singes sont friands.

1	de son tronc, il lança son bâton	bastante por ter se ocupado tão bem
2	contre un fruit pour le faire	dela e prometeram dar-lhe em troca
3	tomber.	tudo que quisesse.
4	Tout à coup, une voix féminine	A águia pediu para ser declarada
5	qui semblait sortir des feuilles	“águia real” – título que, aliás,
6	s’éleva du haut de l’arbre :	conservou até hoje... Então, ela
7	« Qui ose lancer un bâton	levantou delicadamente Kodda e a
8	contre un fruit de mon logis ? »	pôs no solo. Os emissários fizeram-
9	– C’est moi, Barka, répondit	na montar em um cavalo e levaram-
10	l’homme, le palefrenier du roi	na em triunfo à cidade, enquanto a
11	Manna.	águia real, com suas largas asas
12	– Et que se raconte-t-il, la nuit	abertas, planava silenciosamente
13	et le jour, dans la cité de Manna ?	acima de suas cabeças.
14	– On ne parle, de jour comme	No palácio, como em toda a
15	de nuit, que de la disparition de	cidade, o júbilo foi geral. Todo
16	Kodda, la fille cadete du roi. Elle	mundo estava feliz.
17	s’est perdue dans la brousse et y	O rei Manna não podia, porém,
18	passse ses nuits.	perdoar àquela das filhas que havia
19	– C’est ton père et ta mère qui	organizado essa perversidade com o
20	se sont perdus dans la brousse et y	único objetivo de ficar no lugar de
21	passent leurs nuits ! s’indigna la	Kodda. Em sua cólera, declarou que
22	voix. La cadette bien-aimée de	era preciso executá-la e colocar seu
23	Manna n’est pas perdue, et elle	cadáver atravessado na entrada da
24	n’a point passé de nuit dans la	casa de Kodda, a fim de que esta
25	brousse. Elle est sous la	passasse por cima dela no momento
26	protection du roi des aigles et	de chegar em casa.
27	loge dans la frondaison de ce	Samba, o nobre, cujo coração não
28	baobab sous lequel tu te tiens ! »	conhecia nem o medo nem a raiva,
29	Le palefrenier n’en croyait pas	não desejava ver uma morte
30	ses oreilles ! Ainsi, Kodda, que	manchar sua felicidade
31	l’on cherchait dans tout le pays,	reencontrada. Assim, aconselhou à
32	se trouvait ici dans cet arbre, tout	esposa que propusesse ao pai uma
33	comme jadis Penda, la soeur de	outra solução: deixariam sua irmã
34	son époux, avait habité dans la	com vida, mas ela seria condenada
35	touffé d’un palmier... Mais le	a vir se deitar e fingir de morta na
36	baobab, lui, ne s’abaissait pas	porta de Kodda, que passaria por
37	pour la laisser partir : la jeune	cima de seu corpo para atravessar a
38	femme n’avait aucun moyen de	entrada de sua morada.
39	quitter seule les hautes branches	O rei deu seu acordo e ficou
40	où l’aigle l’avait déposée. Pour	assim decidido.
41	l’empêcher de mourir de faim,	A irmã culpada, com sua irmã
42	l’étrange oiseau allait chaque jour	caçula que passava por cima de seu
43	s’emparer de lait, de viande et de	corpo na frente de toda a população,
44	nourriture, et les lui apportait	experimentou uma tal humilhação,
45	dans son refuge.	que deixou o país no mesmo dia.
46	Le palefrenier retourna à pas	
47	précipités vers la cité. Sous la	

1	pression de la nouvelle dont il	Ninguém jamais a viu.
2	était porteur, de nouveau son	A partir de então, todo mundo
3	ventre se déchira, comme jadis	viveu em paz na cidade dos grandes
4	quand il avait découvert Penda.	rebanhos ⁷² ...
5	La nouvelle en sortit, mais il la	
6	reprit et la ramena dans son	
7	ventre. Arrivé au palais, il courut	
8	vers le roi :	
9	« Manna ! Manna ! Ta fille	
10	n'est pas perdue ! Elle est là-bas,	
11	dans le feuillage d'un grand	
12	baobab où un aigle extraordinaire	
13	l'a déposée. Il s'occupe d'elle et	
14	lui apporte chaque jour sa	
15	nourriture... »	
16	Quelqu'un courut porter	
17	l'heureuse nouvelle à Samba.	
18	Quant au roi, il envoya	
19	immédiatement des émissaires	
20	pour parlementer avec l'aigle et	
21	lui demander de rendre la jeune	
22	femme à l'amiable. On le	
23	remercia beaucoup de s'être si	
24	bien occupé d'elle, et on promit	
25	de lui donner en échange tout ce	
26	qu'il voudrait.	

⁷² Segundo Christiane Seydou, a primeira parte desse conto é bastante conhecida na África do Oeste (existem notadamente versões em bambara), mas ela encontrou a segunda parte (aquela do pastor todo corcunda) somente em meio fula. Todos os nomes da presente versão são, de toda forma, nomes fulas. Existem no Mali diferentes versões desse conto, tamanhos desiguais e com diferenças em alguns pontos. Algumas de suas principais sequências (os dois órfãos, o príncipe não reconhecido sob sua deformidade passageira ou vestido em trapos, o rapto da filha do rei – em outras partes “esposa preferida do rei”), são mais frequentemente o objeto de contos separados. Cf. Christiane Seydou: *Contes et Fables des veillées*, op. cit., p. 92; *Des preux, des belles... des larrons* (Paris, Nubia, 1987), p. 41. Encontra-se também o resumo de duas versões inéditas coletadas por Seydou em Sendégou em seu artigo: “Ou tu me donnes une femme ou je reprends ma petite soeur”, in “Worso, Mélanges offerts à Marguerite Dupire” (*Journal des Africanistes*, 55, 1-2, 1985), pp. 127-143. Cf. igualmente Gérard Meyer, *Paroles du soir : Contes toucouleurs* (Paris, L’Harmattan, 1988), pp. 143-150; e F.V. Equilbecq, *Contes populaires d’Afrique occidentale* (G.-P. Maisonneuve et Larose, Paris, 1972, p. 494. (H.H., graças a elementos fornecidos por Christiane Seydou.)

1	L'aigle demanda à être déclaré	
2	« aigle royal » – titre qu'il a	
3	d'ailleurs conservé jusqu'à ce	
4	jour... Puis il souleva	
5	délicatement Kodda et la déposa	
6	sur le sol. Les émissaires la firent	
7	monter sur un cheval et la	
8	ramenèrent en triomphe dans la	
9	cité, tandis que l'aigle royal, ses	
10	larges ailes étendues, planait	
11	silencieusement au-dessus de	
12	leurs têtes.	
13	Au palais comme dans toute la	
14	cité, la liesse fut générale. Tout le	
15	monde était heureux.	
16	Le roi Manna ne pouvait	
17	cependant pardonner à celle de	
18	ses filles qui avait organisé ce	
19	méfait dans le seul but de se	
20	substituer à Kodda. Dans sa	
21	colère, il déclara qu'il fallait	
22	l'exécuter et placer sa dépouille	
23	en travers du seuil de la case de	
24	Kodda, afin que celle-ci	
25	l'enjambe au moment de rentrer	
26	chez elle.	
27		
28	Samba le noble, dont le coeur	
29	ne connaissait ni la peur ni la	
30	haine, ne souhaitait pas voir une	
31	mort entacher son bonheur	
32	retrouvé. Aussi conseilla-t-il à son	
33	épouse de proposer à son père une	
34	autre solution : on laisserait sa	
35	soeur en vie, mais elle serait	
36	condamnée à venir s'allonger et	
37	faire la morte devant la porte de	
38	Kodda, qui enjambrerait son corps	
39	pour franchir le seuil de sa	
40	demeure.	
41	Le roi donna son accord, et il	
42	en fut ainsi décidé.	
43		
44	La soeur coupable, enjambée	
45	par sa cadette devant toute la	
46	population, en éprouva une telle	
47	humiliation qu'elle quitta le pays	

1	le jour même. Personne ne la revit	
2	jamais.	
3	Depuis, tout le monde vécut en	
4	paix dans la cité aux grands	
5	troupeaux ⁵⁸ ...	
6		

⁵⁸ D'après Mme Christiane Seydou, la première partie de ce conte est très connue en Afrique de l'Ouest (il en existe notamment des versions en bambara), mais elle n'a rencontré la deuxième partie (celle du berger tout bossu) qu'en milieu peul. Tous les noms de la présente version sont en tout cas des noms peuls.

Il existe au Mali différentes versions de ce conte, de longueurs inégales et différant sur certains points. Certaines de ses principales séquences (les deux orphelins, le prince méconnu sous sa difformité passagère ou revêtu de haillons, l'enlèvement de la fille du roi – ailleurs « coépouse préférée du roi »), y font le plus souvent l'objet de contes séparés.

Cf. Christiane Seydou : *Contes et Fables des veillées*, op. cit., p. 92; *Des preux, des belles... des larrons* (Paris, Nubia, 1987), p. 41. On trouvera aussi le résumé de deux versions inédites recueillies par Mme Seydou à Sendégué dans son article : « Ou tu me donnes une femme ou je reprends ma petite soeur », in « *Worso*, Mélanges offerts à Marguerite Dupire » (*Journal des Africanistes*, 55, 1-2, 1985), p. 127-143. Cf. également Gérard Meyer, *Paroles du soir : Contes toucouleurs* (Paris, L'Harmattan, 1988), pp. 143-150 ; et F.V. Equilbecq, *Contes populaires d'Afrique occidentale* (G.-P. Maisonneuve et Larose, Paris, 1972, p. 494. (H.H., grâce à des éléments fournis par Mme Christiane Seydou.)

CAPÍTULO IV – TEXTO, CONTEXTO, TRADUÇÃO, PARATRADUÇÃO

Neste capítulo, analisaremos as estratégias tradutórias utilizadas em nossa versão brasileira dos contos orais coletados e transcritos por Hampâté Bâ, com base no contexto de produção, na ética da tradução de Berman (2013), nos desdobramentos da noção de paratextos de Genette (1982, 2009) e no conceito de paratradução de Frías (2010). Doravante os contos trabalhados serão nomeados por siglas: BDL para *A briga das duas lagartixas ou Não existe pequena briga*, MMM para *A menina da máscara de madeira ou A armadilha das aparências* e PCC para *O pastor corcunda-corcunda ou O cavaleiro solitário*.

4.1 AFRICANISMOS, REGIONALISMOS E REFERÊNCIAS CULTURAIS LOCAIS

Os textos traduzidos trazem um extenso vocabulário e diversas imagens poéticas que fazem referência imediata a entidades, objetos, seres e comportamentos próprios da cultura fula, malinesa e africana, que são, no mais das vezes, um reflexo do convívio cotidiano das comunidades com seus entornos naturais, fato que se reflete na presença do nome de plantas e animais, nas formas de habitação, lazer e trabalho. O leitor do texto em sua versão francesa é induzido a se lembrar que o texto tem como referente um universo cultural e natural que lhe é alheio, estranho, estrangeiro, desconhecido ou pouco familiar. Ao traduzir, tivemos a preocupação em transmitir essa impressão também para o leitor do texto em versão brasileira, lembrando que a tradução, para muito além de somente transferir uma mensagem de uma língua para outra, abre as portas para a visualização de novos e diferentes universos e concepções de mundo, tal como sustenta Berman (2013), ao dizer que o tradutor deve levar o leitor ao encontro do Estrangeiro, única forma de apreendê-lo. Portanto, na execução de nossa tarefa, adotamos a ética de Berman (2013), buscando ultrapassar a dificuldade de transmitir a cultura do Outro sem cair nas armadilhas geradas por comportamentos etnocêntricos, uma das tendências deformadoras no processo de tradução.

Nesses contos, há muitos termos em francês que têm um correspondente literal na língua portuguesa brasileira, ainda que o significado seja parcialmente sobreposto. Lembremos, com Walter Benjamin (2008), que o “*pain*” da França, mesmo que traduzido pelo equivalente literal “*broi*” em alemão (ou “pão” em português), tem um

significado próprio que decorre da cultura francesa, tal como pode ocorrer mesmo no caso de uma palavra da mesma língua, utilizada em regiões diferentes, como o “*bread*” inglês ou “*bread*” estadunidense. No entanto, a mais adequada forma de se traduzir “*pain*” parece ser com recurso aos vocábulos acima mencionados. Essa condição linguística é comum em todas as línguas pertencentes a diferentes culturas, por vezes mesmo dentro de um único país, como é o caso da palavra “pirão” no Brasil, cujo significado diverge segundo as regiões em que é empregada.

Nos contos desta pesquisa, ao traduzir “*case*” (BDL, MMM, PCC), apresentou-se imediatamente a opção “cabana”. Contudo, o dicionário do *Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales*, CNRTL (2005), indica que “*case*” corresponde a uma habitação rudimentar, em especial na África negra, ou habitação rudimentar de indígenas, cabendo o sinônimo “*cabane*”. No dicionário *Le Robert Micro* (2008), o termo remete a uma moradia simples de países exóticos, como no exemplo “*cases africaines*”. Por outro lado, a definição da palavra “cabana” no dicionário de língua portuguesa Houaiss remete à: “habitação pequena e/ou simples, ger. campestre ou em local afastado, feita com materiais rústicos ou de pouco valor (como palha, ramos etc.) e sem acabamento; barraca” (HOUAISS, 2002). A “*case*” dos contos se refere a casas do Mali da época em que foram coletados esses contos por Hampâté Bâ, no período compreendido entre 1938 e 1960, segundo afirma Heckmann (BÂ, 2005). É preciso, então, considerar que essas moradias podem ter sofrido mudanças com o passar do tempo, já que a arquitetura de casas e cidades muda de acordo com as mudanças da própria sociedade, além de que a arquitetura ajuda a explicar a organização social de uma sociedade e “a moradia diz respeito à realidade e também às subjetividades de um povo” (MOASSAB, 2013).

Nas definições das palavras “*case*” e “cabana” nos dicionários consultados, percebe-se a conotação de inferioridade para essa forma de moradia qualificada como “rudimentar”, “rústica” e mesmo “exótica”. Se traduzíssemos “*case*” por “cabana”, o leitor poderia inconscientemente associar a história a uma sociedade que ele qualificaria como “primitiva” ou “atrasada”, termos, hoje, evitados nesses contextos. Por essa razão, e após buscarmos imagens para a palavra “*case*” em contexto malinês, optamos por escolher “casa”. Com o objetivo de levar o leitor ao Estrangeiro, tal como recomenda Berman (2013), poderíamos anexar ao texto imagens de casas do Mali, para fornecer ao leitor uma ideia de como são as habitações naquele país.

Figura 5 – Cidade de Bandiagara



Fonte: <http://whc.unesco.org/en/list/516/gallery/>

Figura 6 – Cidade de Bandiagara



Fonte: <http://www.larousse.fr/encyclopedie/images/Bandiagara/1313878>

Cabe aqui refletir sobre o local adequado para a inserção dessas imagens no texto, sem interferir na capacidade imaginativa do leitor: a melhor opção seria o meio ou o fim do texto? Há várias opções de estratégias tradutórias. A primeira seria evitar imagens em meio ao texto e notas de rodapé, concedendo liberdade ao leitor para que imagine a “habitação” à qual o texto faz referência, sem interferência na leitura por

conta de notas de rodapé. Outra opção seria colocar uma pequena nota de rodapé explicando como é essa “*case*” no Mali, com acréscimo da respectiva imagem ao fim do texto. A ausência de figuras no meio do texto também libera a imaginação do leitor, mesmo que haja a nota de fim de página. Dentre essas opções, mesmo que as notas possam perturbar o ritmo e a fluidez de leitura, tais inserções paratradutivas também são úteis por conduzirem o leitor ao Estrangeiro, uma das premissas de Berman (2013). Optar por colocar apenas a imagem no meio do texto, sem nota de rodapé, também leva o leitor ao Estrangeiro sem necessariamente interromper o fluxo de leitura. Nosso objetivo nessas traduções é fazer o leitor conhecer parte da cultura africana, mas sem o acréscimo desnecessário de informações ao texto fonte.

O mesmo problema linguístico apresentou-se no momento da tradução das palavras “*ville*” (MMM, PCC) e “*village*” (BDL, MMM, PCC). A primeira foi traduzida em “cidade” e a segunda poderia ser traduzida como “aldeia”, termo que pode, entretanto, remeter o leitor à ideia de algo “atrasado”. Optamos pela palavra “vilarejo”, considerando que as fotos acima também poderiam sugerir ao leitor o aspecto dos vilarejos malineses. Da mesma forma, há a palavra “*tribu*” (MMM) empregada por Hampâté Bâ, cujo significado pode ser também pejorativo, tanto na língua francesa quanto na língua portuguesa. Na época em que esses contos foram registrados, a discussão sobre a ambiguidade desses termos ainda não havia começado, possível razão para a escolha do escritor. Dessa forma, julgamos que “tribo” é a melhor opção, pois, nesses textos, o termo invoca passados remotos e orgulhoso sentimento de pertença a grupos socialmente coesos.

Para traduzirmos “*biche de la prairie*” (MMM) e “*faon*” (MMM), a solução se apresentou mais facilmente. “*Biche*” é a fêmea do cervo, “corça” ou “cerva” em português, mas o segundo termo é homófono de “serva”, podendo introduzir alguma ambiguidade na leitura, razão pela qual optamos por “corça do prado”, cuja sonoridade aproxima-se da expressão original. Quanto a “*faon*”, este é o filhote da corça, mas não existe um nome específico em português; se traduzíssemos por “filhote da corça” ou “cria da corça”, provocaríamos um acréscimo da extensão do texto, que é uma das deformações analisadas por Berman (2013). Assim, utilizamos o diminutivo para indicar que se trata de um filhote, sem aumentar a massa bruta de texto, resultando em “cervinho”. Por outro lado, “*lamantin*” (MMM) corresponde a um animal que existe unicamente na África, chamado de “peixe-boi africano”: optamos por conservar apenas “peixe-boi”. A dificuldade de se traduzir nomes de animais decorre do fato de que espécies análogas de regiões diferentes

são distintas em razão da adaptação ao meio ambiente, tal como observa Darwin: nesse caso, a nomenclatura também é divergente, o que impossibilita uma tradução exata, a não ser que usássemos nomes científicos, que acreditamos desnecessários para a compreensão dos textos em questão.

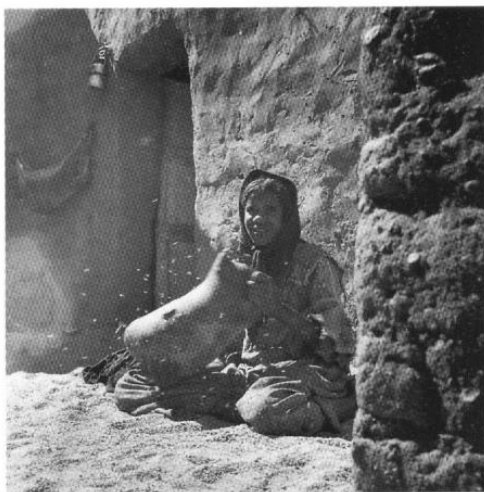
Como vimos na primeira parte desse trabalho, esses aspectos refletem as relações entre cultura e natureza, já que, para retomar uma vez mais a definição proposta por Saussure, a língua é um “fato social”, pois ela só existe “em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (SAUSSURE, 2006, p. 22), e as palavras correspondem às respostas que os seres humanos encontram para os problemas trazidos pelo entorno natural ou social. Assim, em PCC, a imagem da palmeira que se abaixa sugere a proteção que a natureza oferece aos seres humanos, uma importante imagem simbólica na literatura oral, uma vez que sugere aos indivíduos que evitem agredir a natureza no interesse da preservação da espécie humana. No conto das lagartixas (BDL), a briga dos pequenos répteis resulta na perda de quase todos os animais domésticos e serve como alerta para que se dê importância mesmo aos mais ínfimos seres vivos. Por outro lado, o pastor corcunda-corcunda (PCC) pastoreia um rebanho que não é destinado ao abate, e sim à produção de queijo e leite; tal como na cultura hindu, aqui os bovinos se revestem de um caráter sagrado que se transmite de forma oral nos contos de expressão fula. Mais uma vez, reitera-se a importância de se preservarem os seres vivos, sejam eles animais ou vegetais, de forma a garantir a própria preservação da espécie humana, ideia discutida por Darwin. Igualmente, esses aspectos são importantes elementos na formação da identidade fula ou, por extensão, da identidade rural africana.

Questionamentos se apresentaram diante das possibilidades de tradução dos seguintes termos intrinsecamente articulados com o conjunto da cultura africana: os objetos “*canari d’eau*” (MMM) e “*tam-tam*” (PCC), assim como as ações de “*baratter le lait*” (PCC), de “*tresser des vans*” (PCC) e de “*psalmodier*” (MMM). Por mais que os vocábulos pudessem ser adaptados para a realidade do leitor brasileiro, foi necessária cautela com relação às diferentes culturas regionais que compõem o grande mosaico de culturas no Brasil. Nos dicionários de língua francesa consultados, “*canari*” é explicado como um recipiente de barro usado na África para guardar água, enquanto o “*tam-tam*” é um dos nomes que se dá ao tambor, instrumento musical de suma importância nas cerimônias sagradas e profanas da cultura africana, servindo inclusive como instrumento de comunicação. Para o primeiro

termo, o léxico brasileiro oferece a possibilidade de “moringa”, mas estaríamos adaptando o “*canari d’eau*” ao contexto do Brasil; por tal razão, evitamos a domesticação do Estrangeiro nessa passagem do texto e escolhemos o sintagma “jarro de barro”, deixando ao leitor a liberdade de imaginar o objeto. Quanto ao “*tam-tam*” do texto em francês, optamos pelo termo “tantã” que, em português do Brasil, significa exatamente “tambor africano”. Ainda que uma certa ambiguidade se inscreva no texto, pois “tantã” também representa “uma pessoa maluca”, esse vocábulo permite apresentar ao leitor brasileiro uma parcela de conhecimento sobre o universo estrangeiro.

Por sua vez, “*baratter le lait*” significa “bater o leite” para transformá-lo em manteiga. Segundo a *Encyclopédie Berbère* (1991), existem duas formas de bater o leite: a primeira, que é usada na Europa (e no Brasil), consiste em bater a nata do leite em um recipiente específico para isso (chamado “*baratte*”), com ajuda de batedores (como o batedor da batedeira que conhecemos, por exemplo). A segunda forma, usada no Mali, consiste em primeiro deixar fermentar o leite por doze horas e depois bater o leite, sacudindo o recipiente que contém o leite, como nas seguintes figuras:

Figura 7 – Senhora sacudindo odre



Fonte: <http://encyclopedieberbere.revues.org/1290>

Figura 8 – “*Barattes*” feitas de barro



Fonte: <http://encyclopedieberbere.revues.org/1290>

Em português, existem as expressões “bater nata”, “bater leite” ou “bater manteiga”, sem referência específica ao recipiente. Cabe sublinhar que o termo “*baratte*” corresponde a um utensílio da cultura francesa que difere de seu homólogo malinês, em termos de forma e material de confecção: ao passar para a língua francesa o conto africano, Hampâté Bâ atravessou a fenda transgressora de que tratamos no primeiro capítulo, fenda que se situa entre a margem móvel e a margem sensata (BARTHES, 1987). Esse recurso tradutório transgressor permite conduzir o leitor de língua francesa rumo ao espaço estrangeiro, ainda que se baseie no emprego de um termo que representa um objeto arcaico da cultura francesa. Considerando que, do ponto de vista sonoro, “bater leite” é mais próximo de “*baratter le lait*”, escolhemos essa opção para a tradução da expressão francesa que, em nosso entender, confere um aspecto de prática antiga ao processo de fabricação de manteiga, aspecto impossível de se recriar sem o auxílio a mais uma nota paratradutiva, à qual renunciamos por julgarmos desnecessária.

A cestaria é uma atividade tradicional na África, assim como nas comunidades indígenas do Brasil, e supõe a prática de uma cultura extrativista tradicional, pois se baseia no emprego de recursos naturais disponíveis no entorno físico imediato. A expressão “*tresser des vans*” (PCC) corresponde tanto a “trançar peneiras” como a “trançar cestos” (OOCITIES, s.d.), e cabe aqui sublinhar a dificuldade de se encontrarem, no Brasil, fontes de consulta fidedignas sobre aspectos pontuais da diversificada cultura africana. Para evitar ampliar o texto com a expressão “trançar cestos e peneiras”, e acreditando que “cesto” é

mais eufônico que “peneira”, optamos por adotar “trançar cestos”, conservando, para o leitor brasileiro, aspectos da relação cotidiana dos grupos tradicionais africanos com a natureza, uma vez que, no texto, os cestos são trançados com “fibras e folhas” coletadas diretamente na vegetação local.

Figura 9 – Mulher africana trançando um cesto



Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/85028887>

Com relação ao termo “*brousse*” (PCC), encontramos também desafios ao traduzi-lo para o português, pois parece não haver correspondente para esse idioma, por se tratar de um tipo de vegetação típico da África. O dicionário do CNRTL (2005) informa que o termo “*brousse*” é possivelmente derivado de “*broussaille*” ou do provençal “*brouso*”, e foi introduzido no francês falado na África por tropas coloniais das quais faziam parte indivíduos oriundos do sul da França. Portanto, o termo surgiu para dar conta de uma nova realidade, propriamente africana. A “*brousse*” e a “savana” correspondem a biomas predominantes e bastante parecidos na África do oeste, com algumas diferenças, como a presença de arbustos na “*brousse*” e a presença de algumas árvores na savana. O dicionário Houaiss (2002) registra a presença de “*brousse*” no vocabulário da língua portuguesa, com significado que também remete à África tropical: “região coberta de árvores e arbustos esparsos e vegetação rasteira gramínea” (HOUAISS, 2002). Como se vê nas fotografias abaixo, a “*brousse*” apresenta nítidas semelhanças com o cerrado brasileiro, e talvez coubesse traduzir o termo por “cerrado”. Por outro lado, em nota de rodapé da versão brasileira do livro *Amkoullel, o menino fula* (2008), a

tradutora Xina Smith de Vasconcellos afirma que a tradução mais adequada para “*brousse*” seria “sertão”.

Figura 10 – Vilarejo malinke na “*brousse*”, África



Fonte: <http://p6.storage.canalblog.com/64/81/149796/69589652.jpg>

Figura 11 – Morro do Chapéu, Mato Grosso do Sul, Brasil



Fonte: <http://static.panoramio.com/photos/large/30300134.jpg>

O dicionário do CNRTL (2005) informa que “*brousse*” e “*brousser*” têm possivelmente a mesma origem etimológica. “*Brousser*” corresponde a caminhar no meio da floresta, do mato, no meio da vegetação. Assim, no francês da África, “*sortir en brousse*”, expressão que se encontra no conto do “pastor corcunda” (PCC), pode significar “sair da cidade”. Apesar das semelhanças parciais entre “*brousse*”,

cerrado, sertão e savana, o resultado de nossas buscas em fontes bibliográficas e iconográficas nos fizeram adotar diferentes estratégias tradutórias quando da aparição da palavra “*brousse*”. Na frase “*sortait en brousse*”, optamos por traduzir por “saía da cidade”. Para as outras ocorrências, fizemos como Vasconcellos, tradutora de *Amkoullé* (2008), mantendo a palavra em francês, mas em itálico (*brousse*), com a respectiva inserção de uma nota paratradutiva, em rodapé. A solução facilitou a tradução de “*haute brousse*” (“alta *brousse*”), pois a opção mais literal, “mato alto”, poderia confundir o leitor, pois “mato” é um termo da língua portuguesa cujo significado diverge em função da região a que se refere: no Pantanal, na Amazônia, nos pampas ou no agreste nordestino, “mato” refere-se a entidades distintas, em razão das relações entre língua e entorno natural, como vimos na primeira parte desse estudo.

Enfim, pudemos concluir desta palavra, mais uma vez, que é bastante desafiador traduzir termos específicos a regiões, pois podemos cair na adaptação e traduzir para o contexto brasileiro – traduzir “*brousse*” como “cerrado” ou “sertão” –, ou cair na generalização e traduzir como “mato”, além das duas opções apresentarem sentidos divergentes do termo original. No entanto, mesmo que a opção por “*brousse*” e pela explicação em nota de rodapé garantam fidelidade ao Estrangeiro, cabe a pergunta: a qual Estrangeiro? Ao contrário do que pode ocorrer na leitura da palavra “*nelbi*” (PCC), que analisaremos adiante, o leitor talvez se depare aí apenas com o estrangeiro francês, em detrimento do contexto africano.

Observe-se, agora, o seguinte trecho: “Il prit son bâton de berger, le bâton taillé dans une branche de l’arbre sacré nelbi et que tout berger peul reçoit au terme de son initiation”. O vocábulo “*nelbi*” pertence à língua fula e remete a uma característica própria dessa etnia e dessa cultura, no que se refere ao caráter sagrado que os fulas atribuem a diversos elementos da natureza, como, neste caso, uma árvore sagrada. No texto fonte, a palavra “*nelbi*” não aparece destacada, mesmo que faça parte de um idioma alheio ao texto, induzindo o encontro do leitor com o Estrangeiro – apesar de que a grafia da palavra foi afrancesada, pois a grafia fula é “*nelbi*” (BLENCH, 2006). “*Nelbi*” é o nome fula para uma árvore do tipo ébano cujo nome científico é *Diospyros mespiliformis*, com ocorrência principalmente no Senegal, país vizinho ao Mali; a madeira nobre do “*nelbi*” é utilizada para fabricação de utensílios, e seu fruto é comestível (TOURNEUX; YAYA, 1998). Optamos por manter a palavra “*nelbi*” no texto traduzido, mas acrescentamos uma nota de rodapé, indicando que é um “nome fula para

Diospyros mespiliformis”, para facilitar as eventuais pesquisas daqueles que tiverem interesse pela realidade e pelos simbolismos da cultura africana.

Figura 12 – Árvore *Diospyros mespiliformis*.



Fonte: <http://www.plantzafrica.com/plantcd/diospyrosmespil.htm>

Figura 13 – Fruto da árvore *Diospyros mespiliformis*



Fonte: <http://www.plantzafrica.com/plantcd/diospyrosmespil.htm>).

O “*pain de singe*” (PCC), conforme a própria nota do texto em francês explica, é o fruto comestível do baobá e, segundo ainda essa nota, é muito apreciado pelos macacos. O baobá é uma árvore própria da África que simboliza a sabedoria dos anciãos e sob sua copa, realizam-se encontros em que se manifesta a oralidade tradicional africana: trata-se da “árvore das palavras” (CHEVRIER, 2005). A presença do termo

“*pain de singe*” em dicionários de língua francesa indica que a França absorveu parcelas da cultura africana de suas ex-colônias, hoje presente no dia a dia dos ex-colonizadores. No Brasil, diversos traços das culturas africanas mesclaram-se em forma de culturas híbridas, em razão da miscigenação entre escravos africanos e seus descendentes, por um lado, e povos autóctones ou colonizadores europeus, ou ainda imigrantes de todas as origens, por outro. O Instituto de Investigação Agrária de Moçambique (2010) atesta a existência do termo “pão de macaco”, assim como o nome “imbondeiro” para o baobá. Dessa forma, traduzimos “*pain de singe*” como “pão de macaco” e mantivemos, como informação paratradutiva, a nota original.

O vocábulo “*psalmodier*” vem de “salmo”, um dos livros da bíblia, texto ligado diretamente à tradição judaico-cristã. O judaísmo, o cristianismo e o islamismo são religiões abraâmicas – principais religiões derivadas de Abraão – e o islamismo é a religião predominante no Mali, referência contextual que se reitera diversas vezes nos escritos de Hampâté Bâ. “Salmodiar”, segundo Houaiss (2002), significa “cantar ou recitar salmos sem alterar a inflexão de voz, com pausas marcadas” (HOUAISS, 2002); por sua sobreposição semântica adequada, adotamos esse termo dicionarizado no Brasil.

Tal como indica o dicionário eletrônico fula-francês intitulado *Dictionnaire Fulfulde (Peul)* (PEERAL, s.d.), o termo “*peul*” (MMM, PCC) corresponde a “*pullo*” em fula. Na primeira ocorrência do termo “*peul*” nos contos aqui analisados, traduzimos como “fula” e acrescentamos uma nota paratradutiva, em rodapé, localizando geograficamente essa etnia: “um dos grupos étnicos da África Ocidental (NT)”.

O termo “*génie*” (MMM, PCC) aparece algumas vezes nos contos e é recorrente na cultura fula, sob o nome de “*jinnaaru*” (PEERAL, s.d.), mas também na cultura muçulmana, sob o nome de “*djinn*”, inclusive no Alcorão. O termo “*génie*” (francês) ou “gênio” (português), nos dicionários dessas respectivas línguas, indica uma entidade que pertence à mitologia greco-romana, sem relação direta com a África. “*Djinn*” aparece em outros textos sobre a África, como no livro *Amkoullel* (2008). O “*génie*” poderia ser assimilado ao Curupira do folclore brasileiro, o gênio das matas, pois essas entidades compartilham uma característica comum: praticam indistintamente o bem e o mal. Em todos os casos, optamos por traduzir como “gênio”, pois “*djinn*” ou “*jinnaaru*” exigiriam o acréscimo de mais uma nota paratradutiva, que aumentaria a massa bruta do texto. Talvez essa tenha sido a razão para

que Hampâté Bâ tenha optado por “génie” ao invés do termo fula “*jinnaaru*”.

Ainda no que se refere a esses entes místicos, o termo “*lutin*” (MMM), segundo dicionários de língua francesa, é um tipo de gênio ou demônio que faz traquinagens com as pessoas, com uma conotação ligeiramente negativa. Traduzimos “*lutin*” em “duende”, porém essa palavra em português se refere aos pequenos seres de orelhas pontudas da floresta que fazem travessuras aos humanos. Tanto o “*lutin*” quanto o “duende” remetem à mitologia nórdica, onde existem também elfos, anões, gnomos etc. A palavra “*lutin*” provavelmente remete o leitor francófono a esse tipo de duende, assim como o leitor do texto em português. Seria “*lutin*” um equivalente para “*djinn*”? Hampâté Bâ teria optado por um vocábulo francês no lugar do devido vocábulo fula? Qual seria o termo fula para “*lutin*”? Por um momento, pensamos na possibilidade de recorrer ao “saci” do folclore brasileiro, mas “saci” ou “curupira” implicariam na domesticação do texto estrangeiro, uma das deformações condenadas por Berman (2013). Nesse contexto, traduzimos por “duende”, cientes de que o leitor terá apenas uma visão parcial da entidade à qual se refere Hampâté Bâ.

Apesar da palavra “*prêtre*” (MMM) ser citada apenas em uma nota de rodapé, acreditamos ser importante discutir sua tradução, pois além de mantermos essa nota na versão traduzida, ela é usada para explicar o que é um “*silatigui*” (MMM) na comunidade fula. O “*silatigui*” é um mestre de iniciação pastoral e chefe espiritual da comunidade. “*Prêtre*” nos dicionários de língua francesa é explicado como padre da igreja católica, e sua primeira tradução, “padre”, também remete à religião católica diretamente, o que nos faz acreditar que não é uma boa opção para a tradução. Poderia ter sido usado sacerdote, que parece abranger outros tipos de religiões, mas preferimos optar por “chefe espiritual” para retirar a carga católica que está ligada ao padre e também ao sacerdote.

Todas essas dificuldades nos lembram o quão difícil é traduzir textos de outras culturas, que se manifestam por meio de palavras com significados inexistentes ou divergentes na cultura alvo. As dificuldades parecem ainda maiores neste trabalho, uma vez que o texto de partida, em língua francesa, refere-se à cultura africana, malinesa, fula, com poucas fontes de consulta disponíveis no Brasil. Nesses casos, é sempre preciso recorrer à fenda transgressora que se deduz das ideias de Saussure (2006) a respeito das margens da língua. Esse é o caso também da palavra “*griot*” (MMM), que analisaremos a seguir.

O termo “*griot*” remete somente à cultura africana, mas o vocábulo é francês, com etimologia imprecisa, podendo inclusive derivar do português “*criado*”, conforme explica o dicionário do CNRTL (2005). Nos dicionários fulas consultados, há mais de uma palavra fula que corresponde a “*griot*”. Por exemplo, o *Dictionnaire Fulfulde (Peul)* (PEERAL, s.d.) atesta a ocorrência de “*bammaado*”, “*gawlo*”, “*ñamakala*” e “*jeliijo*”, este último grafado como “*dieli*” por Hampâté Bâ em diversos de seus escritos. O etnólogo explica, em *A tradição viva* (1982), que os *griots* podem ser genealogistas, músicos e mediadores em famílias. O termo “*griot*” sintetiza um amplo leque de atividades que são próprias à cultura africana, sem equivalência exata na cultura francesa. Houaiss (2002) registra “*griô*” ou “*griot*” como: “poeta, cantor e músico ambulante pertencente a uma casta especial que, além de cronista e detentor da tradição oral do grupo, freq. exerce atribuições mágico-religiosas” (HOUAISS, 2002). Optamos pela segunda grafia e acrescentamos uma nota paratradutiva, em rodapé: “uma das castas tradicionais, às quais se reserva o ofício de músico, animador de público, genealogista, historiador, atividades que envolvem diretamente a arte da palavra, em razão da extrema importância da oralidade na cultura africana (NT)”.

Em dois trechos do texto do “pastor corcunda” (PCC), Barka, o palafrenero, ao guardar um segredo, sente “coisas” na barriga; essa sensação é explicada por uma nota de rodapé que explica que os ocidentais sentem com a cabeça, enquanto os africanos experimentam a mesma sensação no ventre. Esse aspecto parece retratar a racionalidade ocidental, relacionada à cabeça, enquanto a emotividade é relacionada ao ventre. Optamos por manter “ventre” e a nota de rodapé na nossa tradução, com objetivo de possibilitar ao leitor brasileiro um novo conhecimento da cultura estrangeira.

Numa litania cantada por um adivinho no conto do conto da “máscara de madeira” (MMM), a frase “*Par kou hop, ko koun hop, ko koun houn houa hop!*” parece ter a função de onomatopeia musical, uma vez que os dicionários consultados não trazem nenhuma dessas unidades verbais. Por essa razão, mantivemos a frase no corpo do texto – “*Por kou hop, ko koun hop, ko koun houn houa hop!*” –, levando o leitor ao encontro do Outro, estimulando sua curiosidade com relação à cultura africana.

Para finalizar esta parte da análise, passemos à palavra “*djengo*” (MMM) cujo significado está ausente nos dicionários consultados. No peritexto, Christiane Seydou explica o termo em nota de rodapé: “*veillé*

(fête, réunion organisée le soir)”. Mantivemos o termo “*djengo*” e traduzimos a nota como: “vigília (festa, reunião realizada à noite)”.

4.2 COLOQUIALISMOS, EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS E PROVÉRBIOS

Primeiramente, definiremos esses termos, pois eles trazem características em comum, podendo ser confundidos. O coloquialismo é uma manifestação da linguagem popular, a linguagem que utilizamos no cotidiano, ao contrário da língua culta, formal. O coloquialismo pode incidir sobre todos os aspectos da língua (fonético, léxico, sintático e morfológico), e um exemplo é o som do –R final dos verbos no infinitivo, que oralmente desaparece no português (bebê [beber], tomá [tomar]), ou algumas vogais de palavras que também somem (vô [vou]) ou se transformam em outro som (leiti [leite]). Quando essas marcas orais aparecem no texto escrito, é importante considerá-las, pois foram colocadas ali com um propósito expressivo.

Já os provérbios e expressões idiomáticas têm sentidos conotativos e metafóricos, e devem ser interpretados no seu contexto. No entanto, a expressão idiomática é, geralmente, o segmento de uma oração, tendo que ser completado por verbos, sujeitos para completar a frase, e serve para “dar vazão à expressividade dos falantes, exprimindo sentimentos, sensações, modos de ver o mundo e originam-se de fatos que servem de motivação para fomentar a criatividade dos falantes” (SABINO, 2010, p. 336). Temos diversos exemplos que utilizamos cotidianamente, sem nem mesmo nos darmos conta, como o próprio “dar-se conta”, “sorriso amarelo”, “acabar em pizza”, “fazer tempestade em copo d’água”, “ao pé da letra”, dentre outros.

O provérbio constitui a oração em si, e de acordo com o dicionário Houaiss, é “uma frase curta, geralmente de origem popular, frequentemente com ritmo e rima, rica em imagens, que sintetiza um conceito a respeito da realidade ou uma regra social ou moral” (HOUAISS, 2002). Os provérbios carregam uma moral, um ensinamento, e por isso, são universais, quase sempre existindo equivalente nas línguas de diferentes culturas, e daí a dificuldade de traduzi-los, pois há os equivalentes, com sentidos semelhantes, porém usando termos diferentes. Nos dois casos citados, há a ideologia de uma cultura, mas no provérbio, é mais forte, pois este faz parte de uma tradição milenar e, mesmo que as expressões idiomáticas também façam, não duram tanto tempo, pois para cada novo evento, sentimento,

os falantes podem criar novas expressões, e assim desaparecem outras (SABINO, 2010).

Há uma expressão idiomática da língua francesa na frase “Les commérages allèrent bon train” (PCC), em que “bon train” significa “rapidamente” (“bom trem”, literalmente), ou seja, “aller bon train” é “ir rapidamente”, no sentido de que as fofocas se espalham depressa. Como não faz sentido traduzirmos palavra por palavra, o que evidenciaria a tendência deformadora do calco de Berman (2013), colocamos na tradução da frase uma metáfora, caracterizando a oralidade: “As fofocas correram de boca em boca”.

Segundo os dicionários de francês consultados, a locução “tant pis” (PCC) expressa a indiferença, desprezo, arrependimento. Ela se encontra na frase “Nous, nous allons laver notre linge nous-mêmes. Si tu veux venir avec nous, c’est bien. Si tu ne veux pas, tant pis !” (PCC) e expressa a frieza das irmãs mais velhas de Kodda em relação a esta última. A tradução escolhida foi: “Se você não quiser, azar!”, onde “azar” também aparece como uma expressão da oralidade. Outra expressão que foi facilmente traduzida é a locução adverbial francesa “de loin en loin” (PCC), que tem seu equivalente estabelecido na língua portuguesa, em “de tempos em tempos” mantendo a marca oral no texto traduzido.

No provérbio “Le destin avait fait son oeuvre...” (PCC), “faire oeuvre” significa agir, trabalhar, segundo o dicionário CNRTL (2005). Segundo Berman (2013), não se deve achar equivalentes para provérbios, expressões idiomáticas, pois elas são marcas da cultura, do Estrangeiro, e o tradutor deve levar o leitor ao Estrangeiro, para mostrar o Outro. Para Berman, procurar equivalentes “significa recusar introduzir na língua para a qual se traduz a *estranheza* do provérbio original” (BERMAN, 2013, p. 21). Deve-se então traduzir a letra, que é o que tentamos fazer aqui. A tradução foi “O destino tinha feito sua obra...”. Foram mantidos forma e sentido da frase original, pois o leitor compreende a expressão, mesmo que ela não seja própria à língua portuguesa. Outra tradução poderia ter sido “O destino tinha posto mãos à obra”, onde “pôr as mãos à obra” também significa trabalhar, e pertence à cultura da língua do Brasil, mas, como já vimos, de acordo com Berman (2013), não é preciso encontrar equivalentes nas traduções de uma cultura à outra. Acreditamos que quando falta melhor opção, como é o caso de outros exemplos, é aceitável traduzir por um equivalente da língua de chegada; mas se é possível traduzir a expressão palavra por palavra sem perder sua compreensibilidade por parte do

leitor, pode ser interessante para este último conhecer uma nova construção ou um novo jogo de palavras.

Veja-se agora o provérbio “un rien tue tout” (BDL), que foi traduzido palavra por palavra sem alterar o sentido e forma da frase: “um nada mata tudo”. Esse provérbio, como explica Hampâté Bâ (2005), pode também servir de título ao conto “Il n’y a de petite querelle, comme il n’y a pas de petit incendie”, que também é um provérbio. Ambos provérbios significam que é preciso dar atenção a todas as preocupações por menores que pareçam ser, pois se não o fizermos, aquilo pode se tornar um problema grande com consequências graves. Se encontrássemos um provérbio correspondente em português, estaríamos domesticando o Estrangeiro, o que não é nosso objetivo. Dessa forma, optamos por traduzir a letra, mesmo que não seja um ditado brasileiro, mas o sentido é o mesmo, apresentando outra imagem ao leitor: “não existe pequena briga, assim como não existe pequeno incêndio”.

Em “une querelle de lézards, vraiment !” (BDL), “vraiment”, que significa “realmente, verdadeiramente”, é empregada como uma expressão de desprezo do bode com relação à briga das lagartixa, pois ele não acredita que aquela briga seja importante. Ao mesmo tempo, ele se revolta com o cachorro por este achar que ele deve se preocupar com isso, e daí a frase citada. Para traduzi-la, mantendo os sentimentos do bode, usamos uma expressão em português que poderia exprimi-los também: “Uma briga de lagartixas, faça-me o favor!”. Na mesma linha de raciocínio, há a interjeição “hélas” (BDL, MMM, PCC), que expressa sentimentos dolorosos, como tristeza e arrependimento, e como não existe um correspondente específico na língua portuguesa, seguimos diferentes estratégias tradutórias para as partes em que aparecia essa interjeição: “oh”, “puxa!”, “triste deles”, “pois é”, “infelizmente”, “mas”. O objetivo aí foi manter o sentimento causado pela expressão e se possível através de interjeições da oralidade de nosso idioma.

Há ainda as seguintes expressões em francês que podem ser traduzidas quase palavra por palavra para o português, já que seus respectivos correspondentes são parecidos. A primeira é “sauver sa tête” (PCC), que literalmente é “salvar sua cabeça”, e que tem uma expressão mais utilizada no Brasil que é “salvar sua pele”, mas mantivemos a primeira opção, já que o sentido é compreensível para o leitor e para não adaptarmos o Estrangeiro ao Brasil. A segunda expressão é “sa vie ne tient qu’à un fil” (BDL), que foi facilmente traduzida, devido à forma e ao sentido que são os mesmos na língua portuguesa, em “sua vida está por um fio”. E a terceira expressão se encontra em “Kodda en étaît

tombée amoureuse à en mourir” (PCC), em que “tomber amoureuse” é “ficar apaixonada”, “se apaixonar” e usando a mesma metáfora é “cair de amores”. Mas, além disso, ela estava quase “morrendo de amores”. No entanto, não conseguimos manter as duas expressões na frase e a tradução final ficou “Kodda caiu de amores por ele”.

No texto da “máscara de madeira” (MMM), durante a luta com o monstro de Sakaye, Hammadi desmaia e depois acorda, exprimido pela frase “losrqu’il retrouva ses esprits”. Literalmente “retrouver ses esprits” significa “reencontrar seus espíritos”, em que um dos significados de “esprit” e “espírito” é pensamento, mente cabeça, como no exemplo: “a cena não me sai do espírito/da cabeça”. No entanto, dizer que Hammadi “reencontrou seus espíritos” não tem o mesmo sentido que a frase em francês, então traduzimos em “quando voltou a si”.

“Ronde” é “roda” e a expressão “à la ronde” (PCC) se refere a um espaço que se situa nos entornos de um local específico. Quanto ao termo “lieue” (PCC), é uma antiga unidade de medida com valores diferentes, de acordo com cada país. Essa medida, de acordo com dicionários de língua francesa, relacionada à terra, por exemplo, valia 4445 km, enquanto para o mar valia 5556 km, mas no Brasil, a légua equivale a 6600 km. Contudo pode-se observar nos dicionários que ambos os termos “lieue” e “légua” podem ser usados para caracterizar uma longa distância. Assim na frase do texto do pastor corcunda que diz que se ouviam os gritos e pancadas da guerra de longe, usou-se a expressão francesa “à des lieues à la ronde”, que foi traduzida em “a léguas de distância”.

“De bonne heure” é uma expressão idiomática que significa “cedo”, não podendo ser traduzida palavra por palavra, pois ficaria desprovida de sentido na língua portuguesa. “Un matin de très bonne heure” (BDL) se refere a um momento muito cedo de uma manhã, e para mantermos o sentido e a marca oral contida na expressão mencionada, traduzimos “numa manhã bem cedinho”, que mostra que não é apenas um momento cedo, mas sim bastante cedo. Além disso, utilizamos o advérbio “bem”, que é próprio da linguagem oral e a marca do diminutivo em “cedinho” que também pertence à oralidade brasileira. Seguindo essa lógica, na outra aparição da mesma expressão em “le lendemain matin de bonne heure”, (PCC) traduzimos em “no dia seguinte de manhã cedo”.

“De plus belle” (BDL) é outra expressão que, se traduzida palavra por palavra, fica incompreensível ao leitor do texto em português. Ela se encontra na frase “les lézards, crachottant de plus belle (...)” e significa que as lagartixas estavam cuspidando ainda mais. Não

encontrando uma expressão com o mesmo sentido em português, traduzimos em “as lagartixas, escarrando mais ainda (...)”.

Se observarmos o primeiro significado de “peine”, veremos que é parecido com “pena”. No entanto, analisaremos aqui os diversos usos que essa palavra tem dentro de expressões fixas, modificando todo o sentido inicial que o termo apresenta. Na primeira expressão “ce n’est pas la peine” (PCC), o sentido é de que não é preciso fazer aquele esforço ou trabalho, como no caso das irmãs de Kodda que falam que vão lavar as roupas e Kodda diz que não é necessário, pois há criadas que fazem isso, o que nos fez traduzir essa expressão em “não precisa”. Já a locução “à peine” (MMM) significa “apenas”, termo que poderíamos ter aplicado na tradução para o português, mas preferimos alguma locução que mantivesse a marca oral do texto, além do sentido, e então optamos por “mal”: “mal haviam os griots de Hammadi entoado sua música evocativo (...)”.

“Peine perdue” (BDL) significa que houve um esforço perdido, inútil, e poderia ter sido traduzido utilizando mesmo estes termos, porém, como, sempre que possível, buscamos manter, além do estrangeiro, as marcas orais do texto também, traduzimos em “perda de tempo”, expressão idiomática bastante utilizada na fala do brasileiro. Já em “si tu avais pris la peine d’arrêter cette petite bagarre (...)” (BDL), o cachorro quer dizer que o outro bicho tivesse feito o esforço de parar a briga, nada de ruim teria acontecido depois. Para alcançarmos um efeito coloquial, traduzimos em “se você tivesse se dado o trabalho de parar essa briguinta (...)”.

E para finalizar os diversos exemplos de uso de “peine”, temos a frase “quelle peine que d’être toujours en remorque de quelqu’un pour sortir comme pour entrer, suant et empestant l’air environnant d’une haleine puante”. Hammadi (MMM) se refere a um fula que não morre em batalha e sim devido a alguma doença, o que causa uma situação degradante e mesmo desonrosa, dentro daquela cultura. Assim, seria considerado um sofrimento viver dependendo de alguém e exalando cheiros ruins. Traduzimos em “que dor ficar sempre a reboque de alguém para sair e para entrar (...)”, pois a carga emocional de desgosto parece ser maior em “que dor” do que em “que pena”.

Algo que marca também a oralidade e o coloquialismo é o uso do diminutivo. Na língua francesa, o diminutivo é construído pelo acréscimo do adjetivo “pequeno(a)” ao substantivo, enquanto no português há a mesma opção do francês, mas também há alternativa de acréscimo do sufixo “inho(a)” diretamente ao substantivo que se quer qualificar. Assim, utilizamos a última opção como estratégia tradutória

para alguns termos do francês acompanhados de “petit(e)”, como “petites boules” (MMM) e “petits veaux” (PCC), traduzindo respectivamente em “bolinhas” e “bezerrinhos”. Para “petite fille”, que aparece duas vezes no conto da máscara, traduzimos em “menininha”, e em outro momento traduzimos em “filha menina”, pois “fille” pode significar “filha” e “menina”, e neste caso, se referia à filha de mamãe Koumbourou. Poderia soar redundante “filha menina”, mas neste caso, é marca própria da oralidade também, característica destes contos. “Petit palmier” (PCC) também foi traduzido em “palmeirinha” devido à marca oral, mas principalmente porque há cantos entoados por Samba e Penda, em “o pastor corcunda-corcunda”, que não soariam com naturalidade se fosse usado “pequena palmeira”: “*Palmeirinha, desça, desça, desça! / Bem baixo, bem baixo, bem baixo!*”.

Na frase “tu t’estimes au-dessus de ces petites choses” (PCC), dita pela irmã de Kodda, quando esta fala que não é preciso que elas vão lavar as roupas, pois há criadas que fazem esse trabalho, “petites choses” parece carregar um sentido irônico de desprezo, e que também pode ser expresso pelo diminutivo –inho em português, o que tornou a tradução em “você se considera acima dessas coisinhas”. Isso parece acontecer também quando o cachorro diz ao bode que nada de ruim teria acontecido se este último tivesse ajudado a solucionar o problema: “se você tivesse se dado o trabalho de parar essa briguinha, hoje você teria a vida salva” (BDL). A expressão da frase original em francês, “prendre la peine d’arrêter cette petite bagarre” também parece carregada de ironia, pois o cachorro parece criticar indiretamente a postura de desprezo que o bode tomou com relação à briga, quando diz que “jamais uma guerra de lagartixas prejudicou alguém”. Assim utilizamos o diminutivo como forma de ironia ao desprezo antes exprimido pelo bode, e o diminutivo também foi usado na conclusão do conto que também critica esse desprezo por algo aparentemente pequeno, mas que no fim causou muitas mortes. A frase “à cause de la bataille de deux petits lézards pour une mouche morte (...)” (BDL) foi traduzida em “por causa da batalha das duas lagartixinhas por uma mosca morta (...)”, que menospreza ironicamente o tamanho das lagartixas, que, no entanto, ao fim, causou todas as tragédias.

Ainda no quesito sobre uso do diminutivo, em francês, “tout” (“tudo”) tem a função de um advérbio que, seguido de um adjetivo, significa “de uma forma integral, absoluta” (CNRTL, 2005). Há um momento da história do “pastor corcunda” que Penda, sozinha, entoava os cantos para a palmeira subir, enquanto vários homens cantavam para que a árvore descesse. Diz-se então que “Penda toute seule chantait”,

que foi traduzido, com o uso do diminutivo, em “Penda sozinha cantava”. Vemos também o uso do advérbio “tout” com este mesmo sentido em “donne une toute petite place pour Leguel-Badhadhi” (MMM), quando esta, antes de se tornar a Máscara de Madeira, está procurando alguém que pudesse hospedá-la. “Petite place” quer dizer um pequeno espaço, mas com o uso do advérbio “tout”, intensifica ainda mais essa pequenez, o que nos fez traduzir então em “dê um espacinho bem pequeno (...)”, marcando a oralidade, pelo uso do diminutivo e de “bem” e passando a impressão do tamanho do lugar que Leguel procura.

Agora analisaremos o diminutivo em “petite querelle”, no conto “A briga das duas lagartixas” e que aparece em muitos momentos do texto, especialmente no provérbio que serve de base para este conto: “il n’y a pas de petite querelle, comme il n’y a pas de petit incendie”. Traduzimos o provérbio em “não existe pequena briga, assim como não existe pequeno incêndio”. Tínhamos a opção de colocar “briguinha” ao invés de “pequena briga”, mas acreditamos que manter as duas palavras separadas torna mais evidente a antítese entre elas, já que nenhuma briga pode ser considerada pequena, como vimos, aliás, no próprio desenrolar dos fatos e triste consequências neste conto. Assim, traduzimos sempre palavra por palavra neste caso.

E para concluir esta parte, houve dois momentos em que não foi usada a palavra “petit(e)” (pequeno/pequena), mas a ideia passada era essa, o que nos fez usar o diminutivo no português. Um dos casos é quando a Máscara de madeira quer ajudar a mãe de Hammadi a fazer os bolinhos de mel. Apesar de termos traduzido “petite boule” (MMM) em “bolinha”, nossas pesquisas em dicionários mostraram que “boulette” (MMM) não é necessariamente uma bolinha também, mas um bolinho, no sentido brasileiro, que remete diretamente à culinária, o que nos fez traduzir por “bolinho”. E em “jeunes pousses” (PCC), “pousse” se refere à planta quando está em seu primeiro estágio de crescimento, segundo o dicionário *Le Petit Larousse Illustré* (2005), correspondendo ao termo “broto” em português. Poderíamos ter traduzido em “jovens brotos”, mas o uso do diminutivo –inho marcou a oralidade no texto, algo que vimos também buscar ao longo das traduções dos contos: “Grelhados pelo sol, os brotinhos se contorciam e secavam ali mesmo”.

Poderíamos ainda dissertar sobre muitas expressões, pois, como dissemos, elas fazem parte de nosso cotidiano e são recorrentes nos contos estudados nesta dissertação. Mas acreditamos que as estratégias tradutórias expostas nesta parte do nosso trabalho abrangem também os outros problemas encontrados, no sentido de evitarmos domesticar o texto, quando possível, e apenas levar o leitor ao Estrangeiro; nos casos

contrários, por outro lado, para evitar as armadilhas do excessivo estranhamento, optamos por expressões e vocabulário similares do português brasileiro.

4.3 QUESTÕES MORFOSSINTÁTICAS, ASPECTOS FONOLÓGICOS E NOMES PRÓPRIOS

Nas línguas portuguesa e francesa, os afixos (prefixos e sufixos) são morfemas que dão novo sentido ou função às palavras a que foram acrescentados. Na frase “des bribes de récits s’en échappaient par de menues déchirures, mais il les reprenait et les remettait dans son ventre” (PCC), temos ocorrências de prefixos em “reprenait” e “remettait”, os quais foram traduzidos inicialmente em “pegava” e “punha de volta”. Para manter o som desse prefixo empregado no texto de forma recorrente para sugerir, provavelmente, a ideia de que fatos e eventos se repetem com a regularidade da natureza, traduzimos então os termos com “retomava” e “recolocava”. Esse recurso estilístico baseia-se no emprego da repetição de unidades sonoras semelhantes para instaurar, na leitura do texto, um ritmo que se apresenta como uma forma de representação mimética dos fatos da natureza que se repetem com cadência regular e reiterada. Trata-se da assonância, no caso das vogais, e da aliteração, no caso das consoantes. A leitura da versão francesa desses contos africanos revela uma forte preocupação com a sonoridade; esse aspecto facilita a memorização da história e, por extensão, dos ensinamentos veiculados pelos fatos narrados. Parece-nos que, neste caso, estamos diante do resultado linguístico da convivência permanente e plurissecular de humanos em estreita relação com a natureza e seus ciclos, tal como vimos na primeira parte deste estudo.

A mesma marca estilística se encontra ao longo do texto, como no vocábulo “renvoyer”, que ressurgue por quatro vezes no conto do “pastor corcunda” (PCC), três das quais em trechos que descrevem, justamente, a repetição de uma mesma situação, característica do conto africano. “Renvoyer” significa enviar de volta ou enviar ao ponto de partida, segundo dicionários de língua francesa. Esse termo repete-se no episódio em que o batalhão do rei Manna tenta, por diversas vezes, raptar Penda, mas Samba os derrota e os manda de volta à cidade. Traduzir “renvoyer” por “reenviar”, ainda que se conserve a repetição do prefixo –re, parece-nos inadequado do ponto de vista semântico, pois o verbo “reenviar” é impróprio para o objeto, que neste caso, são pessoas. Optamos por traduzir por “mandar de volta” em todos os

momentos, apesar de resultar em “alongamento” do texto, uma das tendências deformadoras citadas por Berman (2013).

Já no momento em que o exército e Penda estão brigando para fazer a palmeira descer ou subir por meio de um canto mágico, usa-se o verbo “remonter” (PCC) que significa “subir novamente”, equivalente em língua portuguesa que soaria excessivamente formal nesse conto oral, sobretudo por se inserir na musicalidade de um canto. A opção “suba de volta” ampliaria a extensão do texto, mesmo que o sintagma “de volta” retome a oralidade do texto original. Ao final de nossas reflexões, utilizamos apenas “suba” para evitar o alongamento, ainda que a opção inscreva-se na tendência deformadora de “empobrecimento qualitativo” de Berman (2013), pois resulta em apagamento da sonoridade e da iconicidade do termo original. No espaço das fendas transgressoras da língua, o tradutor será muitas vezes obrigado a adotar uma das tendências deformadoras: o que aqui tentamos fazer é nos conscientizar de nossas escolhas tradutórias para evitar sua aplicação automática e indiscriminada, como resultado de um processo permanente de reflexão sobre as opções tradutórias.

Com relação à estratégia tradutória para transpor em português o verbo “enjamber” (PCC), foi inevitável ceder ao alongamento. O verbo significa passar por cima de um obstáculo estendendo uma perna após a outra, ação para a qual falta correspondente direto em língua portuguesa. Dessa forma, tivemos que traduzir este termo através de uma explicação que fosse breve, para não resultar num demasiado alongamento. O termo aparece no castigo proposto pelo rei Manna à sua filha traidora que teria que se deitar à frente da porta de sua irmã Kodda todo dia, “a fim de que esta passasse por cima dela no momento de chegar em casa”. A dificuldade foi maior quando o verbo apareceu em forma de particípio passado, em “la soeur coupable, enjambée par sa cadette devant toute la population (...)”. Foi impossível manter a frase na voz passiva, por falta de correspondência na língua portuguesa: “a irmã culpada, com sua irmã caçula que passava por cima de seu corpo na frente de toda a população (...)”.

Segundo o dicionário do CNRTL (2005), “chez” é uma preposição “que exprime a relação ‘no interior de’, este interior sendo considerado como o local de fenômenos típicos”. Esta palavra é usada, por exemplo, para indicar a casa de alguém (“il y a un chien chez moi”: “há um cachorro em minha casa”), para indicar alguma comunidade (“chez les brésiliens, on mange de haricot”: “no Brasil, come-se feijão”), para indicar o local onde se realiza uma profissão (“je vais chez le dentiste”: “eu vou ao dentista”). No fim do conto das “duas lagartixas”

(BDL), Hampâté Bâ diz: “chez nous les vieux enseignent aux jeunes (...)”, que significa que no meio em que ele vive, os velhos ensinam aos jovens. No entanto, não sabemos se “chez nous” se refere à África como um todo ou ao Mali ou apenas aos fulas. Para não cometer algum “erro”, optamos por traduzir apenas em “aqui”, que pode se referir a todos esses grupos.

Há alguns aspectos linguísticos que merecem uma breve análise, como é o caso do uso do pronome na língua francesa. Nesse idioma, é obrigatório o emprego do pronome pessoal diante de seu respectivo verbo. Contudo, o português é alheio a essa regra. Assim, no momento de traduzir, consideramos que o sujeito do verbo é identificado por meio do contexto, caso em que ocorre o pronome oculto, e ocultamos diversos pronomes para evitar repetições desnecessárias.

Houve também passagens do texto em que modos verbais foram alterados para poderem cumprir as regras da gramática da língua portuguesa, como, por exemplo, na frase “elle n’était ni grosse pour être gênée dans ses mouvements, ni trop maigre pour risquer de piquer de la point de ses os celui qui la frôlait” (MMM). Este último verbo “frôlait” que se encontra aí no tempo do pretérito imperfeito foi alterado para o modo condicional do português: “que nela tocasse”. Também há um momento do texto da “máscara de madeira” em que o velho bufão diz que vai fazer a menina sair de lá rapidamente. A palavra usada foi “rapidamente”, um advérbio, aqui empregado para qualificar ações. No entanto, como era uma fala, optamos por traduzir por “(...) um gênio travesso, que se ocupará de te transportar ao diabo mais rápido que suas duas muletas”, transformando o advérbio “rapidamente” no adjetivo “rápido”. Mesmo que adjetivos sejam usados para caracterizar substantivos, na oralidade é muito comum o uso de adjetivos para caracterizar verbos também, daí nossa escolha tradutória.

No que concerne à formação do gerúndio na língua portuguesa, acrescenta-se, ao radical do verbo, os sufixos “ando”, “endo” ou “indo”; na língua francesa, o gerúndio pode ser formado pelo verbo no infinitivo, precedido de “en train de”. Observamos então na seguinte frase a ocorrência da tendência deformadora denominada “compressão linguística”, em razão da diferença gramatical entre os dois idiomas: a passagem “Penda, confortablement installée dans son nid de feuillage, était en train de confectionner un van (...)” foi traduzida como “Penda, confortavelmente instalada em seu ninho de folhagem, estava confeccionando um cesto (...)” (PCC).

O “passé simple” da língua francesa é raramente usado no registro oral, ocasião em que os falantes servem-se do “passé composé”.

Aquele tempo verbal costuma ser usado para o relato escrito de fatos que aconteceram num passado distante, tanto em documentos quanto em textos de ficção, tais como fábulas e contos. Apesar da natureza oral dos contos coletados por Hampâté Bâ, o etnólogo optou pelo recurso ao “passé simple”. Em nossa versão dos contos, o “passé simple” foi substituído pelo pretérito perfeito, com sentido similar ao do original. Segundo Germana Henriques Pereira de Sousa, o “passé simple” e o pretérito perfeito se correspondem, na medida em que se inscrevem como “o tempo clássico do relato (*récit*)”, representando ações transcorridas no passado, por meio de um ponto de vista distante (SOUSA, 2011, p. 301).

No que se refere aos antropônimos, os personagens dos contos (MMM, PCC) têm nomes efetivamente africanos, pouco utilizados ou desconhecidos no Brasil: Penda, Samba, Hammadi, Kodda etc. Optamos por mantê-los, pois sua tradução ou adaptação corresponderia a uma domesticação do texto, que suprimiria por completo a essência das histórias. Evitamos o emprego de itálico para esses nomes, pois o leitor logo percebe o que há de estrangeiro nesses fragmentos textuais, e destacá-los por meio de recursos diacríticos corresponderia a uma forma de exotização, tendência também condenada por Berman (2013). Nesse caso, evita-se o risco de incorrer em formas de preconceito inconsciente, pois o exótico às vezes é visto como estranho, diferente, anormal aos olhos de quem vê e que se considera, portanto, normal.

No que se refere à versão francesa do conto do “pastor corcunda” (PCC), a nota de rodapé número 11 afirma que todos os nomes são fulas. Na tradução, apenas “Guéno” (divindade fula) perdeu seu acento diacrítico, para evitar que a pronúncia seja diferente na língua portuguesa; cabe sublinhar que o *Dictionnaire Fulfulde (Peul)* (PEERAL, s.d.) registra “Gueno” sem o acento utilizado em francês.

O mesmo dicionário, no que concerne ao nome “Kodda” (PCC), traz as seguintes referências: “*koddaajo*” e “*toolaajo*”. Esses termos correspondem a “caçula”, “aquele(a) que nasceu por último”, “cadete”. No texto fonte, o nome “Kodda” vem acompanhado algumas vezes da palavra “*cadette*”, fato que poderia induzir, no nosso trabalho, a opção por adotar algum termo com o mesmo significado. No entanto, tentamos evitar ao máximo domesticar o texto ou adaptar os nomes estrangeiros à cultura do leitor, razão pela qual mantivemos “Kodda”. O referido dicionário não oferece significados para os outros nomes do conto do “pastor corcunda” (PCC): Samba, Penda, Manna, Ilo e Barka.

No conto da “máscara de madeira” (MMM), a personagem principal tem o nome de Leguel-Badhadhi, que é filha da árvore

Badhadhi cuja variante pode ser “badaadi” (BLENCH, 2006). Esse nome é explicado em nota peritextual como denominação fula para a árvore *Commiphora africana*. Leguel-Badhadhi é a menina da máscara de madeira e seu nome se origina da junção de “badhadhi” com “leguel” (também “leggal”), termo que significa “madeira”, “pedaço de madeira” ou “árvore”, segundo o *Dictionnaire peul de l’agriculture et de la nature* (TOURNEUX; YAYA, 1998).

Figura 14 – Árvore *Commiphora africana*.



Fonte: http://www.westafricanplants.senckenberg.de/images/pictures/commiphora_africana_dec2012tm04_b_413_1b8184.jpg

Figura 15 – Fruto da árvore *Commiphora africana*



Fonte: http://www.westafricanplants.senckenberg.de/images/pictures/commiphora_africana_dsc_0331_azizka_413_183ce4.jpg

Em nossa tradução, tínhamos a opção de nomear a menina com a expressão “Lasca de Badhadhi” ou “Madeira de Badhadhi”, com a vantagem de imediatamente explicar, sem recurso a uma nota paratradutiva, o significado de “Leguel”. Contudo, uma vez mais, optamos por manter o Estrangeiro no texto. Entretanto, “Adam” (MMM) foi traduzido como “Adão”, por fazer parte da cultura brasileira, o que possibilita sua tradução em conformidade com a recomendação difundida de que se traduzam nomes já socialmente aceitos e conhecidos na cultura de chegada (como cidades de outros países, por exemplo: Nova Iorque, Pequim etc).

O nome “Ardo” (MMM) – também “ardò” – é explicado por meio da nota peritextual como aquele que guia os transumantes ou aquele que é mestre de iniciação. Segundo o *Dictionnaire Fulfulde (Peul)* (PEERAL, s.d.), “Ardo” corresponde a “chefe”, termo que poderia ser utilizado para a tradução literal, com a evidente perda de seu sentido específico e do encontro do leitor com o Outro. Mantivemos o original fula em nossa tradução, sem recurso a itálico, assim como fez Hampâté Bâ em seus próprios textos. Já “Thiorinké” (MMM) é um substantivo que corresponde a um “vidente e mágico fula”, como se explica no corpo do próprio texto. O termo está ausente nos dicionários aos quais tivemos acesso, fato que nos levou a mantê-lo na tradução, sem nenhum tipo de nota paratradutiva. Cabe sublinhar ainda o nome “Waye” cujo significado é explicado no corpo do texto como “avô dos fulas da tribo Férobé”, um dos clans fulas, razão pela qual o nome foi conservado na tradução.

Para finalizar a presente pesquisa, e de acordo com as normas aplicadas a trabalhos científicos, apresentamos na próxima sessão nossas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho de tradução de contos orais africanos, e sua respectiva análise crítica, demonstrou a necessidade de se conservar o caráter estrangeiro dos textos, tal como sugere Berman (2013), a fim de agregar novos conhecimentos ao leitor da tradução. A noção de paratexto de Genette (1982, 2009) exerceu papel importante para que buscássemos responder aos objetivos de nosso trabalho, pois, a partir dos estudos do peritexto e do epitexto do escritor e da obra, foi possível uma melhor compreensão da história africana, com seus aspectos políticos e literários. No caso do presente estudo, o peritexto analisado consistiu prioritariamente nas notas de rodapé, na introdução, na capa e no anexo do livro *Il n'y a pas de petite querelle*. Por sua vez, o epitexto teve base em leituras de outras obras de Hampâté Bâ, assim como estudos sobre ele e arquivos de Héléne Heckmann, sua antiga executora testamentária.

Após os estudos dos contos coletados por Hampâté Bâ e seus paratextos, realizamos as traduções dos contos, justificando nossas escolhas por meio da paratradução, conceito desenvolvido por Frías (2010). Nosso trabalho consistiu em paratradução, além da tradução, tendo em vista a necessidade de se abordar aspectos como o contexto em que viveu o etnólogo, espaço em que foram coletados seus contos, além de discutirmos alguns dos procedimentos tradutórios adotados. No espaço das próprias traduções, expusemos notas paratradutivas, correspondentes às notas de rodapé do texto em francês, assim como acrescentamos outras informações que julgamos necessárias para a compreensão da leitura.

Podemos supor que, embora, como afirma Frías (2010), os textos existam somente a partir de situações de leitura, colocando no mesmo patamar de importância o texto, o leitor e o escritor, pode-se afirmar que os paratextos são entidades esclarecedoras, já que através delas é possível instruir o leitor a respeito dos percursos denotativos, conotativos e associativos a serem estabelecidos em determinado texto. Reafirma-se, então, a complementariedade possível entre uma das propostas de Berman (2013), referente à manutenção do caráter estrangeiro dos textos, e a prática da paratextualidade como procedimento para se conservar, se necessário, por exemplo, denominações em língua estrangeira, uma vez que suas significações poderão ser construídas através das instruções presentes nas notas.

O estudo desses contos nos mostra que a coleta e o registro de literatura oral podem corresponder a uma forma de tradução, pois

Hampâté Bâ, por vezes, se confrontou com versões divergentes de um mesmo conto, para depois compilar de forma seletiva diferentes fragmentos de diversas origens para a constituição de uma versão final escrita. Para bem realizar sua compilação, o escritor interpretou e parafraseou os depoimentos coletados junto aos contadores de história e demais detentores desse saber tradicional. Hampâté Bâ também realizou uma segunda tradução, já que, provavelmente, coletou os contos em idiomas próprios das etnias africanas, para, em seguida, traduzir para a língua francesa, hoje, idioma oficial do Mali e de outras ex-colônias francesas da África.

Marcas evidentes do Estrangeiro nos contos desta pesquisa se referiam a antropônimos, nomes de objetos, plantas e animais, práticas culturais específicas da África e uma sintaxe ritmada inspirada na tradição oral desse continente, imagens que representam a cultura de um povo cujo cotidiano era marcado pelo contato direto com os elementos da natureza. Esses aspectos trazem diferentes desafios para os tradutores de segunda mão que se propõem a levar os contos orais africanos para seus respectivos países e culturas. Ao longo da prática tradutória, foi possível notar que temos a tendência de buscar “melhorar” o texto, generalizando termos, ordenando-os de forma a parecer mais correto na língua traduzida, e às vezes exotizamos o Estrangeiro devido ao receio de apagá-lo. O conhecimento das tendências deformadoras de Berman (2013) foi essencial para compreendermos o que acontece no processo tradutório, já que muitas das opções feitas pelo tradutor não são feitas conscientemente, e sim automaticamente.

Os dois últimos contos, da “máscara de madeira” e do “pastor corcunda” impuseram, claramente, mais problemas tradutórios pelo fato de conterem muitos elementos culturais africanos. Ao contrário, o primeiro, sobre a “briga das lagartixas”, apresentou menos elementos específicos à África, parecendo ser um conto de caráter mais global. Embora as dificuldades enfrentadas na prática tradutória tenham sido diversas, acreditamos que conseguimos trazer a marca estrangeira na tradução dos textos, tendo o propósito de fazer conhecer um pouco mais dessa cultura, intensamente plural e, provavelmente, ainda pouco conhecida pelos leitores brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATILF - Analyse et Traitement Informatique de la Langue Française; CNRTL - Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales. Portail Lexical. **Nancy**: Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), 2005. Disponível em: <<http://www.cnrtl.fr/portail/>>. Acesso em: 3 jul. 2013.

APPRENDRE LE PULLAR. s.l. s.d. Disponível em: <<http://poulo.e-monsite.com/pages/etudes/apprendre-le-pulaar.html>>. Acesso em: 14 jan. 2014.

AULETE, F. C.; VALENTE, A. L. S. **iDicionário Aulete**: o dicionário da língua portuguesa na internet. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2008. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 6 jun. 2013.

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoulel, o menino fula**. 2. ed. Tradução: Xina Smith de Vasconcellos. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2008.

_____. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). **História geral da África**: volume I: metodologia e pré-história da África. Tradução: Beatriz Turquetti. São Paulo: Ática; Paris: Unesco, 1982. p. 181-218.

_____. **Il n'y a pas de petite querelle**. Hélène Heckmann (Org.). Paris: Stock, 2005 [1999].

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BENEDICT, Anderson. **Nação e consciência nacional**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor**. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.

BERMAN, Antoine. **A Tradução e a Letra, ou O Albergue do Longínquo**. 2. ed. Tradução: Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BLENCH, Roger. **Fulfulde names for plants and trees in Nigeria, Cameroun, Chad and Niger** – Draft. Cambridge: 2006. Disponível em: <<http://www.rogerblench.info/Ethnoscience/Plants/General/Fulfulde%20Plant%20names.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2014.

BOULAFRAD, FATIHA. Amkoul l'enfant peul d'Amadou Hampâté Bâ – Roman autobiographique ?. **Synergies Pologne**, n. 7, p. 41-47, 2010. Disponível em: <<http://gerflint.fr/Base/Pologne7/fatiha.pdf>>. Acesso em: 4 abr. 2014.

BROWN, Dee Alexander. **Enterrem meu coração na curva do rio**. 3. ed. Tradução: Geraldo Galvão Ferraz. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. Tradução: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: USP, 2008.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras**. Tradução: Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CHEVRIER, Jacques. **L'Arbre à palabres: Essai sur les contes et récits traditionnels d'Afrique Noire**. Paris: Hatier, 2005.

CLAXTON, Mervyn. **Cultura y Desarrollo: Estudio**. Paris: UNESCO, 1994. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0009/000970/097070s.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2014.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução: Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

FRÍAS, José Yuste. Au seuil de la traduction : la paratraduction. In: NAAIJKENS, Ton (Org.). **Event or Incident. Événement ou Incident**. On the Role of Translation in the Dynamics of Cultural Exchange. Du rôle des traductions dans les processus d'échanges culturels. Bern,

Berlin, Bruxelles, Frankfurt am Main, New York, Oxford, Wien: Peter Lang, 2010. p. 287-316. Disponível em:
<http://www.joseyustefrias.com/docu/publicaciones/Au-seuil-de-la-traduction_la-paratraduction_JoseYusteFrias.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2014.

GAST, M. Baratte. In: CAMPS, Gabriel (Org.). **Encyclopédie Berbère**, 9, Baal – Ben Yasla. Aix-en-Provence: Edisud, 1991. Disponível em:
<<http://encyclopedieberbere.revues.org/1290>>. Acesso em: 8 mar. 2014.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestes: La littérature au second degré**. Paris: Seuil, 1982.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Tradução: Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

HECKMANN, Héléne. **Amadou Hampâté Bâ: sa vie, son oeuvre**. Comunicação apresentada ao Colloque des Associations Halpoular de Paris, Inalco, out. 1987.

_____. Introduction. In: BÂ, Amadou Hampâté. **Il n'y a pas de petite querelle**. Paris: Stock, 2005 [1999]. p. 5-15.

HINOJOSA, Fedra Osmara Rodríguez. **Traduções comentadas de contos marroquinos: por uma antologia do estrangeiro**. 2012. 333 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução)- Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

INSTITUT D'ETHNOLOGIE. **Proverbes et Maximes Peuls et Toucouleurs**. Paris: Université de Paris, 1931. Disponível em:
<<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k261619/f3.image>>. Acesso em: 9 jan. 2014.

INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO AGRÁRIA DE MOÇAMBIQUE. **Magazine do investigador**, n. 11, Maputo, 2010. Disponível em:
<http://www.iiam.gov.mz/documentos/centroszonais/magazine_czcentro_11.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2015.

L'ARTISANAT AU MALI – L'artisanat peul. **OoCities**. s.l. s.d.
Disponível em: <<http://www.oocities.org/infomali/arti/peul.htm>>.
Acesso em: 7 dez. 2013.

LIMA, Ronaldo. Tradução e paratexto na literatura árabe clássica. In: ENCONTRO DE ESTUDOS LITERÁRIOS DA UEMS - Perspectivas da literatura na sociedade, III, 2012, Campo Grande. **Revista de Estudos Literários da UEMS**, Campo Grande: Ed. Revell, 2012. v. 1. p. 30-40. Disponível em: <http://www.uems.br/eventos/revell/arquivos/15_2012-09-02_21-52-10.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2014.

MERLET, Philippe (Org.). **Le Petit Larousse Illustré**. 100. ed. Paris: Larousse, 2005.

MOASSAB, Andréia. **Arquitetura habitacional em Cabo Verde: (re)conhecimento e desenvolvimento**. 2013. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/cidade/arquitetura-habitacional-em-cabo-verde-reconhecimento-e-desenvolvimento>>. Acesso em: 10 out. 2014.

MOURA, Jean-Marc. **Littératures francophones et théorie postcoloniale**. 2. ed. Paris: Quadrigue Manuels, 2013.

NORD, Christiane. Translating as a purposeful activity: a prospective approach. **TEFLIN Journal**, v. 17, n. 2, ago. 2006. Disponível em: <<http://journal.teflin.org/index.php/teflin/article/view/108/96>>. Acesso em: 6 jul. 2013.

ONU. **Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas**. Rio de Janeiro: UNIC, 2008. Disponível em: <http://www.un.org/esa/socdev/unpfii/documents/DRIPS_pt.pdf>. Acesso em: 5 maio 2014.

PAGEAUX, Daniel-Henri. **La lyre d'Amphion: Pour une poétique sans frontières**. Paris: Presses Universitaires de la Sorbonne Nouvelle, 2001.

PEERAL. **Dictionnaire Fulfulde (Peul)**. Peeral, s.l. s.d. Disponível em: <http://www.peeral.com/saggitorde_f_f/index-french/main.htm>. Acesso em: 13 fev. 2014.

PELLISSIER, Cécile. Pour approfondir. In: BÂ, Amadou Hampâté. **La querelle des deux lézards et autres contes africains**. Paris: Larousse, 2012.

PEREIRA, Fernanda Alencar. **Literatura e política: a representação das elites pós-coloniais africanas em Chinua Achebe e Pepetela**. 2012. 286 f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte e École Doctorale Arts, Université Européenne de Bretagne/Rennes, 2012.

RADIO-CANADA. **Forum mondial de la langue française: visa refusé pour plusieurs participants**. Radio-Canada; Agence France-Presse, 4 jul. 2012. Disponível em: <<http://ici.radio-canada.ca/regions/quebec/2012/07/04/010-forum-francais-visa-refuse-participants.shtml>>. Acesso em: 5 jul. 2013.

REICHARDT, Charles Augustus Ludwig. **Vocabulary of the Fulde Language**. London: Church missionary society, 1878. Disponível em: <<https://archive.org/details/vocabularyfulde00socigoog>>. Acesso em: 2 mar. 2014.

RENAUDEAU, Michel. **Mali**. Portal eletrônico de fotografias. Disponível em: <<http://www.michelrenaudeau.fr/phototheque.html>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

REY, Alain (org.). **Le Robert Micro: Dictionnaire d'apprentissage de la langue française**. 4. ed. Paris: Le Robert, 2008.

SABINO, Marilei Amadeu. Expressões idiomáticas, provérbios e expressões idiomáticas proverbiais: iguais, semelhantes ou diferentes? In: BARROS, Lídia Almeida; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **O léxico em foco: múltiplos olhares**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 331-347. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0CCIQFjAB&url=http%3A%2F%2Flivros.universia.com.br%2F%3Fdl_name%3DLivros_Academicos%2FO_lexico_em_foco.pdf&ei=OEHKVMmcBMHMgwTjk4OgAg&usg=AFQjCNFj6G90-UgQWEFfy4E2XfXvLVZyA&sig2=kN_5GvO3rHKr8jBnKBVbeQ&bvm=bv.84607526,d.eXY>. Acesso em: 12 dez. 2013.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Tradução: Sandra Nitri. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SANANKOUA, Bintou. Amadou Hampâté Bâ, un témoignage. **VECMAS Tombouctou**, França, s.d. Disponível em: <<http://vecmas-tombouctou.ens-lyon.fr/IMG/pdf/BintouSanankoua.pdf>>. Acesso em: 4 set. 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 27. ed. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. Sobre os diferentes métodos de tradução. In: HEIDERMANN, Werner (Org.). **Clássicos da teoria da tradução**. 2. ed. Florianópolis: UFSC/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010. p. 38-101.

SELESKOVITCH, Danica; LEDERER, Marianne. **Interpréter pour traduire**. Paris: Didier Érudition, 1984.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de; LE CLÉZIO, Jean-Marie Gustave. Traduzindo Mondo, de Jean-Marie-Gustave Le Clézio. **Cadernos de Literatura em Tradução**, n. 12, p. 295-307, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/49549>>. Acesso em: 01 dez. 2013.

STOCK. **L'histoire des éditions Stock**. Paris: Stock, s.d. Disponível em: <<http://www.editions-stock.fr/lhistoire-des-editions-stock>>. Acesso em: 4 jun. 2014.

TOURNEUX, H.; YAYA, D. **Dictionnaire peul de l'agriculture et de la nature**: (Diamaré, Cameroun), suivi d'un index français-fulfulde. Paris / Wageningen / Montpellier: Karthala / CTA / CIRAD, 1998. Disponível em: <http://lacan.vjf.cnrs.fr/PDF/Publications/Tourneux/Diction_peul.pdf>. Acesso em: 5 out. 2014.

UNESCO. **Convenção Internacional sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais**. Paris: UNESCO, 2005. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/politicas5/-/asset_publisher/WORBGxCla6bB/content/convencao-sobre-a>

protecao-e-promocao-da-diversidade-das-expressoes-culturais/10913>. Acesso em: 5 maio 2014.

UNICEF. **Mali**. Statistics. 27 dez. 2013. Disponível em: <http://www.unicef.org/infobycountry/mali_statistics.html>. Acesso em: 5 nov. 2014.

UNIVERSITÉ DE LAVAL. CEFAN – Chaire pour le développement de la recherche sur la culture d’expression française en Amérique du Nord. **Mali**. Laval, Canadá: s.d. Disponível em: <<http://www.axl.cefan.ulaval.ca/afrique/mali.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

WORLDCAT IDENTITIES. **Bâ, Amadou Hampâté**. Dublin: OCLC, 2010. Disponível em: <<http://www.worldcat.org/wcidentities/lccn-n84149759>>. Acesso em: 5 jun. 2014.